



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -
PROFLETROS



JOSÉ KELLI SANTOS IBIAPINO ALBUQUERQUE

**DA FALA PARA A ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO NO USO DOS
PRONOMES OBLÍQUOS *ME* X *MIM* POR ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

TERESINA - PI

2025

JOSÉ KELLI SANTOS IBIAPINO ALBUQUERQUE

**DA FALA PARA A ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO NO USO DOS
PRONOMES OBLÍQUOS *ME* X *MIM* POR ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Linguagens e Letramentos.

LINHA DE PESQUISA: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva

TERESINA - PI

2025

JOSÉ KELLI SANTOS IBIAPINO ALBUQUERQUE

DA FALA PARA A ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES OBLÍQUOS *ME* X *MIM* POR ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Linguagens e Letramentos.

LINHA DE PESQUISA: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva

Dissertação aprovada em: ____ / ____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Ailma do Nascimento Silva
Orientadora

Professora Dra. Lucirene da Silva Carvalho
Examinador interno

Professora Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa
Examinador externo

Dedico este trabalho aos meus filhos Alexandre Enrico e Enzo Gabriel, à minha esposa Rosiane, a meus pais, irmãos e aos professores de língua portuguesa que atuam, principalmente, na educação básica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e determinação que sempre me proporcionou para que eu pudesse seguir em frente, vencendo os obstáculos que surgiram durante essa trajetória;

À minha família, que é a minha maior força para seguir adiante, em especial, aos meus filhos Alexandre e Enzo e à minha esposa Rosiane Ibiapino, que são a razão maior da minha busca constante por um futuro promissor;

Aos alunos da turma do 8º ano da escola campo da pesquisa, pelas informações essenciais para a concretização desse estudo;

À minha orientadora, professora Dra. Ailma do Nascimento Silva, pelas aulas elucidativas e embasadoras ministradas na disciplina de Fonologia, Variação e Ensino e pelas suas valiosas orientações para este trabalho; pelo companheirismo e dedicação.

Ao corpo docente do PROFLETRAS da Universidade Estadual do Piauí, por todas as contribuições relevantes proporcionadas durante o período do Mestrado em Letras;

À professora e Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras da UESPI, professora Dra. Lucirene da Silva Carvalho, pelo trabalho desenvolvido frente ao curso;

Ao professor Dr. André Pedro da Silva, da Universidade Federal da Bahia, pelas contribuições significativas como membro da banca de qualificação deste trabalho;

Às professoras Dra. Catarina de Sena (UFPI) e Dra. Lucirene da Silva Carvalho (UESPI), pelos aportes ao texto final, como membros da banca de defesa.

À professora Esp. Maria do Carmo Martins Lopes (UESPI) e à professora Ma. Ana Karina Barbosa Sampaio (UESPI), pelos conhecimentos repassados durante a graduação em Letras/Português, Campus Picos-PI, os quais contribuíram significativamente para o sucesso no Mestrado.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”

(Alves, 1994, p.1)

RESUMO

Esta dissertação tem como temática, a nasalidade presente no pronome oblíquo átono *me*, ao ser pronunciado como *mim*, por alunos do 8º ano de uma escola pública, situada na zona rural do município de Itainópolis-PI. Esse fenômeno fonológico reflete-se, recorrentemente, nas produções escritas desses alunos, nas quais é possível se observar a troca do pronome oblíquo átono *me* pelo tônico *mim*, em posição adjunta ao verbo. O objetivo principal deste estudo é averiguar se essa troca realizada está relacionada à forma nasalizada como eles articulam esse pronome no uso efetivo da língua nas mais diversas situações contextuais. A realização desse estudo, justifica-se pela recorrência de usos inadequados registrados nas produções escritas espontâneas dos alunos, fato observado constantemente pelo professor de língua portuguesa da turma, o que afeta a qualidade de seus textos escritos. Toda discussão partirá da abordagem dos pronomes pessoais latinos, ancorada em estudos de Comba (2002) e Almeida (2000), seguida da concepção de uso dos pronomes pessoais do português brasileiro preceituada pela Gramática Tradicional (GT), assentando-se nas regras descritas por Cunha & Cintra (2016), Bechara (2019), Cegalla (2020); e nos estudos linguísticos de Câmara Jr. (1970), Vagones (1980), Callou & Leite (1993), Silva (2002), Abaurre & Pagotto (2013), Bisol (2014), Battisti & Vieira (2014), Collischon (2014), Alves (2017), Matzenauer (2017), entre outros, com os quais se pretende compreender assertivamente essas trocas que se refletem na escrita. Como questões norteadoras da pesquisa têm-se: o uso inadequado do pronome *mim*, em vez de *me*, na escrita dos discentes, é influenciado pela forma nasalizada como eles articulam este último em suas interações linguísticas orais? O uso inadequado desses pronomes está relacionado ao desconhecimento, por parte dos alunos, das regras prescritas pela gramática normativa para o emprego formal destes? A pronúncia nasalizada do pronome *me* está relacionada ao desconhecimento dos clíticos oral e nasal? Presume-se que a nasalidade na forma como os alunos articulam o pronome *me*, efetivando-o como *mim*, em suas interações linguísticas orais, seja fator determinante para que estes substituam-no, inadequadamente, em suas produções escritas, pelo oblíquo tônico *mim*, em posição adjunta ao verbo. Outra causa desse uso inadequado pode ser a falta de conhecimento, por parte deles, das regras estabelecidas pela gramática normativa referentes ao uso de tais pronomes pessoais em questão. Ou talvez, tais alunos não conseguem distinguir o clítico na forma oral com o da forma nasal. Ao que parece, não distinguem oralidade com nasalidade. A pesquisa realizada, quanto à tipologia, é quali-quantitativa, exploratória, explicativa, descriptiva, intervencionista, bibliográfica, pesquisa de campo, documental, aplicada e levantamento (survey). Os resultados obtidos permitiram constatar interferência da oralidade na escrita dos alunos, com relação à troca do pronome oblíquo átono *me* pelo tônico *mim*, em posição adjunta ao verbo, bem como deficiência, apresentada por grande parte dos alunos da turma, no que diz respeito ao domínio das prescrições da gramática normativa referentes ao uso formal dos pronomes oblíquos em tela.

PALAVRAS-CHAVE: Fala. Escrita. Nasalidade. Pronomes Me/Mim.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the nasality of the unstressed oblique pronoun *me*, pronounced as *mim*, by 8th grade students from a public school located in the rural area of the city of Itainópolis, Piauí. This phonological phenomenon is frequently reflected in the written productions of these students, in which it is possible to observe the exchange of the unstressed oblique pronoun *me* for the tonic *mim*, in a position adjacent to the verb. The main objective of this study is to determine whether this exchange is related to the nasalized form in which they articulate this pronoun in the effective use of the language in the most diverse contextual situations. This study is justified by the recurrence of inappropriate uses recorded in the spontaneous written productions of the students, a fact constantly observed by the Portuguese language teacher of the class, which affects the quality of their written texts. All discussion will start from the approach of Latin personal pronouns, anchored in studies by Comba (2002) and Almeida (2000), followed by the conception of the use of personal pronouns in Brazilian Portuguese prescribed by Traditional Grammar (GT), based on the rules described by Cunha & Cintra (2016), Bechara (2019), Cegalla (2020); and in the linguistic studies of Câmara Jr. (1970), Vagones (1980), Callou & Leite (1993), Silva (2002), Abaurre & Pagotto (2013), Bisol (2014), Battisti & Vieira (2014), Collischon (2014), Alves (2017), Matzenauer (2017), among others, with which we intend to assertively understand these exchanges that are reflected in writing. The guiding questions of the research are: is the inappropriate use of the pronoun *mim*, instead of *me*, in students' writing influenced by the nasalized way in which they articulate the latter in their oral linguistic interactions? Is the inappropriate use of these pronouns related to the students' lack of knowledge of the rules prescribed by normative grammar for their formal use? Is the nasalized pronunciation of the pronoun *me* related to the lack of knowledge of oral and nasal clitics? It is assumed that the nasality in the way in which students articulate the pronoun *me*, making it effective as *mim*, in their oral linguistic interactions, is a determining factor for them to inappropriately replace it, in their written productions, with the oblique tonic *mim*, in a position adjacent to the verb. Another cause of this inappropriate use may be the students' lack of knowledge of the rules established by normative grammar regarding the use of such personal pronouns in question. Or perhaps, such students are unable to distinguish the clitic in the oral form from that in the nasal form. Apparently, they do not distinguish between orality and nasality. The research conducted, in terms of typology, is qualitative-quantitative, exploratory, explanatory, descriptive, interventionist, bibliographical, field research, documentary, applied, and survey. The results revealed the interference of oral language in students' writing, related to the replacement of the unstressed oblique pronoun "me" with the stressed "mim" near the verb, as well as a deficiency, presented by a large proportion of the students in the class, regarding the mastery of normative grammar prescriptions related to the formal use of oblique pronouns in question.

KEYWORDS: Speaking. Writing. Nasality. Me/Mim pronouns.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Véu palatino / Palato mole e Cavidade nasal	38
Figura 2 – Exemplo arbóreo da palavra <i>pão</i>	40
Figura 3 – Sistema vocálico tônico oral do português brasileiro	44
Figura 4 – Articulação das vogais quanto à altura	45
Figura 5 – Articulação das vogais quanto ao avanço/recuo	45
Figura 6 – Articulação das vogais quanto ao arredondamento dos lábios	46
Figura 7 – Articulação das vogais quanto ao véu palatino	46
Figura 8 – Processo de nasalização da vogal no português	49
Figura 9 – Vogais em posição tônica diante de nasal	49
Figura 10 – Estrutura representacional da sílaba proposta por Kahn (1976) para a palavra “Boston”	60
Figura 11 - Estrutura representacional da sílaba proposta por Clements e Keyser (1983) para a palavra “Jennifer”	60
Figura 12 - Estrutura representacional da sílaba proposta por Selkirk (1982) para a palavra “flawns”	61
Figura 13 – Estrutura mórica da sílaba (Hyman, 1985; Hayes, 1995) para as palavras “mar” e “má”	61
Figura 14 – Molde silábico do português brasileiro	62
Figura 15 – Representação arbórea da palavra <i>mim</i>	63
Figura 16 – Padrões silábicos do português	63
Figura 17 – Representação arbórea da palavra <i>grãos</i>	64
Figura 18 – Estrutura da sílaba do português para Câmara Jr.	64
Figura 19 – Produção narrativa com ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> em posição adjunta ao verbo	74
Figura 20 – Produção narrativa com ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> no lugar do oblíquo átono <i>me</i>	75
Figura 21 – Produção narrativa com ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> em posição adjunta ao verbo	76
Figura 22 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> em posição adjunta ao verbo	77

Figura 23 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> em posição adjunta ao verbo	78
Figura 24 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> em posição adjunta ao verbo	79
Figura 25 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> em posição adjunta ao verbo	80
Figura 26 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> em posição adjunta ao verbo	81
Figura 27 – Produção narrativa com ocorrências do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> em posição adjunta ao verbo	82
Figura 28 – Atividade Lacunada do Aluno 1	94
Figura 29 – Atividade Lacunada do Aluno 2	95
Figura 30 – Atividade Lacunada do Aluno 3	96
Figura 31 – Atividade Lacunada do Aluno 4	97
Figura 32 – Atividade Lacunada do Aluno 5	98
Figura 33 – Atividade Lacunada do Aluno 6	99
Figura 34 – Atividade Lacunada do Aluno 7	100
Figura 35 – Atividade Lacunada do Aluno 8	101
Figura 36 – Atividade Lacunada do Aluno 9	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na primeira frase solicitada aos alunos	85
Gráfico 2 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na segunda frase solicitada aos alunos	85
Gráfico 3 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na terceira frase solicitada aos alunos	86
Gráfico 4 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na quarta frase solicitada aos alunos	86
Gráfico 5 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na quinta frase solicitada aos alunos	87
Gráfico 6 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na sexta frase solicitada aos alunos	87
Gráfico 7 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na sétima frase solicitada aos alunos	88
Gráfico 8 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na oitava frase solicitada aos alunos	89
Gráfico 9 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na nona frase solicitada aos alunos	89
Gráfico 10 – Cômputo da ocorrência de <i>me/mim</i> na décima frase solicitada aos alunos	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pronomes pessoais latinos	21
Quadro 2 - Pronomes pessoais: declinação dos pronomes da 1^a (ego) e da 2^a (tu) pessoa	22
Quadro 3 – Classificação dos pronomes pessoais	25
Quadro 4 – Pronomes pessoais retos e oblíquos de 1^a pessoa	26
Quadro 5 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 1	93
Quadro 6 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 2	94
Quadro 7 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 3	95
Quadro 8 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 4	96
Quadro 9 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 5	97
Quadro 10 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 6	98
Quadro 11 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 7	99
Quadro 12 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 8 ...	100
Quadro 13 – Atividade de preenchimento de lacunas com <i>me x mim</i> do aluno 9 ...	101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DO LATIM AO PORTUGUÊS: UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE OS PRONOMES PESSOAIS	18
2.1 Língua Latina: um panorama da sua história e caracterização	18
2.1.1 Pronomes Pessoais em Latim	20
2.2 Pronomes Pessoais do Português Brasileiro (PB)	23
2.3 Emprego dos Pronomes Oblíquos	26
2.4 Pronomes Pessoais: Norma Gramatical x Variação Linguística x Ensino...	28
3 A NASALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL	34
3.1 Relações e Distinções entre Fonética e Fonologia	34
3.2 Descrição Articulatória da Nasalidade	37
3.3 O Sistema Vocálico do PB: características articulatórias	43
3.4 A Nasalidade nas Vogais do Português Brasileiro	47
3.5 O Sistema Consonantal Nasal do Português Brasileiro: caracterização fonética	50
3.6 Da Fala para a Escrita: a nasalidade em movimentação	52
3.7 Oralidade e Escrita: duas modalidades que se complementam	54
4 A SÍLABA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A NASALIDADE	58
4.1 Estrutura e Caracterização da Sílaba	58
5 METODOLOGIA	66
5.1 Participantes da Pesquisa	66
5.2 <i>Locus</i> da Pesquisa	67
5.3 Caracterização da Turma/Escola	69
5.4 Instrumentos de Coleta de Dados e Análise	70
5.5 Quanto à Natureza do Método	71
5.6 Quanto aos Fins	71
5.7 Quanto aos Meios	72
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	73

6.1 Atividade de Produção Textual	73
6.2 Atividade de Ditado de Frases	84
6.3 Atividade Lacunada	93
7 CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	112
Apêndice 1 – Produção Textual Narrativa	113
Apêndice 2 – Ditado de Frases	114
Apêndice 3 – Atividade Lacunada	114
Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	115
Apêndice 5 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	119
ANEXOS	122
Anexo 1 - Frases Ditadas para o Aluno 1	123
Anexo 2 - Frases Ditadas para o Aluno 2	123
Anexo 3 - Frases Ditadas para o Aluno 3	124
Anexo 4 - Frases Ditadas para o Aluno 4	124
Anexo 5 - Frases Ditadas para o Aluno 5	125
Anexo 6 - Frases Ditadas para o Aluno 6	125
Anexo 7 - Frases Ditadas para o Aluno 7	126
Anexo 8 - Frases Ditadas para o Aluno 8	126
Anexo 9 - Frases Ditadas para o Aluno 9	127

1 INTRODUÇÃO

O emprego dos pronomes pessoais oblíquos de primeira pessoa do singular é bastante recorrente nas interações linguísticas dos falantes da língua portuguesa, tanto na modalidade oral, como na modalidade escrita. Contudo, é bastante comum encontrarmos inadequações no uso desse tipo de pronome em decorrência de variações linguísticas. No tocante aos alunos do 8º ano de uma escola pública da zona rural de Itainópolis-PI, essa também é uma realidade atestável.

A princípio percebe-se, recorrentemente, na fala dos alunos da turma alvo de análise, ao articularem o pronome oblíquo átono *me*, fazerem-no de forma nasalizada, como se estivessem pronunciando *mim*, e isso se reflete nas suas produções escritas, apesar de já estarem cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental, fato esse que se torna ainda mais preocupante, devido nesta modalidade da língua ser exigido um grau de formalidade maior do que na fala.

Vale ressaltar que o uso nasalizado, tanto na fala como na escrita, do pronome oblíquo átono de primeira pessoa do singular, não é fator que afete a compreensão textual ou mesmo frasal. Porém, é válido destacar que a apropriação da sua representação gráfica condizente com o padrão culto da língua, é um conhecimento que se faz necessário, pois isso ajudar-lhes-á na aquisição de melhores resultados na sua vida escolar, bem como em outros contextos extraescolares.

É recorrente, entre os falantes do português brasileiro, encontrarmos em suas interações linguístico-sociais, diferenças nas formas de uso que fazem da língua, sejam elas orais ou escritas. Isso se dá devido ao caráter heterogêneo que ela possui, já que o Brasil é um país com uma extensa diversidade cultural, com diferentes histórias, origens, sendo esses, fatores que se refletem diretamente no uso que o falante faz de sua língua, esta que se configura como uma manifestação identitária de um grupo social.

Diante desse contexto, é fulcral que o ensino de língua portuguesa esteja pautado em uma concepção de língua como um instrumento de identidade, de interação linguístico-social, como um reflexo de cultura, para que, dessa forma, nenhum falante se sinta excluído, mas sim, um sujeito ativo no processo comunicativo.

No cenário educacional contemporâneo, o professor de língua portuguesa deve estar atento às formas como os alunos manifestam sua linguagem, buscando, por

meio do ensino sistemático, maneiras eficazes para capacitá-los linguisticamente, a fim de que se tornem capazes de fazer uso adequado da língua em todos os contextos em que possam estar inseridos no seu convívio social.

O objetivo geral deste estudo é averiguar se a troca que os alunos fazem do pronome oblíquo átono *me* pelo tônico *mim*, em suas produções escritas, está relacionada à forma nasalizada como eles articulam o oblíquo átono em suas falas, seguido dos seguintes objetivos específicos: analisar produções escritas dos alunos em que esteja presente o uso dos pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular; identificar o nível de conhecimento dos alunos sobre as regras prescritas pela gramática normativa, no que concerne ao uso dos pronomes *me* e *mim*; elaborar proposta de intervenção pedagógica, explorando a ludicidade e a diversidade de atividades, através do desenvolvimento de oficinas em que esteja envolvido o uso dos pronomes pessoais retos e oblíquos, com foco nos de primeira pessoa do singular.

A realização desse estudo justifica-se pela recorrência de usos inadequados registrados nas produções escritas espontâneas dos alunos, fato observado constantemente pelo professor de língua portuguesa da turma, o que afeta a qualidade dos textos escritos destes discentes.

Apesar de essa inadequação observada tanto na fala quanto na escrita dos alunos em questão não comprometer a compreensão de suas produções linguísticas, nas quais tais pronomes estejam presentes, ressalta-se que é de extrema necessidade que eles saibam utilizar estes pronomes pessoais da forma adequada, especialmente na modalidade escrita, conforme preceitua a gramática normativa, pois isso fará com que eles obtenham melhores resultados escolares, principalmente no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, bem como em demais contextos extraescolares.

Diante desse contexto, fazem-se os seguintes questionamentos: o uso inadequado do pronome *mim*, em vez de *me*, na escrita dos discentes, é influenciado pela forma nasalizada como eles articulam este último em suas interações linguísticas orais? O uso inadequado desses pronomes está relacionado ao desconhecimento, por parte dos alunos, das regras prescritas pela gramática normativa para o emprego formal destes? A pronúncia nasalizada do pronome *me* está relacionada ao desconhecimento dos clíticos oral e nasal?

Toda discussão partirá da abordagem dos pronomes pessoais latinos, ancorada em estudos de Comba (2002) e Almeida (2000); seguida da concepção de

uso dos pronomes pessoais do português brasileiro preceituada pela Gramática Tradicional (GT), assentando-se nas regras descritas por Cunha & Cintra (2016), Bechara (2019), Cegalla (2020); e nos estudos linguísticos de Câmara Jr. (1970), Vagones (1980), Callou & Leite (1993), Silva (2002), Abaurre & Pagotto (2013), Bisol (2014), Battisti & Vieira (2014), Collischon (2014), Alves (2017), Matzenauer (2017), entre outros, o que favorecerá uma análise consciente e solidificada do *corpus*.

Pretende-se, com os resultados obtidos por meio desta pesquisa, auxiliar o professor de língua portuguesa da turma, bem como demais professores da área, na elaboração de ações pedagógicas voltadas para a amenização do problema ortográfico detectado com relação ao uso dos pronomes pessoais oblíquos em foco.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, traz-se a introdução, fazendo-se um panorama da temática tratada, bem como sua delimitação, os objetivos geral e específicos estipulados, a relevância da pesquisa, as questões norteadoras e, ainda, a forma como o trabalho está estruturado. Em seguida, no segundo capítulo, faz-se uma breve abordagem histórica da língua latina, seguida dos pronomes pessoais dessa língua, e ainda dos pronomes pessoais da língua portuguesa na perspectiva da gramática tradicional (GT), abordando-se, também, aspectos que envolvem a variação linguística e o ensino no que concerne a esse tipo de pronome.

Em continuidade, o terceiro capítulo faz uma explanação sobre a nasalidade no português do Brasil (PB), trazendo, adicionalmente, uma breve abordagem sobre as distinções e relações entre fonética e fonologia; sobre a descrição articulatória da nasalidade; as vogais orais e nasais, bem como as consoantes nasais da língua portuguesa e, ainda, a nasalidade da fala para a escrita, seguida de uma breve abordagem sobre os processos de oralidade e letramento.

No quarto, faz-se uma exposição sobre a sílaba no português brasileiro e a nasalidade, com abordagens sobre a estrutura e caracterização silábicas. No quinto capítulo, mostram-se os procedimentos metodológicos aplicados neste trabalho, com descrições dos participantes e do local em que o estudo fora concretizado, da caracterização da turma e da escola em que a pesquisa fora realizada, dos instrumentos utilizados para coleta dos dados, bem como da tipologia apresentada pela pesquisa desenvolvida.

Em seguida, tem-se o sexto capítulo, no qual são apresentados os resultados e discussão dos dados coletados, com suas análises e interpretações, seguido do

sétimo capítulo, em que são apresentadas as conclusões do autor acerca do trabalho desenvolvido e, por último, são apresentadas as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos que compõem este trabalho.

2 DO LATIM AO PORTUGUÊS: UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE OS PRONOMES PESSOAIS

Neste capítulo, faz-se uma breve abordagem histórica sobre a língua latina e seus pronomes pessoais, bem como sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos da língua portuguesa, estes na concepção da gramática tradicional, com enfoque para o emprego dos pronomes oblíquos átonos e tônicos, mais precisamente os de primeira pessoa do singular. Traz-se, ainda, uma abordagem sobre o uso dos pronomes pessoais do Português brasileiro (doravante PB), quanto às normas prescritas pela gramática tradicional, fazendo-se, também, um apanhado do uso desse tipo de pronome em uma perspectiva variacional, como também, faz-se uma abordagem desses pronomes quanto ao ensino nas aulas de língua portuguesa.

Toda a discussão assenta-se em estudos da língua latina de Almeida (2000) e Comba (2002); de Bagno (2004); Possenti (2005); dos gramáticos Cunha & Cintra (2016), Bechara (2019) e Cegalla (2020), bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN's) e na Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC).

2.1 Língua Latina: um panorama da sua história e caracterização

O Latim é uma língua da família indo-germânica, assim como o grego, o sânscrito, o alemão, o russo e o persa. Foi primeiramente a língua falada numa pequena zona da Itália Central, à margem esquerda do Rio Tibre, não longe do Mar Tirreno. A cidade principal dessa minúscula região, chamada Lácio, foi e é Roma, fundada, segundo consta, por Rômulo, no dia 21 de abril de 754 a. C.

Essa língua do Lácio, seguindo as conquistas dos exércitos de Roma, implantou-se primeiramente na Itália Central, depois em toda a Itália, na Espanha, em Portugal, no Norte da África, nas Gálias (França, Suíça, Bélgica, regiões alemãs ao longo do Rero), na Récia e no Nórico (Áustria), na Dácia (Romênia) e, menos profundamente, na Grã-Bretanha, na Frísia (Holanda), na Dalmácia e na Ilíria (ex-Iugoslávia), e na Panônia (Hungria).

A língua latina, assim como toda língua, apresentava um caráter heterogêneo, possuía seus dialetos e falares próprios de cada região e grupo social. Basicamente,

havia duas modalidades da mesma língua: o Latim clássico (*sermo urbanus*) e o Latim vulgar (*sermo vulgaris*).

O Latim clássico (*sermo urbanus*) era o Latim dos escritores, sempre escrito e empregado somente em situações formais, como nos discursos políticos ou pelos profissionais da área do direito. Esse era o Latim da Literatura, dos poetas Virgílio e Ovídio, além de escritores como Cícero e Júlio César. Era ensinado nas escolas e nas Academias, sendo bem elaborado e rigidamente moldado pela gramática latina, e que seguia uma estrutura sintática complexa, isto é, a ordem das palavras na frase latina não afetava a sua função sintática, nem seu valor semântico, mas sim, a sua desinência cumpria esse papel. Como exemplo trazem-se:

Puella pulchra est. (A menina é bonita)

Pulchra puella est. (A menina é bonita)

Pulchra est puella. (A menina é bonita)

Est puella pulchra. (A menina é bonita)

Por outro lado, o Latim vulgar (*sermo vulgaris*) era a modalidade falada pela população menos favorecida economicamente, que não se submetia às prescrições da gramática normativa. Não se pode dizer que eram duas línguas diferentes, mas duas modalidades da mesma língua. A seguir, mostram-se alguns exemplos de palavras latinas de mesmo valor semântico, grafadas de forma diferente em ambas modalidades:

Latim clássico	Latim vulgar	Significado
<i>équus</i>	<i>caballus</i>	cavalo
<i>ósculum</i>	<i>bacium</i>	beijo
<i>domus</i>	<i>casa</i>	casa

O léxico da língua latina encontra-se disposto em cinco declinações, em que a terceira delas é a que agrupa maior número de palavras, com cerca de 75%, sendo a quinta declinação, a que possui menos palavras na sua composição. Essa língua apresenta ainda seis casos, em que cada um deles corresponde a funções sintáticas, sendo: nominativo (sujeito e predicativo do sujeito), vocativo (vocativo), genitivo (adjunto adnominal restritivo), dativo (objeto indireto e complemento nominal), ablativo (adjunto adverbial e agente da passiva), acusativo (objeto direto).

O latim, ao contrário do que se pensa, não é uma língua morta, pois ainda permanece em diversas áreas de estudo como: Botânica, Zoologia, Medicina e Direito.

Além disso, alguns cultos da igreja Católica ainda adotam algumas celebrações em latim, comprovando que é uma língua viva que, como todas, sofreu modificações ao longo dos anos, como se pode comprovar através do seu mais atuante e vivo legado: as línguas românicas, também chamadas de neolatinas ou novilatinas, que representam as diferentes modificações sofridas pelo latim. Sobre isso, De Jesus relata:

as línguas românicas são: português, espanhol, catalão, francês, provençal antigo, italiano, reto-romano (rétnico ou ladino – falado no Tirol, Friul e Cantão dos Grisões da Suíça), dalmático, romeno ou valáquio e sardo. Essas línguas surgiram de diferentes modificações do latim e são também chamadas romances. Não se pode precisar a época exata da formação dos romances, nem a do desaparecimento do latim vulgar. (De Jesus, 2007, s.p)

A língua portuguesa, língua oficial brasileira, faz parte do rol das línguas chamadas de românicas ou romances, assim classificada por ser uma derivação da língua de Roma. Entre as línguas românicas é possível, mesmo com o passar dos tempos, que trazem consigo evoluções históricas pelas quais passaram essas línguas, perceber semelhanças fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, que possibilitam ao falante, ao fazer um estudo etimológico sobre uma língua de origem latina, compreendê-la com mais clareza e entender, de forma mais precisa, as estruturas linguísticas que são apresentadas pelas línguas derivadas, ao compará-las com as estruturas apresentadas pelo latim.

Nesta seção, fez-se uma breve abordagem sobre a história e caracterização da língua latina, com a finalidade de se obter mais conhecimentos sobre aspectos históricos da língua portuguesa, já que esta deriva-se, em grande parte, daquele tronco linguístico. Na sequência, faz-se uma explanação sobre os pronomes pessoais utilizados nesta língua, com embasamento nos estudos de Almeida (2000) e de Comba (2002), com o objetivo de melhor compreender a etimologia e o emprego dos pronomes pessoais do PB.

2.1.1 Pronomes Pessoais em Latim

Os pronomes pessoais são aqueles que indicam as pessoas do discurso. Em Latim, eles também são declinados, assim como acontece com os substantivos e os

adjetivos. Mas, o sistema de declinação dos pronomes é diferente das declinações de substantivos e adjetivos, pois eles possuem seu próprio sistema flexional.

Para Almeida (2000, p. 135), “pronome pessoal é o que, ao mesmo tempo que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação à pessoa gramatical”. No quadro 1, a seguir, distribuem-se os pronomes pessoais latinos e suas flexões.

Quadro 1 - Pronomes pessoais latinos

PRONOMES PESSOAIS LATINOS							
	Casos retos		Casos oblíquos				
PESSOAS	NOMINATIVO	VOCATIVO	GENITIVO	DATIVO	ABLATIVO	ACUSATIVO	
Sing.	1 ^a Ego	—	mei tui sui (sese)	mihi tibi sibi	me te se	me te se	
	2 ^a Tu	tu					
	3 ^a —	—					
Plur.	1 ^a Nos	—	nostrum ou nostri vestrum ou vestri sui (sese)	nobis	nobis	nos	
	2 ^a Vos	vos		vobis	vobis	vos	
	3 ^a —	—		sibi	se	se	

Fonte: Almeida (2000, p. 136).

Para empregar os pronomes, é preciso conhecer a função sintática deles dentro da oração. Em Latim, não existe pronome pessoal de terceira pessoa (ele, ela) na função de sujeito ou vocativo e essa carência é suprida pelo emprego dos pronomes demonstrativos *ille* (aquele) e *illa* (aquela). Os pronomes oblíquos comigo, contigo, conosco, convosco, consigo, traduzem-se, respectivamente, por *mecum*, *tecum*, *nobiscum*, *vobiscum*, *secum*.

Para maior aprofundamento do conhecimento sobre os pronomes pessoais latinos, e para perceber a semelhança morfológica destes com relação aos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas do singular utilizados na língua portuguesa, em seguida, mostram-se os pronomes pessoais do latim da primeira e segunda pessoas do singular, no quadro 2, segundo Comba.

Quadro 2 - Pronomes pessoais: declinação dos pronomes da 1^a (ego) e da 2^a (tu) pessoa

Casos	Singular	Plural
Nominativo	ego eu	nos nós
Genitivo	mei de mim	nostri de nós
Dativo	mihi a, para mim	nobis a nós
Acusativo	me me	nos nos
Ablativo	(a) me por mim	(a) nobis por nós
Nominativo / Vocativo	tu tu	vos vós
Genitivo	tui de ti	vestri de vós
Dativo	tibi a ti	vobis a vós
Acusativo	te te	vos vos
Ablativo	(a) te por ti	(a) vobis por vós

Fonte: Comba, (2002, p.103)

Ao discutir as características morfológicas dos pronomes pessoais latinos, Almeida (2000), pontua algumas considerações relativas ao seu emprego na língua:

- ✓ A 3^a pessoa se declina de igual maneira no singular e no plural; não possui nominativo, razão por que em latim se chama bicho sem cabeça. Não possui nominativo porque esse pronome é sempre reflexivo, isto é, exerce sempre função de complemento que se refere ao sujeito da oração. Essa falta é suprida por meio de pronomes demonstrativos;
- ✓ Só se expressa o nominativo dos pronomes pessoais para evidenciar o sujeito;
- ✓ Se em português o *me*, o *te*, o *nos*, o *vos* servem indiferentemente para objeto direto e para indireto, em latim, as formas são diferentes. Exemplos:

Louvam-me - *Me laudant*
v. trans. dir. v. trans. dir.

Obedecem-me - *Mihi parent*
v. trans. ind. v. trans. ind.

- ✓ A regência do verbo latino nem sempre corresponde à regência do verbo português;
- ✓ Não existem em latim regras especiais para a colocação dos oblíquos: podem vir em qualquer lugar na frase, como se fossem meros substantivos, e são sempre acentuados na leitura;
- ✓ A primeira pessoa sempre se enuncia em primeiro lugar; a frase portuguesa *você e eu*, em latim, *ego et tu*. (Almeida, 2000, p.136, 137)

Expõem-se, na sequência, alguns exemplos de uso, em latim, de pronomes pessoais de primeira pessoa:

Vos misistis mihi donum pulchrum. (objeto indireto)

(Vós me enviastes um lindo presente)

Tu me diligis, ego autem non diligó te. (objeto direto)

(Tu me amas, mas eu não te amo)

Miserere mei, o Deus! (genitivo)

(Tem misericórdia de mim, ó Deus!)

Percebe-se que, mesmo com as transformações históricas, que são características das línguas, é possível identificar semelhanças na escrita e no uso dos pronomes pessoais entre o latim e o português brasileiro, o que torna um aprofundamento nos estudos pronominais da língua latina, um requisito relevante para um maior conhecimento e compreensão dos pronomes pessoais do português brasileiro. A próxima seção trata desses pronomes na língua portuguesa.

2.2 Pronomes Pessoais do Português Brasileiro

Os pronomes pessoais são um tipo de pronome de uso recorrente nas interações linguísticas dos falantes do português, sendo divididos em retos e oblíquos, em que os pronomes do caso reto desempenham a função de sujeito, enquanto os do caso oblíquo, funcionam como complementos de verbos. Esses pronomes representam as três pessoas do discurso (primeira, segunda e terceira pessoas), sendo consideradas como aquela que fala, aquela com quem se fala e aquela de quem se fala.

Para Bechara (2019, p. 180), os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3^a pessoa:

- 1^a pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),
- 2^a pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e
- 3^a pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

A discussão sobre os pronomes pessoais trazida por Bechara, da forma como se apresenta, está abordada de maneira sucinta, podendo ocasionar, ao ser lida, falhas na compreensão, já que não explicita a função de cada referida pessoa no discurso, podendo deixar lacunas no entendimento no que se refere ao assunto tratado.

Quando a função referente a cada uma das pessoas do discurso está descrita de forma pormenorizada, a aprendizagem e a compreensão do assunto tornam-se mais efetivas e produtivas, e isso promoverá mais interação e sapiência sobre o processo comunicativo e suas funções.

A nível de esclarecimento, pode-se trazer como exemplificação um diálogo entre dois falantes, em que ambos têm como assunto da sua conversa, as ações, nos últimos tempos, de uma pessoa conhecida deles. Caso um professor de língua portuguesa peça para seus alunos, que não têm propriedade sobre qual a função de cada pessoa do discurso, identificarem quem é a primeira, segunda e terceira pessoas no processo comunicativo exemplificado, certamente eles demonstrarão dificuldade em resolver a atividade proposta.

De acordo com Cegalla (2020, p.179), pessoa do discurso é a que participa ou é objeto do ato da comunicação. Sobre os pronomes pessoais, ele afirma que:

pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso. As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três. A primeira pessoa do discurso é a que fala (eu, nós); a segunda pessoa é a com quem se fala (tu, vós) e a terceira, a pessoa ou coisa de que se fala (ele, ela, eles, elas). (Cegalla, 2020, p. 180)

Para melhor exemplificação do funcionamento das pessoas do discurso, pensemos em uma conversa em que José (primeira pessoa) fala com Marta (segunda pessoa) sobre Manoel (terceira pessoa).

- Eu já te disse: não quero falar sobre ele!

Nesse enunciado, o pronome EU indica a primeira pessoa, a pessoa que fala (José); te é um pronome que indica a segunda pessoa, isto é, Marta, com quem José fala; ele é um pronome que indica a terceira pessoa, de quem se fala, ou seja, Manoel.

Sobre os pronomes pessoais do PB, Bechara (2019), assegura que:

as formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas*, que funcionam como sujeito, dizem-se *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal *oblíquo* que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, as tônicas vêm sempre presas a preposição. (Bechara, 2019, p. 180).

Segundo Cunha & Cintra (2016, p. 291), “quanto à função, as formas do pronome pessoal podem ser RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando se empregam na oração como objeto”.

Seguindo a mesma linha funcional de Cunha & Cintra, quanto aos pronomes pessoais, Cegalla (2020, p. 180), defende que “pronomes retos funcionam, em regra, como sujeito da oração. Os oblíquos funcionam como objetos ou complementos”.

Para melhor elucidação do exposto sobre a caracterização abordada pelos gramáticos apresentados, no que diz respeito às funções dos pronomes pessoais, abordam-se três exemplos, a saber:

Ex. I. **Ela** foi à festa. (pronome pessoal reto)

II. Ela **me** convidou para ir a uma festa. (pronome pessoal oblíquo)

III. Trouxe este presente para **mim**. (pronome pessoal oblíquo)

No exemplo I, o pronome pessoal reto “ela” funciona como sujeito da oração em que se encontra. No exemplo II, o oblíquo “me” tem a função de complemento da forma verbal *convidou*, sendo objeto direto. Já no exemplo III, o oblíquo tônico “mim” exerce função também de complemento verbal, sendo, portanto, objeto indireto, pois está precedido de uma preposição.

O quadro seguinte mostra claramente a correspondência entre essas formas:

Quadro 3 - Classificação dos pronomes pessoais

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1 ^a pessoa 2 ^a pessoa 3 ^a pessoa	eu tu ele, ela	me te o, a, lhe, se	mim, comigo ti, contigo ele, ela, si, consigo
Plural	1 ^a pessoa 2 ^a pessoa 3 ^a pessoa	nós vós eles, elas	nos vos os, as, lhes, se	nós, conosco vós, convosco eles, elas, si, consigo

Fonte: Elaboração do autor (2024)

O quadro 3 apresenta um panorama geral dos pronomes pessoais da língua portuguesa, desde os pessoais retos aos oblíquos com suas classificações em átonos e tônicos. Como se pode perceber, os pronomes em questão podem mudar sua estrutura morfológica, de acordo com a necessidade exigida pelo contexto linguístico do qual estejam fazendo parte, já que possuem formas diferenciadas conforme o número, como também quanto ao gênero, podendo, o usuário da língua, fazer as devidas adaptações em consonância com sua necessidade de uso destes.

O quadro 4 aborda os pronomes pessoais retos e oblíquos de primeira pessoa do singular e do plural.

Quadro 4 - Pronomes pessoais retos e oblíquos de 1^a pessoa

1^a pessoa	do singular	<i>eu, me, mim, comigo</i>
	do plural	<i>nós, nos, conosco</i>

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Na presente seção, fez-se uma exposição sobre os pronomes pessoais que compõem o português brasileiro, tanto retos, como oblíquos, discutindo-se sobre seus usos e funções no processo comunicativo. Na próxima, abordam-se, em foco, os pronomes oblíquos tônicos e átonos, abrindo-se uma discussão sobre seus usos e funções, assentada nas regras prescritas pela GT, para, com isso, possibilitar uma análise mais consistente dos resultados obtidos na pesquisa realizada.

2.3 Emprego dos Pronomes Oblíquos

Os pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos de verbo, assumindo a função de objeto. São classificados em átonos e tônicos, e podem estar acompanhados ou não de preposições. São pronomes pessoais oblíquos: *me, mim, te, ti, o, a, se, lhe, ele, ela, si, nos, vos, vós, os, as, lhes, eles, elas*.

Segundo Bechara (2019, p. 181), “os pronomes pessoais oblíquos funcionam como complementos de verbos, e são divididos em *átunos (sem preposição)* e *tônicos (com preposição)*”. Como exemplos, trazem-se:

A melhor companhia acha-se em uma escolhida livraria. (átono)

As virtudes se harmonizam, os vícios discordam entre si. (tônico)

Para Cunha & Cintra (2016, p. 291), “os pronomes oblíquos da língua portuguesa são classificados em duas categorias: *átunos e tônicos*”.

Além da função de objeto direto e indireto, os pronomes oblíquos podem, ainda, assumir a função sintática, em uma frase, de complemento nominal (A comida fez mal a **mim**); de agente da passiva (A comida foi feita por **ela**), e de adjunto adverbial (Fará a comida **conosco**).

a) Formas Tônicas

As formas tônicas dos pronomes são assim chamadas por apresentarem mais força ao serem pronunciadas, ou seja, o falante pronuncia-as de uma maneira mais

forte, com uma tonicidade mais evidente, ao contrário do que acontece ao se pronunciar uma forma átona.

Os contextos linguísticos em que se encontram presentes os pronomes oblíquos tônicos, precisam da presença de uma preposição para que o enunciado produza sentido. Veja o seguinte exemplo:

"Ele contou tudo para ti".

Nesse enunciado, o sujeito da oração "ele" executou a ação ("contar") ao complemento "para ti", que representa a 2^a pessoa do singular. Por isso, "ti" é um pronome oblíquo. Como esse pronome necessariamente é acompanhado da preposição "para", trata-se de um pronome oblíquo tônico."

As formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição (Cunha & Cintra, 2016, p. 310). Para elucidar, mostram-se os seguintes exemplos com o emprego do oblíquo tônico "mim":

Entregue a encomenda somente a mim.

Ele emprestou o livro para mim.

Os pronomes pessoais oblíquos tônicos, por serem acompanhados de uma preposição, funcionam como objeto indireto da oração, mas também podem desempenhar função sintática de complemento nominal, adjunto adverbial e/ou agente da passiva, dependendo do contexto em que se encontram.

b) Formas Átonas

As formas átonas recebem essa denominação, por apresentarem uma pronúncia mais fraca por parte dos falantes, ao articularem tais oblíquos em suas produções linguísticas orais.

De acordo com Cunha & Cintra (2016, p. 315), "os pronomes oblíquos átonos podem ser empregados como objeto direto ou indireto." Para melhor esclarecimento, trazem-se os exemplos de uso do pronome oblíquo átono "me":

Ela **me** convidou para ir ao cinema hoje à noite. (objeto direto)

Ela **me** pediu para organizar a festa. (objeto indireto)

Quando seguidos de verbos com terminação em **-z**, **-s** ou **-r**, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** assumem as formas **lo**, **la**, **los**, **las**, em que a terminação do verbo é retirada. Como exemplos, trazem-se: **faz + o = fá-lo**, **beber + os = bebê-los**, **cantar + a = cantá-la**.

Quando seguidos de verbos com terminação em som nasal, os pronomes átonos **o, a, os, as** assumem as formas **no, na, nos, nas**. Como exemplos, têm-se: **deram + o = deram-no, detém + a = detém-na, põe + as = põe-nas, ouvem + os = ouvem-nos.**

A Gramática Tradicional (doravante GT) preceitua regras que contribuem para o uso adequado da língua em contextos orais e escritos. É manual de apoio para o falante, no qual este se respalda para o uso formal da língua, possibilitando-lhe resultados exitosos no ambiente escolar, bem como em contextos extraescolares. No que tange aos pronomes pessoais, mais especificamente ao uso dos oblíquos átono e tônico de primeira pessoa do singular, a GT traz claras as prescrições para o uso formal de tais pronomes, instrumentalizando o falante do português brasileiro, para o uso adequado destes em suas interações linguísticas.

Esta seção fez uma abordagem sobre os pronomes pessoais oblíquos do PB, com foco nos de primeira pessoa do singular, buscando, dessa forma, maior embasamento teórico sobre o assunto discutido. A próxima seção traz uma abordagem sobre o uso dos pronomes pessoais, considerando aspectos como a norma gramatical, o fenômeno da variação linguística envolvido no emprego dessa classe gramatical, bem como o ensino referente a esse tipo de pronome, com a finalidade de ampliar a discussão sobre aspectos relacionados aos pronomes pessoais, tais como usos padrão e variacional, como também o processo de ensino referente a esta classe.

2.4 Pronomes Pessoais: Norma Gramatical x Variação Linguística x Ensino

É bastante recorrente encontrar, entre os falantes da língua portuguesa, diferenças nas formas de uso da língua em suas interações comunicativas, sejam elas orais ou escritas, realidade essa que se reflete em sala de aula, espaço em que podem se relacionar pessoas com diferentes culturas, origens, histórias, o que interfere diretamente no uso linguístico que fazem.

A gramática normativa prescreve regras que orientam o falante para o uso linguístico formal, porém, é necessário, principalmente para o professor de língua portuguesa, está consciente de que a língua é heterogênea, devendo esse fator ser observado na sua prática docente, fazendo com que os discentes percebam que a língua portuguesa possui variantes e que elas devem ser respeitadas e valorizadas, de acordo com o contexto de uso que o falante faz ou vivencia.

Quando o professor adota essa postura nas suas aulas, ele auxilia o aluno a se reconhecer como um sujeito ativo nas interações linguístico-sociais, conscientiza-o da importância de ter domínio não apenas da variante informal, mas também do uso padrão, para que seja capaz de adequar o uso da língua em consonância com o contexto no qual está inserido.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998, p. 59) para a área de Língua Portuguesa, focalizam a necessidade de dar, ao aluno, condições de desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, sabendo:

- ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
- expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato;
- refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua.

Os PCNs, consoante o exposto, colocam o aluno como protagonista do processo de ensino e aprendizagem, oportunizando-lhe, ser sujeito ativo em suas interações linguísticas, sejam elas orais ou escritas, conforme o contexto que vivencia, sendo não apenas um produtor de linguagens, mas alguém capaz de refletir e analisar sobre suas práticas linguísticas.

Sobre a compreensão de língua, os PCNs esclarecem que:

língua é um sistema de signos específicos, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprendê-la é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas aprender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (PCNs Parte II, 2000: 20)

Assentado nessa discussão, entende-se que é por meio da língua que as pessoas dão significados à sua vivência, a suas práticas sociais. A sua aprendizagem vai muito além da mera decodificação de palavras ou frases, constitui-se como um conhecimento da cultura de uma sociedade, que permite ao falante, por meio disso, conhecer e compreender não apenas o outro, mas a si mesmo através desse fenômeno social.

Consoante pontuado pelos PCNs Parte II (2000; 22), “o aluno é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento”. Ainda

segundo essa linha de raciocínio, segundo os PCNs Parte II (2000; 18), “pode-se dizer, que hoje é consensual que as práticas devem partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas.

Considerando as explanações abordadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da língua, certifica-se de que no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, o aluno deve ser considerado o sujeito protagonista, aquele que precisa ser o foco das práticas pedagógicas envolvidas neste processo, para que a aprendizagem da língua se torne efetiva e significativa para ele, e o torne um sujeito ativo nas suas práticas linguísticas no meio social em que está inserido.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que orienta, com suas diretrizes, os sistemas brasileiros de ensino na elaboração de suas propostas curriculares, traz a seguinte menção com relação ao ensino de língua portuguesa:

[...] Se, por um lado, as linguagens aproximam e podem constituir as formas de interação e a identidade cultural de grupos sociais, por outro lado, podem gerar discriminação e conflitos, decorrentes de percepções e representações sobre a realidade. Tendo em vista o caráter diverso, dinâmico e contraditório das práticas de linguagem, a atuação confiante dos sujeitos nessas práticas demanda oportunidades de participar delas, conhecer como se estruturam e compreender como interagem na construção de identidades, pertencimentos, valores, e da vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p. 86)

A BNCC, com isso, chama a atenção para um efeito dicotômico que pode se apresentar com relação à linguagem, já que ela pode ser, ao mesmo tempo, um instrumento de aproximação como também de segregação, devendo o falante ter conhecimento sobre este fenômeno, para que, assim, possa fazer uso seguro e produtivo dele. Dessa forma, a linguagem cumprirá sua função maior como sendo instrumento de interação social.

Ainda com relação ao ensino de língua portuguesa, a BNCC acrescenta que:

ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (Brasil, 2017, p. 67, 68).

O aluno deve ter a oportunidade, durante o ensino de língua portuguesa, de ter acesso a experiências relacionadas ao seu cotidiano, que lhe agreguem conhecimentos novos e que lhe possibilitem resultados significativos para que, cada vez mais, ele se torne um sujeito crítico e ativo nas suas práticas comunicativas.

Nos estudos estruturalistas do início do século XX, com destaque para os saussureanos, a língua era concebida como um fenômeno homogêneo, social. Talvez daí venha a persistente visão equivocada de que apenas uma variante da língua deve ser adotada como de prestígio, causando o preconceito linguístico que ainda perdura no meio social, quando se fala sobre uso da língua. Contudo, com o surgimento dos estudos liderados pela Sociolinguística, após metade do século XX, um novo olhar surgiu, trazendo novas diretrizes para o uso e ensino da língua portuguesa.

Nas palavras de Bagno (2004, p. 13), “o preconceito linguístico é algo perceptível quando se vê que o próprio brasileiro tem uma imagem (negativa) da língua que aqui se fala e isso se estende à negatividade de sua própria identidade”.

A partir do pensamento de Bagno, é possível perceber que esta imagem “negativa” que o próprio falante tem da língua usada aqui, advém da forma como ela foi ensinada nas escolas brasileiras por muito tempo e que, infelizmente, persiste hodiernamente; talvez, atualmente, em menor recorrência, mas ainda é uma realidade.

Essa forma de ensino está relacionada ao caráter de prestígio que a norma culta sempre teve no meio social, excluindo quem não possui o seu domínio, fazendo com que a escola ensinasse, nas aulas de língua portuguesa, apenas a variante padrão, com a ideia de que apenas essa daria ao aluno resultados exitosos na sua vida profissional.

A escola deve adotar o ensino da norma culta nas aulas de língua portuguesa, pois esse é um conhecimento imprescindível para o discente, mas deve orientá-lo a considerar e a respeitar as demais variantes, convidando-o sempre para discussões sobre as diversidades culturais do povo brasileiro.

É necessário fazer o estudante se reconhecer nessa diversidade, e perceber que essas diferenças se refletem diretamente no uso que o falante faz da língua, e que isso faz parte da sua própria identidade, já que a língua é a maior manifestação identitária de um povo. Nas palavras de Possenti (2005, p. 35), “a variedade linguística é o reflexo da variedade social”.

Os pronomes pessoais da língua portuguesa, segundo a gramática normativa, apresentam-se como retos e oblíquos, sendo estes últimos, classificados em átonos e tônicos. Cegalla (2020, p. 180), assegura que pronomes retos funcionam, em regra, como sujeitos da oração. Os oblíquos funcionam como objetos ou complementos.

Para elucidar melhor sobre o uso dos pronomes pessoais retos, de acordo com a GT, mostram-se, como exemplos: “*Eu falo português*”, “*Ele sabe português*”, em que tais pronomes destacados classificam-se como retos, sendo, portanto, sujeitos das orações das quais fazem parte. Como exemplos de pronomes oblíquos têm-se: “*Ela me chamou*”, “*Ele deu-me um presente*”, “*Ela escreveu uma carta para mim*”. Os pronomes pessoais oblíquos funcionam como complementos de verbos, e são divididos em *átunos (sem preposição)* e *tônicos (com preposição)* (Bechara, 2019, p. 181).

Trazendo os últimos exemplos abordados, os quais referem-se a pronomes oblíquos, é recorrente se ver, entre falantes do português brasileiro, por uma questão de variação linguística, a troca do oblíquo átono “me” pelo tônico “mim”, tanto na fala como na escrita, com uso da seguinte forma: “*Ela mim chamou*”, “*Ele mim deu um presente*”. Vale ressaltar que, nos dois últimos exemplos abordando o pronome oblíquo de primeira pessoa do singular, estes constituem um caso de variação linguística, consistindo na troca do *me* por *mim*, caracterizando-se, como um desvio segundo a GT.

De acordo com a colocação pronominal regida pela gramática normativa da língua portuguesa, o uso dos pronomes oblíquos pode ser classificado como *próclise*, *ênclide* e *mesóclise*. A próclise ocorre quando o pronome vem antes do verbo; a ênclide ocorre quando este está posicionado após o verbo; já na mesóclise, o oblíquo está inserido no meio do verbo. Como exemplos, têm-se, respectivamente: “*Ela me deu presente*”, “*Dê-me um abraço agora*”, “*Dar-me-á um abraço na chegada*”.

Ressalta-se que o uso da próclise é o mais recorrente entre os falantes do português brasileiro, principalmente na oralidade, caracterizando-se como sendo mais informal. Já a ênclide é considerada como uso formal da língua, sendo mais comum na modalidade escrita, de pouca recorrência na fala, apenas em contextos que exigem um grau de formalidade. O uso mesoclítico do pronome é o de menor recorrência entre os falantes, sendo praticado, geralmente, por usuários com grande conhecimento formal da língua e em contextos que exigem um grau de formalidade maior. Por isso, a mesóclise costuma ser vista, quase sempre, apenas na modalidade escrita.

Neste capítulo, fez-se uma abordagem sobre os pronomes pessoais, abrindo-se a discussão, de início, com os pronomes pessoais da língua latina, já que é dessa língua de onde advêm os pronomes pessoais que se utiliza no português; discutindo-se, logo em seguida, sobre os pronomes pessoais da língua portuguesa, com foco

nos pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular; e ainda abordaram-se os pronomes pessoais, fazendo um paralelo entre a norma gramatical, variação linguística e ensino. Toda a discussão está assentada em teóricos como Comba (2002), Almeida (2000), Bagno (2004), Possenti (2005), Cegalla (2020), Bechara (2019), Cunha & Cintra (2016).

O capítulo seguinte traz uma discussão sobre o fenômeno fonológico da nasalidade no português brasileiro, focando-se, principalmente, nos estudos de Câmara Jr. (1984, 2009 [1970]), Bisol (2002, 2014) e Abaurre & Pagotto (2013) sobre o processo de nasalização presente no português do Brasil.

3 A NASALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Neste capítulo, faz-se uma abordagem sobre a nasalidade no português brasileiro, trazendo-se, de início, uma discussão sobre as relações e as diferenças entre Fonética e Fonologia, ciências que tratam dos sons da língua; logo após, discute-se sobre a descrição articulatória da nasalidade, a distinção fonético-fonológica apresentada por esse fenômeno físico-fonológico; ainda sobre as vogais do português do Brasil; sobre o processo de nasalização nas vogais e consoantes do português brasileiro e sobre a nasalidade da fala para a escrita, trazendo-se, em adição, questões referentes à oralidade e ao letramento.

Toda a discussão acontece sob a luz dos estudos de Câmara Jr. (1984, 2009 [1970]), Bisol (2002, 2014), Abaurre & Pagotto (2013), Labov (2008 [1970]), Lopez (1979), Battisti e Vieira (2014), Moraes e Wetzels (1992), Vagones (1980), Matzenauer (2017), Mendonça & Oliveira (2019), Callou e Leite (1993), Silva (2002), Marcuschi (1997).

3.1 Relações e Distinções entre Fonética e Fonologia

Os estudos sobre os sons da língua têm despertado interesses entre estudiosos da área desde tempos bem remotos. Os primeiros estudos nessa área não traziam visões e informações precisas sobre o objeto investigado, mas pode-se dizer que eles foram essenciais para que se chegasse aos conhecimentos que já se têm hoje acerca dos sons da(s) língua(s). Seguindo essa abordagem, Vagones assegura que:

de fato, o interesse dos homens pelos sons vocais, visto de uma maneira geral, não é recente. Parece-nos suficientemente claro que, o fato do homem emitir sons vocais para transmitir mensagens, deve ter chamado a atenção dos usuários das línguas para esses sons, desde os tempos mais remotos. Da Antiguidade, temos, entre outros, vestígios de preocupações lingüísticas entre os egípcios, os sumerianos e acadianos, os chineses (Vagones, 1980, p. 180).

Antes de adentrar nas discussões acerca dos campos de atuação da Fonética e da Fonologia, ciências que costumam gerar dúvidas com relação aos seus objetos de estudo, por atuarem no campo sonoro da língua, torna-se relevante fazer uma

abordagem sobre as relações e as distinções que permeiam a atuação dessas duas áreas linguísticas.

Apesar de serem ciências que possuem convergências por tratarem dos sons da língua, por isso serem confundidas com frequência, as duas áreas têm distinções em seus objetivos. Para Matzenauer,

fonologia e fonética apresentam campos de estudo relacionados, mas objetivos independentes. A fonética visa ao estudo dos sons da fala do ponto de vista articulatório, verificando como os sons são articulados ou produzidos pelo aparelho fonador, ou do ponto de vista acústico, analisando as propriedades físicas da produção e propagação dos sons, ou ainda do ponto de vista auditivo, parte que cuida da recepção dos sons. A fonologia, ao dedicar-se ao estudo dos sistemas de sons, de sua descrição, estrutura e funcionamento, analisa a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como se organizam e como se estabelece a relação ‘mente e língua’ de modo que a comunicação se processe (Matzenauer, 2017, p.11).

Considerando a nasalidade, temática foco deste capítulo, relacionando este fenômeno com os estudos fonéticos e fonológicos, para melhor esclarecimento da distinção entre essas duas ciências que tratam da área acústica da língua, pode-se dizer que a produção física dos sons nasais, acontecimento esse que se dá quando o ar encontra o véu palatino abaixado e parte dele sai pelas cavidades nasais, produzindo, assim, sons nasalizados, tem-se, nesse caso, um campo de estudo da Fonética.

Ao partir para a análise dos sons nasalizados, após sua produção física, verificando as distinções causadas pela presença e/ ou ausência de segmentos nasais na sílaba, como se dá em *lança* ~ *laça*, em que o segmento nasal ou sua ausência trazem uma distinção semântica, tem-se, no caso em foco, um campo de estudo da Fonologia.

Ainda sobre as distinções nos campos de estudo fonético e fonológico, Matzenauer (2017, p.11), defende que “a fonética se dedica ao estudo de todo som produzido pelo aparelho fonador e utilizado na fala; a fonologia, diferentemente, detém-se nos sons capazes de distinguir significados – designados *fonemas*”, endossando, dessa forma, as reflexões expostas nos dois últimos parágrafos.

Segundo Callou; Leite (1993, p.11) “enquanto a fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas, a fonologia irá estudar os sons do ponto de vista funcional, como elementos que integram um sistema linguístico determinado”.

Com base nas diferenças discutidas pelos autores apresentados nesta seção, no que concerne às duas ciências abordadas, as quais tratam dos sons da língua, depreende-se que a fonética estuda os sons linguísticos de um ponto de vista físico; a fonologia, por sua vez, parte para a análise desses sons de uma perspectiva mais distintiva, mais prática de sua produção.

Devido à complexidade existente entre os sons linguísticos, uma necessidade de se estabelecer uma diferenciação, quanto ao objeto de estudo entre as disciplinas Fonética e Fonologia, fez-se necessária, uma vez que há fenômenos diferentes na produção e análise dos sons, exigindo, dessa maneira, a realização de estudos executados por áreas diferentes, para que se pudesse chegar a explicações mais sólidas sobre tais fatos linguísticos. Daí por diante, surge uma maior diversidade na literatura fonética e fonológica, que serve de embasamento teórico para estudos e compreensão nessa área.

A Fonética, portanto, pode ser entendida como a ciência que trata da parte física de produção dos sons da fala, isto é, essa disciplina se preocupa em estudar e explicar a função dos órgãos físicos e articulatórios envolvidos na produção dos sons, tendo ela, portanto, um viés físico/fisiológico em seus estudos. A Fonologia, seguindo as atribuições de sua área de atuação, volta-se para o estudo do som produzido, ou seja, seu objeto de estudo é o fonema. Pode-se dizer aqui que a Fonética se volta para a fala, enquanto a Fonologia, para a língua. Consoante Vagones,

a Fonética atual se propõe estudar os fatores materiais dos sons da fala humana: seja as vibrações do ar que a eles se correspondem, seja as posições e movimentos dos órgãos que os produzem. A Fonologia quer estudar não os sons, mas os fonemas, isto é, os elementos constitutivos do significante lingüístico (Vagones, 1980, s.p.).

A Fonética tem uma postura investigativa mais individualizada, isolada, ao estudar a produção dos sons e suas particularidades, enquanto a Fonologia, para realizar suas investigações científicas, necessita de um todo, isto é, de agrupamentos para analisar as relações estabelecidas pelos fonemas no processo linguístico. Nessa perspectiva, Vagones assevera que:

o foneticista é necessariamente atomista ou individualista (no sentido gnoseológico do termo). Cada som da fala humana só pode ser estudado de forma isolada, fora de toda relação com os demais sons da língua. Semelhante procedimento é impossível em fonologia. Uma vez que um fonema constitui um elemento diferencial, somente pode ser definido por suas relações com os outros fonemas do mesmo sistema (Vagones, 1980, s.p.).

De um modo mais sucinto, isso significa que a Fonética, ao estudar um fenômeno linguístico da fala, precisa analisar os fatos um por um, um falante por vez para se chegar aos resultados práticos almejados, enquanto a Fonologia, em seus estudos investigatórios, ao analisar, por exemplo, a diferenciação entre sons para constituir o(s) significante(s) e seu valor semântico social, precisa fazer essa análise de forma coletiva, fazendo comparações, para se chegar às diferenciações e, consequentemente, aos seus resultados.

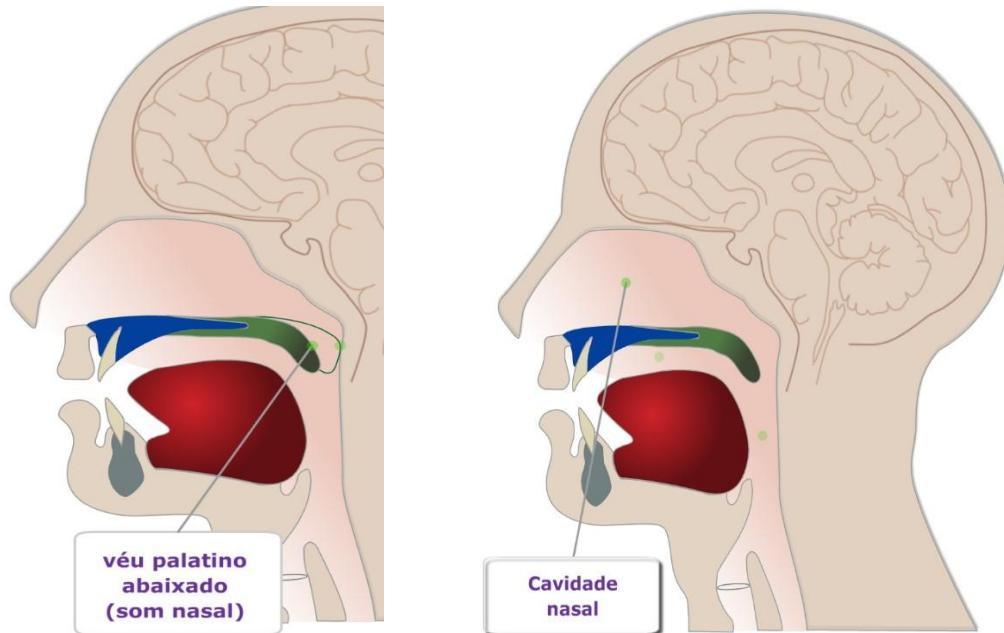
A partir dos estudos dos sons da fala, é possível perceber e compreender a necessidade de aprofundamento, por parte do docente de língua portuguesa, nas áreas fonética e fonológica, e que, apesar de ambas se relacionarem por serem ciências que tratam dos sons da língua, há uma diferença entre seus objetos de estudo que deve ser compreendida e levada em consideração, para que se possa obter resultados satisfatórios no trabalho com a língua portuguesa em sala de aula.

Esta seção trouxe como proposta, esclarecimentos sobre as relações e distinções entre Fonética e Fonologia, abordando seus objetos de estudo, para um maior embasamento teórico sobre o fenômeno da nasalidade, como também para dirimir as possíveis dúvidas sobre os campos de atuação de cada uma dessas ciências. Na seção seguinte, far-se-á uma explanação sobre a descrição articulatória da nasalidade, abordando os tipos de nasalidade existentes na língua.

3.2 Descrição Articulatória da Nasalidade

A nasalidade é um fenômeno fonético-fonológico que pode ser percebido, no português brasileiro, tanto em vogais, estando acompanhadas por um segmento nasal, como em consoantes. Ela acontece quando a corrente de ar, após passar pela glote e encontrar o véu palatino abaixado e a passagem naso-faríngea aberta, tem uma parte do ar desviado para a cavidade nasal, criando, assim, os sons nasais ou os nasalizados, como demonstrado na figura 1. Os sons nasais distinguem-se dos sons nasalizados.

Figura 1 – Véu palatino/Palato mole e Cavidade nasal



Fonte: <https://fonologia.org>. Acesso em: 06 fev. 2024

A organização dos sons é estabelecida no nível fonológico e materializada no nível fonético. Os fenômenos que ocorrem nesses níveis linguísticos são estudados pela fonética e pela fonologia. Dentre esses fenômenos, destaca-se o processo de nasalização que ocorre quando uma vogal oral assimila o traço nasal da consoante nasal seguinte, segundo assegura Câmara Jr. (2009 [1970]). Para melhor elucidação do exposto, traz-se, como exemplo, a palavra “campo” /kāpu/, em que a vogal oral “a” é envolvida pelo traço de nasalidade da consoante nasal “m”, que está em coda silábica.

Quando não há obstrução total do ar na cavidade bucal, mas há a ressonância nasal, o som é nasalizado, como é o caso das “vogais nasais” (assim consideradas pelas gramáticas normativas e compêndios gramaticais). A produção dos sons vocálicos se dá com a passagem do ar livre pela boca, fato esse que não permitiria classificar as vogais, assim como o faz as gramáticas normativas, como vogais nasais, e sim nasalizadas, uma vez que a produção dos sons nasais se dá com a obstrução do ar, ao passar pela glote, o qual encontra um obstáculo no abaixamento do véu palatino, resultando na condução de parte desse ar para a cavidade nasal, produzindo, assim, sons nasalizados.

Daí, Câmara Jr. (1970), ter defendido a tese de que não há vogal nasal em português, mas vogais nasalizadas, uma vez que a vogal é sempre um som bucal, cuja emissão da corrente de ar se faz livremente, ao contrário do que ocorre com a emissão da corrente de ar na produção de uma consoante, que se caracteriza como um obstáculo.

Em consonância com o pensamento de Câmara Jr. (1970), no que diz respeito à nasalidade das vogais do português brasileiro, pode-se concluir que o processo nasal das vogais nessa língua, dá-se por meio de uma assimilação do traço nasal de uma consoante nasal posterior, em que há um espriaimento desse som nasalizado da consoante para a vogal precedente, tornando-se, assim, uma vogal nasal.

Sobre a relação de distinção entre a nasalidade causada pelo contato da vogal com uma consoante nasal na sílaba subsequente ou na mesma sílaba, nesse último caso, em posição de coda, sendo assim, essa consoante, um arquifonema, Câmara Jr. diz que:

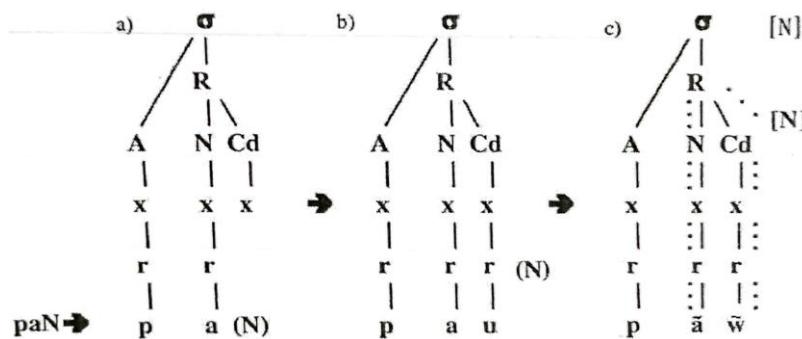
é preciso ainda distinguir, no português, a nasalidade transmitida por uma consoante nasal na mesma sílaba, como em *lança*, daquela resultante do contato com uma nasal na sílaba seguinte, como em *lama*. No primeiro caso, a emissão nasal da vogal é fonológica, tem valor distintivo, isto é, *lança* distingue-se de *laça*. No caso de *lama*, a emissão nasal da vogal não gera contrastes de sentido. Assim sendo, a última não é fonológica (Câmara Jr., 1970, *apud* Bisol, 2014, p. 170).

Com base na tese acima, conclui-se que há uma diferença entre nasalidade fonológica e nasalidade fonética, devendo-se estar atento a esses dois processos, pois, no primeiro, ao se articular a vogal de forma oral em um determinado vocábulo, gera-se um signo com valor semântico diferente daquele produzido ao se pronunciar a mesma vogal de forma nasalizada. Já no segundo, não há distinção semântica no signo produzido, independente de se articular a vogal oral ou nasalmente. Como exemplificação, mostram-se: *minto* ~ *mito* (nasalidade fonológica); *lãma* ~ *lama* (nasalidade fonética).

Não há um consenso entre estudiosos da área no que diz respeito ao processo de nasalidade das vogais no português brasileiro, isto é, se há ou não vogais nasais nessa variante do português falado no Brasil, ou se são apenas nasalizadas pela influência de outros segmentos nasais próximos a elas. Porém, ressalta-se aqui que este pesquisador, nesse sentido, segue a linha de pensamento de Câmara Jr. abordada anteriormente nesta seção.

De acordo com Bisol (2002, p. 505), “a nasalidade em português opera através de dois processos: o de estabilidade e o de assimilação”. O processo de estabilidade ocorre no nível lexical, isto é, no vocábulo, em que a consoante nasal, que está no nível da subjacência apenas, torna-se flutuante, gerando o ditongo nasal, como acontece na palavra *pão* [paN] [pau] [pãõ]. O processo de assimilação ocorre no nível pós-lexical, em que a consoante nasal espraiá sua traço nasal para a vogal oral.

Figura 2 - Exemplo arbóreo da palavra *pão*



Fonte: Bisol (2002, p. 511).

Para Bisol (2002, p. 505), “o receptor da nasalidade flutuante, em português, é a rima, pois inexistem rimas parcialmente nasalizadas como *irmão* ou **irmaõ*, com nasalidade somente sobre o núcleo ou sobre a coda. A rima toda fica envolvida: *irmão*”. Como se pode concluir, na sílaba em que há o ditongo nasal, todos os segmentos que compõem a rima, são envolvidos pelo traço nasal, tanto o núcleo como a coda silábica.

A nasalidade sempre foi um aspecto polêmico da fonologia do português, levantando discussões entre estudiosos da área sobre a presença, nessa língua, de vogais nasais ou apenas nasalizadas. Sobre isso, Bisol afirma que:

possuir o sistema vogais nasais ou ser a vogal nasal um grupo, vogal oral e consoante nasal, foi, em tempos do primeiro estruturalismo linguístico, uma questão crucial. Com o advento da teoria gerativa, a discussão teve continuidade, mas um sistema único de sete vogais indiscutivelmente desde então se consagra. A Câmara Jr. (1953) deve-se a ideia de que a vogal nasal é um grupo formado de um vogal oral e de uma consoante nasal subespecificada, interpretada por ele como arquifonema, na linha de Praga. (Bisol, 2002, p. 501)

Ainda sobre os tipos de nasalidade encontrados no PB, corroborando os estudos de Câmara Jr. (1970) e Bisol (2002), com relação a esse fenômeno fonético-fonológico, Abaurre & Pagotto asseguram que:

há dois contextos gerais para a ocorrência da chamada nasalização vocálica em português. Em um desses contextos, a ocorrência de um elemento vocálico nasal resulta em contraste potencial entre palavras da língua, opondo-as pelos seus significados (cf. *junta:juta*, *cinto:cito*, *lenda:leda*). No outro contexto não há contraste possível, ocorrendo uma nasalização puramente fonética (cf. *uma*, *fino*, *cama*). A observação desse fato levou estruturalistas (cf. Câmara Jr., 1970) à conclusão de que há, na língua, dois tipos de nasalidade: a nasalidade fonológica, com função distintiva, e a nasalidade fonética (não distintiva). (Abaurre & Pagotto, 2013, p. 142)

Ampliando a discussão sobre os tipos de nasalidade no PB, trazem-se posicionamentos de Mendonça & Oliveira acerca do assunto, ratificando os estudos na área de Câmara Jr. (1970), Bisol (2002, 2014), Abaurre & Pagotto (2013):

[...] há dois tipos de nasalização, uma fonológica por causar contraste, uma vogal oral, travada por uma consoante nasal, como em /'kaNto/ “canto”, se opõe a uma vogal oral sem travamento, como em /'kato/ “cato”. Este tipo de contexto favorece a aplicação da regra de modo categórico. Outro tipo de nasalização é denominado de fonética, por não estabelecer contraste. Para que esse tipo de nasalização ocorra, não é suficiente o encontro da vogal com a consoante nasal. Outros fatores linguísticos estão envolvidos no processo. Nos níveis fonológico e fonético, o acento e o ponto de articulação da consoante nasal promovem um ambiente que favorece a nasalização obrigatória, já que vogais acentuadas seguidas de uma consoante nasal sempre serão nasalizadas, como em [ˈkãmə] “cama”, e vogais seguidas da nasal palatal terão nasalização categórica, como em [ˈbãŋʊ] “banho” e [kõˈnesʊ] “conheço”. Vogais não acentuadas seguidas de uma consoante nasal bilabial, como em [aˈmigəs] ~ [ãˈmigəs] “amigas”, ou alveolar, como em [anaˈlizɪ] ~ [ãnaˈlizɪ] “análise”, podem ou não sofrer a nasalização, o que caracteriza a regra de nasalização fonética como variável. (Mendonça & Oliveira, 2019, p. 43-58)

Consoante pontuam Abaurre & Pagotto (2013, p. 142), “a nasalidade fonética é um fenômeno variável, manifesta-se de forma diferente em diversos dialetos do PB”. Para Mendonça & Oliveira (2019), “a regra de nasalização fonética é variável, ou seja, sua aplicação, conforme a teoria da variação linguística, está condicionada a aspectos linguísticos e sociais”.

De um ponto de vista sociolinguístico, a variação é inerente às línguas, o que significa que nas línguas são encontradas formas distintas, mas equivalentes semanticamente nos diferentes níveis linguísticos (Labov, 2008 [1970]). Tal pensamento de Labov, assemelha-se ao que caracteriza a nasalização fonética já

referenciada, que é variacional, pois nela há variação fonética, porém não semântica de vocábulos da língua, configurando-se, nesse caso, como alofones.

Alguns estudos sugerem que a nasalização é condicionada linguisticamente pela classe gramatical, pelo acento e pelo tipo de consoante nasal. Além disso, há conclusões que apontam para uma divisão dialetal do Brasil baseada na nasalização fonética. A nasalização seria bem mais frequente no Norte/Nordeste do que no Sul/Sudeste do Brasil.

Abaurre & Pagotto (2013, p. 159, 160), ressaltam que “o Brasil se divide também pela nasalidade. A região geográfica é também determinante para a descrição do processo de nasalização. Norte e Sul se opõem”.

A nasalização fonética está intrinsecamente ligada, então, a fatores de variação linguística no país, em que em determinadas regiões do País, segundo mostram estudos na área, há uma tendência maior, em determinados segmentos, a se articular as vogais mais oralmente do que de forma nasalizada, como se pode observar, por exemplo, no vocábulo *c[a]mareira*, no qual a vogal “a” é articulada, dessa forma, mais nas regiões Sul/Sudeste do país. Já a variante *c[ã]mareira*, na qual o “a” apresenta-se articulado de forma nasalizada, é mais comum entre os falantes das regiões Norte/Nordeste. Em casos como esse, pode-se dizer que a diferença entre os vocábulos fica apenas no campo fonético e não semântico, caracterizando-se como um processo de alofonia.

No entendimento de Lopez (1979, p. 54 *apud* Bisol, 2014, p. 205), “os sons nasais consonantais do PB são [m], [n] e [ŋ]”. Como exemplos, trazem-se, respectivamente: ***mala***, ***nata***, ***banha***. Na produção desses sons, há um fechamento da cavidade bucal, além do abaixamento do véu palatino. Na articulação do [m], ocorre a obstrução pela aproximação dos lábios; com o [n], a obstrução é obtida pela junção da ponta da língua com a parte posterior dos dentes superiores; e com o [ŋ], a obstrução se dá com a parte anterior da língua encostada no palato duro.

Entende-se, então, que os sons nasais do português brasileiro, de um ponto de vista físico-articulatório, são apenas consonantais, não generalizando todos eles, apenas os três especificados acima, sendo, nesse viés, os sons vocálicos, nessa língua, apenas nasalizados e não nasais, conforme abordou-se, neste capítulo, a tese de Câmara Jr. (1970), sobre as vogais nasais no português do Brasil.

Nesta seção, fez-se uma discussão sobre a descrição articulatória da nasalidade, bem como sobre os tipos de nasalidade existentes na língua portuguesa,

objetivando, assim, a aquisição de mais conhecimento sobre a caracterização fonética da nasalidade, bem como sobre a configuração de tal fenômeno na efetivação da língua. A seção seguinte abre uma discussão sobre o sistema vocálico que compõe a língua portuguesa brasileira.

3.3 O Sistema Vocálico do PB: características articulatórias

O sistema vocálico do PB desempenha uma função de grande relevância para o funcionamento da língua e atualização do processo comunicativo. As vogais são segmentos essenciais na composição das sílabas, visto que não há, na língua portuguesa, sílaba sem sua presença, assim como para a formação das palavras.

Para Battisti & Vieira (2014, p. 166), “o sistema vocálico do português brasileiro apresenta um grande número de regras fonológicas que atuam sobre ele, podendo ser por razões de prosódia, fonotáticas ou morfológicas”.

Entre as vogais componentes desse sistema, as que mais são afetadas por essas regras são as médias, as quais podem sofrer alterações entre si, como também por intermédio das vogais altas [i, u], como é o caso do fenômeno fonológico nomeado de *harmonização vocálica*, o qual consiste em uma vogal média anterior receber o traço sonoro de uma vogal alta posterior a ela. Como exemplo, trazem-se as palavras “menino” /mInino/ e “dormir” /dUrmir/, em que as vogais médias [e, o] são envolvidas pelo traço de sonoridade da vogal alta subsequente a elas [i], passando, assim, a serem pronunciadas também como vogais altas.

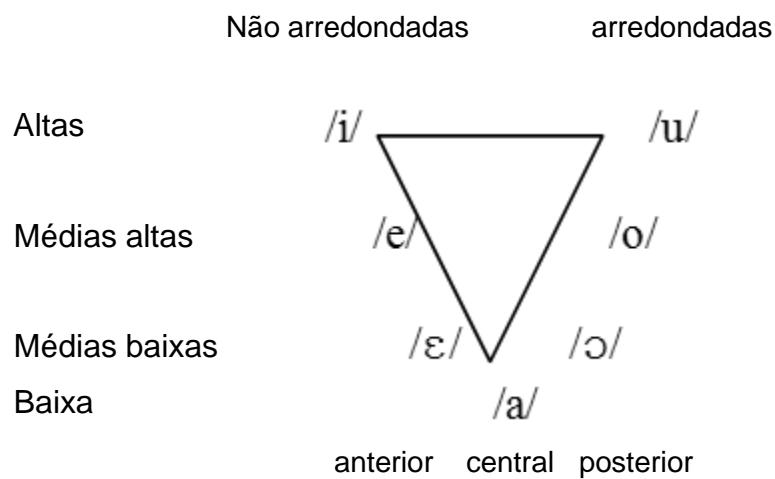
Trazendo ainda como exemplo de vogais médias que têm o seu traço sonoro alterado, aborda-se o fenômeno fonológico chamado de *alçamento vocálico*, em que a mudança sonora da vogal média ocorre sem nenhuma motivação aparente. Como exemplo, traz-se a palavra “boneca”, pronunciada, muitas vezes, como /bUneka/, em que a vogal média [o], perde seu traço sonoro original e assume a sonoridade de uma vogal alta [u].

Na palavra “me”, também é possível perceber a mudança sonora sofrida pela vogal média /e/ que, na maioria das vezes, é pronunciada pelos falantes do português brasileiro, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, como uma vogal alta [i], ou seja, como [mi]. Neste caso, a mudança sonora apresentada pela vogal média também não demonstra, pelo menos aparentemente, uma razão evidente, a não ser que esse processo possa se dar pelo contexto fonológico frasal no qual tal vocábulo

esteja inserido, mas essa última é apenas uma hipótese levantada por este pesquisador.

Câmara Jr. (1970, p. 31 *apud* Battisti & Vieira, 2014, p. 166) apresenta as vogais do português como um sistema triangular, em cujo vértice mais baixo está a vogal /a/. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, em conformidade com o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau, vogais médias de 2º grau e vogais altas, como se demonstra na figura 3 seguinte.

Figura 3 – Sistema vocálico tônico oral do Português Brasileiro

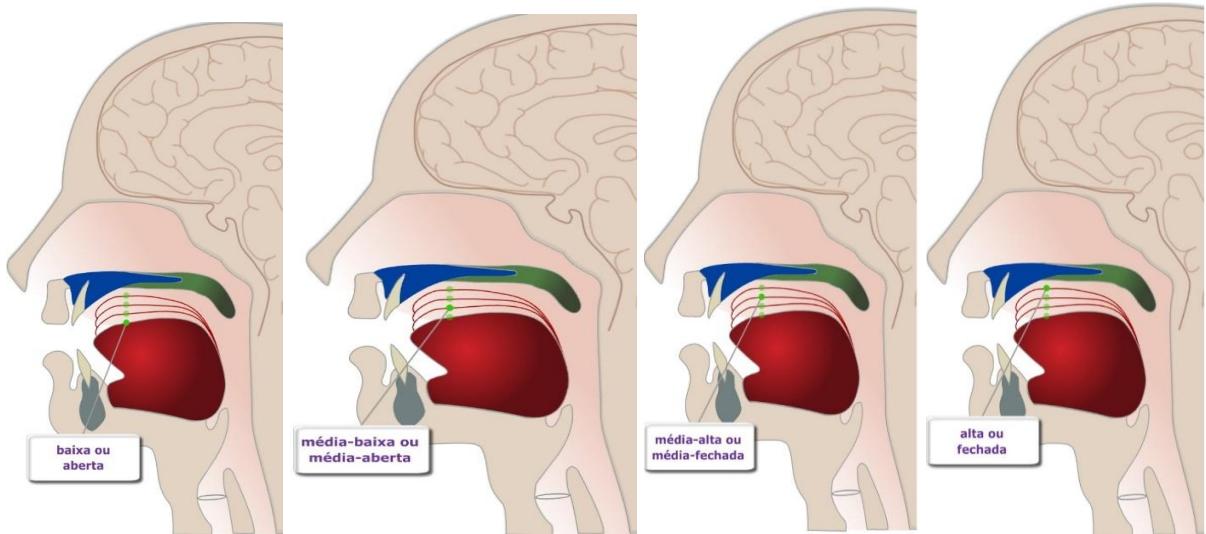


Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 33 *apud* Battisti & Vieira, 2014, p. 167).

A articulação das vogais está relacionada às movimentações da língua e dos lábios. Essa articulação vocálica é definida por: altura, avanço/recuo, arredondamento dos lábios e véu palatino.

Quanto à altura, a língua pode apresentar quatro posições a partir da posição de repouso: baixa [a, ā], média-baixa [ɛ, ɔ], média-alta [e, ē, o, õ], alta [i, ī, u, ū], como se demonstra na figura 4.

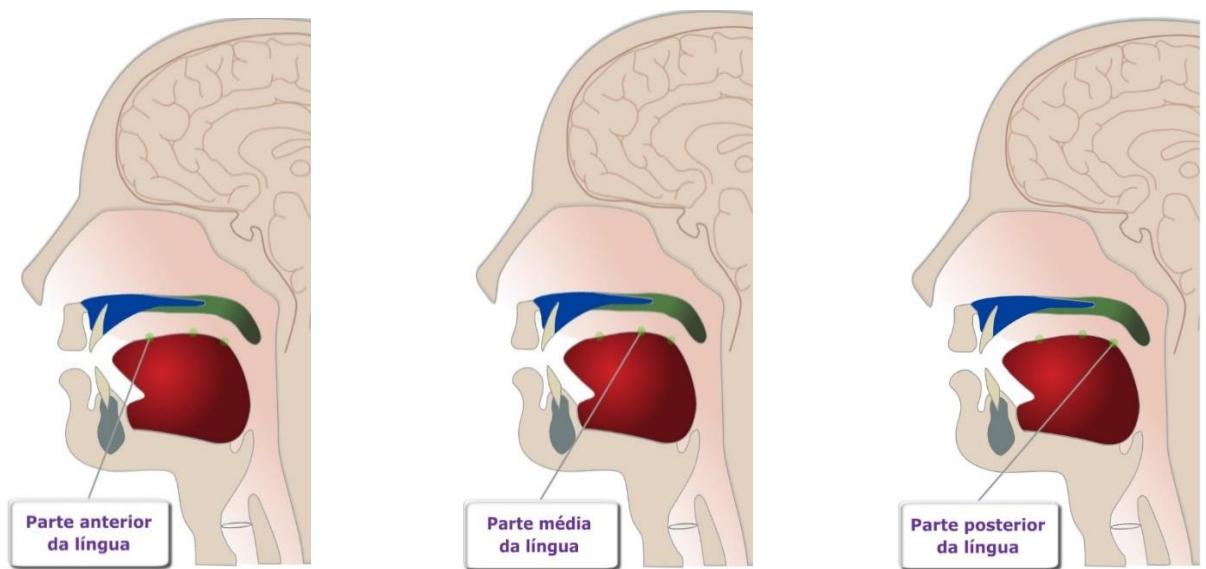
Figura 4 – Articulação das vogais quanto à altura



Fonte: <https://fonologia.org>. Acesso em: 06 fev.2024

No tocante ao avanço/recuo, a língua pode assumir três posições: anterior [ɛ, e, ë, i, ï], central [a, ã], posterior [o, ɔ, õ, u, ù], como demonstrado na figura 5, a seguir.

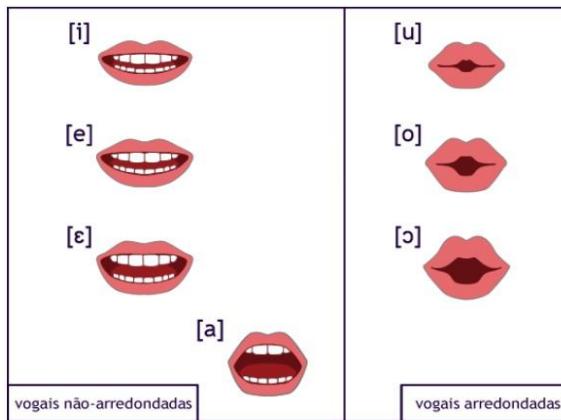
Figura 5 – Articulação das vogais quanto ao avanço/recuo



Fonte: <https://fonologia.org>. Acesso em: 06 fev.2024.

Quanto ao arredondamento, ao se articular os sons vocálicos, os lábios podem assumir dois formatos: arredondados e não-arredondados, consoante demonstrado na figura 6.

Figura 6 – Articulação das vogais quanto ao arredondamento dos lábios

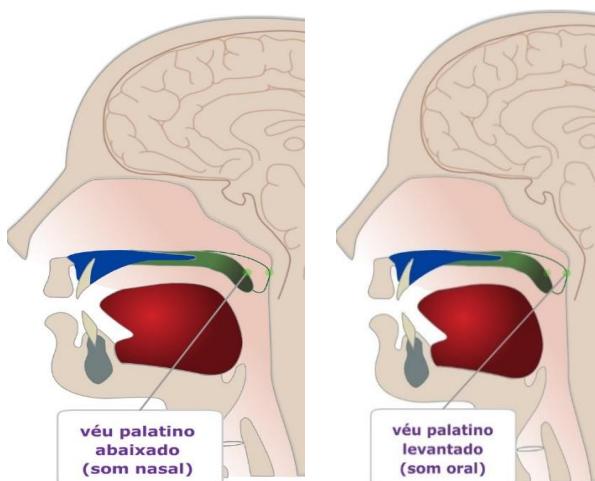


Fonte: <https://fonologia.org>. Acesso em: 06.fev 2024.

Percebe-se, segundo descrição articulatória constante na figura 6, que a boca apresenta graus de abertura diferenciados ao se articular os sons vocálicos, da vogal “a” até a “i”, tornando-se mais fechada, ao se articular as vogais “o, ɔ, õ, u, û”. As vogais nasais/nasalizadas, quanto ao arredondamento dos lábios, seguem a mesma articulação das orais.

No que diz respeito ao véu palatino, as vogais podem ser orais ou nasais. Os sons vocálicos nasais são produzidos com o véu palatino abaixado, saindo parte do ar pelas cavidades nasais e parte pela boca; já os sons vocálicos orais são produzidos com o véu palatino levantado, sendo que o ar sai somente pela boca, como demonstrado na figura 7.

Figura 7 – Articulação das vogais quanto ao véu palatino



Fonte: <https://fonologia.org>. Acesso em: 06 Fev. 2024

Do ponto de vista articulatório, os sons vocálicos são produzidos pela vibração das cordas vocais. Todas as vogais são sonoras, produzidas com a passagem do ar livre pela boca.

Segundo Silva (2002), no Português existem sete segmentos vocálicos, que são produzidos com a passagem do ar sem interrupção na linha central da boca, como se vê a seguir: [i] para o som da vogal *i* em *li*; [e] para o som da vogal *e* em *lê*; [ɛ] para o som da vogal *e* em *fé*; [a] para o som da vogal *a* em *pá*; [ɔ] para o som da vogal *o* em *pó*; [o] para o som da vogal *o* em *capô*; [u] para o som da vogal *u* em *Itu*.

As vogais são segmentos sonoros imprescindíveis para a composição dos signos da língua, constituindo-se como núcleo silábico, ou seja, não há sílaba, na língua portuguesa, sem a presença de uma vogal para compô-la. Sendo assim, se todo signo linguístico é composto por uma ou mais sílabas, e se cada sílaba só existe com a presença de um segmento vocálico na sua estrutura, daí se pode concluir que as vogais são elementos primordiais para a efetivação da língua, tanto na escrita quanto na oralidade.

A presente seção tratou do sistema vocálico que compõe o português brasileiro, com foco em suas características articulatórias. Na próxima seção, tratar-se-á sobre o fenômeno da nasalidade nas vogais do PB.

3.4 A Nasalidade nas Vogais do Português Brasileiro

Seguindo a proposta de Câmara Jr. (1970), a nasalidade das vogais, nas línguas universais, manifesta-se estruturalmente de duas maneiras, sendo uma, a *nasalidade pura das vogais*, conforme ocorre no francês, como nos exemplos /bõ/, *bon*, que se opõe a /bõ/, *bonne*; a outra, é resultante do contato da vogal oral com uma consoante nasal, a qual espraiia seu traço de nasalidade para a vogal, tornando-se, assim, uma vogal nasalizada, como em “lama” /lãma/. Esta última é, segundo Câmara Jr., a nasalidade que ocorre no português.

Câmara Jr. (1970) estabelece ainda uma diferença entre a nasalidade que ocorre por meio do contato da vogal oral com uma consoante nasal na mesma sílaba, a qual ele chama de *fonológica*, tendo, portanto, um valor distintivo, como ocorre, por exemplo, na palavra *minto*, que é diferente semanticamente de *mito*, daquela nasalidade que ocorre por meio do contato da vogal oral com uma consoante nasal na sílaba seguinte, classificada por ele como *fonética*; esta, ao contrário da nasalidade

fonológica, não tem valor distintivo. Para melhor elucidação do exposto por Câmara Jr., traz-se a palavra *dama*, em que a vogal [a], sendo pronunciada de forma oral ou nasal, não altera o significado de tal vocábulo.

Destarte, para Câmara Jr. (1984, p. 31 *apud* Battisti & Vieira, 2014, p. 170), “vogal nasal é o conjunto de vogal seguida por consoante nasal na mesma sílaba, isto é, uma sílaba em que a vogal nasal advém do travamento por uma consoante nasal pós-vocálica, um arquifonema nasal”.

Sobre a função das vogais na sílaba tônica, Battisti & Vieira asseveram que:

no contexto de sílaba tônica, os sons vocálicos criam oposições do tipo s[a]co, s[e]co, s[ɛ]co, s[o]co, s[ɔ]co, s[i]lo, s[u]co. Contudo, quando a sílaba tônica for imediatamente seguida por uma consoante nasal, desaparece a oposição entre as vogais médias de 1º e 2º graus, ocorrendo apenas as médias de 2º grau. Ex.: l[e]nda, c[o]nto, mas não *l[ɛ]nda, *c[ɔ]nto. (Battisti & Vieira, 2014, p. 167).

A existência de uma consoante nasal pós-vocálica no final da sílaba, impede a ocorrência de casos de degeminação como em *rã azul*, não sendo possível, portanto, devido a essa presença do traço nasal trazido pela consoante nasal arquifonêmica, a supressão de um dos fonemas [a] (*[rãzul]). Esse processo de sândi vocálico se torna possível em vogais oralizadas como em *casa azul* ([kazazul]).

A presença também de uma consoante nasal em posição de coda silábica, permite a pronúncia do /r/ múltiplo, como na palavra *hon/r/a*, a qual não é pronunciada como *hon/r/a*. Essa pronúncia do /r/ no exemplo dado, é possível devido ao traço nasal espriadado pela consoante.

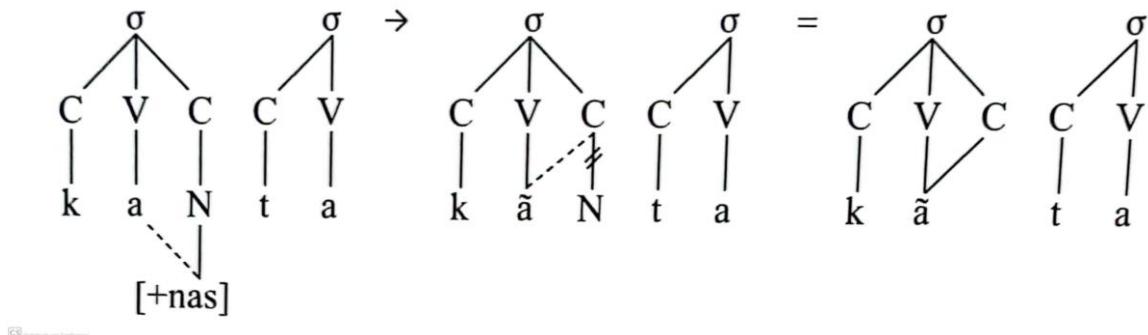
Moraes e Wetzels (1992 *apud* Battisti & Vieira, 2014, p. 173), num estudo sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais na linha da Fonologia Experimental, constatam o seguinte:

- a) a vogal nasal (*tampa*) é mais longa que a oral (*tapa*), tanto em contexto tônico como pretônico (*tampa x tampado*);
- b) a vogal nasalizada (*cama*) é ligeiramente mais breve que a oral (*cala*);
- c) a vogal nasal é mais longa que a oral diante de oclusivas (*campo*) e menos longa que a oral diante de fricativa (*canso*).

Considerando-se a vogal nasal como VN e admitindo-se que o processo mais geral seja a queda do elemento consonântico nasal, Battisti & Vieira (2014, p. 173), afirmam que o processo de nasalização ocorre da seguinte maneira: (a) o elemento

nasal nasaliza a vogal precedente e (b) cai, acarretando o alongamento compensatório da vogal já nasalizada, que passa a ocupar duas posições temporais, representadas por VC no *tier temporal*, como se mostra na figura 8.

Figura 8 – Processo de nasalização da vogal no português



Fonte: Moraes e Wetzels (1992, p. 156 *apud* Battisti & Vieira, 2014. p. 174).

De acordo com a figura 8 e com estudos na área, destacando os de Câmara Jr., pode-se entender a nasal como sendo uma sequência de dois segmentos, VN, ou seja, vogal + nasal, no plano da subjacência, ficando a nasal pura, apenas no plano da superfície. Na figura 9, são apresentadas as vogais nasais/nasalizadas do PB.

Figura 9 - Vogais em posição tônica diante de nasal

altas	/i/	/u/
médias	/e/	/o/
baixa	/a/	
	anterior	central

Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 33 *apud* Battisti & Vieira, 2014, p. 167).

Consoante a figura acima, vê-se que há cinco vogais nasais/nasalizadas no PB, em que esse processo de nasalização ocorre por assimilação, sendo que a vogal precedente é envolvida pelo traço da consoante nasal, que pode estar em posição de coda silábica ou de ataque/onset da sílaba subsequente. Para Câmara Jr, (1970, p. 49 *apud* Bisol, 2014, p. 169), “a nasalidade da vogal no PB, resulta do contato desta

com uma consoante nasal adjacente". Câmara Jr. (1984, *apud* Bisol, 2014, p. 170), observa que "essa consoante nasal é indiferenciada quanto ao ponto de articulação, sendo labial, dental, velar ou palatal de acordo com a consoante que a segue".

As vogais nasais/nasalizadas apresentam uso recorrente nas produções linguísticas dos falantes do PB, são segmentos de grande valor no processo comunicativo. Elas podem alterar a semântica de vocábulos, bem como indicar particularidades de fala de um determinado grupo social.

Na seção seguinte, faz-se uma breve abordagem sobre as consoantes nasais do PB e sua caracterização fonética.

3.5 O Sistema Consonantal Nasal do Português Brasileiro: caracterização fonética

A consoante é um segmento que faz parte da composição da sílaba no PB. Segundo Câmara Jr. (1953, 1984, 1985) *apud* Monarettto, Quednau & Da Hora (2014, p. 202), "é o elemento que se combina com a vogal silábica para formar a sílaba. Manifesta diferenças articulatórias de acordo com a posição que ocupa na palavra: pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica". Dessa forma, a consoante exerce uma função de destacada relevância no funcionamento da língua, uma vez que é um componente primordial para a composição de sílabas e dos signos que contemplam o léxico do PB.

As consoantes nasais do português brasileiro são representadas pelos segmentos [m], [n] e [ŋ], que são usados na composição de sílabas e, consequentemente, de palavras. Elas podem estar, na sílaba, tanto em posição de ataque/onset, como em posição de coda, caracterizando-se, dessa forma, como um arquifonema nasal.

Segundo Silva (2002), por meio de parâmetros articulatórios, para se classificar uma consoante, no Português, deve-se levar em conta quatro aspectos:

- i) mecanismo de corrente de ar;
- ii) vozeamento e desvozeamento;
- iii) oralidade e nasalidade;
- iv) lugar e modo de articulação.

Na produção dos sons consonantais, a corrente de ar é sempre pulmonar; quanto ao vozeamento e desvozeamento, as consoantes podem ser surdas ou

sonoras. O movimento do palato mole e da úvula pode dar ao som a característica de oralidade ou nasalidade.

Consoante Silva (2002), os lugares de articulação são: bilabial, lábio-dental, dental ou alveolar, alveopalatal, palatal, velar, glotal. Com relação às consoantes nasais, estas são classificadas, quanto ao lugar de articulação, como:

- . **bilabial**: quando o lábio inferior encontra o lábio superior. A consoante nasal produzida é [m], como na palavra *mico*;
- . **dental ou alveolar**: quando a ponta da língua/lâmina se move em direção aos dentes superiores ou aos alvéolos, produzimos a consoante nasal [n] de *nada*;
- . **palatal**: quando a parte central da língua se move em direção ao palato duro, produzimos a consoante nasal [ɲ] de *banha*.

Considerando o modo de articulação, as consoantes são: oclusivas, nasais, fricativas, africadas, tepe, vibrantes, retroflexas, lateral. As consoantes nasais apresentam as seguintes características quanto ao modo de articulação:

. **nasais**: bloqueio do ar que vem dos pulmões pela ação dos articuladores, entretanto, o véu palatino se posiciona abaixado e parte do ar, após passar pela glote, é conduzido para as cavidades nasais, produzindo, assim, consoantes nasais. Sons produzidos: [m], [n] e [ɲ], nas respectivas palavras: *dama*, *cano* e *manha*;

As consoantes são, portanto, segmentos fonológicos que exercem uma função de grande relevância na efetivação da língua, seja na modalidade oral, seja na escrita. Para que possam ser pronunciadas, é necessário o auxílio de articuladores na produção dos sons, sejam eles ativos ou passivos. Elas não são capazes de formar uma sílaba sem o auxílio da vogal, necessitando desse segmento tanto para a composição silábica, como para facilitar a pronúncia das palavras.

No que concerne às consoantes nasais, estas podem espalhar seu traço de nasalidade para vogais anteriores ou subsequentes, causando, dessa forma, distinção semântica entre vocábulos ou apenas alofonias.

Na seção seguinte, abre-se uma discussão sobre a movimentação da nasalidade, efetivada da fala para a escrita, trazendo, como embasamento teórico, estudos de Câmara Jr. (1970), Bisol (2002) e Othero (2015).

3.6 Da Fala para a Escrita: a nasalidade em movimentação

A nasalidade é um fenômeno físico-fonológico que ocorre quando a corrente de ar, após passar pela glote, encontrar o véu palatino abaixado e a passagem nasofaríngea aberta, tem uma parte do ar desviada para a cavidade nasal, criando, assim, os sons nasais ou os nasalizados.

O processo de nasalidade é representado ortograficamente, na língua portuguesa, por meio das consoantes nasais [m] e [n], pós-vocálicas, como nas palavras *campo* e *canto*, em que, segundo Câmara Jr. (1970), a vogal oral anterior, da mesma sílaba, é envolvida pelo traço de nasalidade espriadado pela consoante nasal que se encontra em posição de coda silábica, tornando-se, nesse caso, uma vogal nasal.

Esse fenômeno também pode ser representado, na grafia, com o uso do diacrítico ~ (til), colocado acima da vogal que receberá o traço de nasalidade, como na palavra *mãe*. Além disso, ela ainda pode ser representada por ditongos nasais como em *salão*, *cantaram*. Na visão de Bisol,

a nasalidade em português opera através de dois processos: o de estabilidade e o de assimilação. O processo de estabilidade ocorre no nível lexical, isto é, no vocabulário, em que a consoante nasal, que está no nível da subjacência apenas, torna-se flutuante, gerando o ditongo nasal, como acontece na palavra *pão* [paN] [pau] [pãõ]. O processo de assimilação ocorre no nível pós-lexical, em que a consoante nasal espria seu traço nasal para a vogal oral. (Bisol, 2002, p. 505)

Portanto, trata-se de um processo que apresenta possibilidades distintas de registro, o que, certamente, leva muitos falantes da língua portuguesa a terem dificuldades ao grafarem palavras com esse tipo de ocorrência, principalmente crianças no ensino fundamental, pois, diante de tantas possibilidades de grafias para a nasalidade e de ainda apresentar um grau de imaturidade considerável com relação ao domínio da escrita formal da língua, elas terminam por apresentar vários desvios gráficos nas palavras que apresentam esse fenômeno fonológico.

Nessa modalidade de ensino, é comum as crianças tenderem a representar a forma como falam, na sua escrita, devido não entenderem que esta nem sempre é fiel à fala, e ainda não possuírem um conhecimento formalizado do sistema ortográfico do português, o que as leva a cometerem tantos desvios ortográficos em suas produções escritas.

É bastante recorrente, em textos produzidos por alunos, principalmente de ensino fundamental, a presença de processos fonológicos relacionados à fala e à escrita. Segundo Othero (2015 *apud* Rodrigues, 2016, p. 38), “os processos fonológicos são meios que as crianças encontraram de pronunciar algum determinado fonema de forma mais facilitada”.

Uma ocorrência bastante significativa em textos de alunos dessa etapa de ensino, é o processo de *inserção* de nasalidade, que consiste em inserir uma consoante nasal indevidamente, após uma vogal, como forma de representação da fala, em uma sílaba da palavra. Isso pode ser exemplificado no registro de palavras como “*muinto*” para “*muito*”, “*ingual*” para “*igual*”, “*indiota*” para “*idiota*”, que pode ser visto, com frequência, na grafia de palavras como essas, efetivada por alunos do ensino fundamental.

O processo de inserção de segmento nasal indevidamente em uma palavra, é um caso de nasalidade fonética, pois, ao inserir a nasalidade em uma palavra como “*ingual*” para “*igual*”, há, dessa forma, uma alteração fonética na palavra, porém, não havendo nenhuma mudança semântica, gerando, dessa maneira, apenas uma alofonia.

Vale ressaltar que, caso não seja feita uma intervenção adequada com relação a esses desvios no tempo certo, o aluno pode levá-los para outras modalidades de ensino posteriores, como ensino médio e até ensino superior.

No tocante ao pronome oblíquo “me”, tema desenvolvido neste trabalho, por uma questão variacional, é frequente a troca, na fala, deste pronome pelo oblíquo tônico “mim”, o que representa também uma inserção de nasalidade que, muitas vezes, é levada para a escrita.

Muitos falantes, por exemplo, ao articularem a frase “ela me chamou”, fazem-no como “*Ela mim chamou*”, nasalizando o pronome oblíquo, ocasionando a troca do átono pelo tônico, tanto na fala como na escrita. Presumivelmente, isso se dê por algum “gatilho” que esteja presente no referido contexto frasal, levando o falante a nasalizar a vogal oral.

Outros processos fonológicos como *troca* e *apagamento*, referentes à nasalidade, são perceptíveis na escrita de alunos. A troca de nasalidade consiste na substituição da consoante nasal [m] por [n] ou vice-versa, em coda silábica, como se vê nos seguintes exemplos: “*tanbor*” para “tambor”, “*demte*” para “dente”. Já o apagamento, consiste na eliminação de um segmento nasal no momento de grafar

uma palavra, como se pode perceber na grafia dos seguintes vocábulos: “*bobeiro*” para “bombeiro”, “*pitura*” para “pintura”.

A presença de traços típicos da oralidade na escrita de alunos da educação básica, é um fato recorrente no cotidiano escolar, bem como em outros contextos em que a modalidade escrita se faz necessária. No que concerne à nasalidade, essa realidade é uma constante em palavras e textos grafados, em que se podem perceber traços nasais produzidos na fala, sendo levados para produções textuais escritas, distanciando-se, consequentemente, dos padrões formais prescritos pela GT para o uso culto da língua.

Nesta seção, abordou-se uma discussão assentada em teóricos como Câmara Jr. (1970), Bisol (2002), entre outros, sobre a nasalidade da fala para a escrita, abordando-se, processos fonológicos relacionados a este fenômeno, que são recorrentes na escrita de alunos, principalmente do ensino fundamental, mas que podem, também, ser vistos em textos de alunos de níveis escolares mais avançados. Na seção seguinte, abre-se uma discussão sobre as modalidades oral e escrita da língua, com vistas a uma melhor compreensão no que tange à caracterização de ambas.

3.7 Oralidade e Escrita: duas modalidades que se complementam

Oralidade e escrita são duas formas de manifestação da linguagem. A primeira, geralmente, é marcada mais pela variante coloquial (informal) da língua, visto que é nessa modalidade linguística, que os falantes, na maioria das vezes, sentem-se mais à vontade para expressar seus pensamentos, ideias. Já a segunda forma de manifestação linguística, exige um grau mais elevado de formalidade, em que o falante necessita de um conhecimento mais aprofundado do uso culto da língua.

Sobre as formas de aquisição das modalidades oral e escrita da língua, Marcuschi (1997, p. 120), diz que “a fala é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia. A escrita, em sua faceta institucional, se adquire em contextos formais: na escola”. Vê-se, então, que o caráter formal que a escrita possui, desde o seu processo de aquisição, traz para ela um *status* de maior prestígio social, em comparação com a modalidade oral, já que esta última é adquirida e empregada em contextos com um grau de informalidade maior.

As modalidades oral e escrita da língua apresentam características que são peculiares de cada uma, apesar de utilizarem o mesmo sistema linguístico. Segundo Marcuschi (2010, p. 21), “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”. Isso significa dizer que, não há, entre ambas, uma que seja superior à outra, mas sim, que cada uma delas segue uma sistematização que lhe é peculiar, e que se relacionam na atualização do processo comunicativo.

Ainda sobre as características inerentes à escrita e à oralidade, Marcuschi assegura:

a fala seria uma forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. A escrita seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades. (Marcuschi, 1997, p. 126)

É necessário que o falante tenha consciência de que, nem sempre, a escrita deve reproduzir fielmente a fala, isso devido ao fato de que esta é menos monitorada do que aquela, no que diz respeito ao nível de formalidade, fato esse que afeta a qualidade do texto grafado. Essa é uma infração que, muitas vezes, os falantes cometem no uso que fazem da língua, ao tentarem registrar ortograficamente muitas palavras ou expressões da mesma forma que as articulam oralmente.

Para Bessa (2012, p. 203 *apud* Chaves et al. 2022, p. 376), a oralidade possui componentes pragmáticos, “pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos, etc.”, que oportunizam espontaneidade, dinamicidade, simplicidade e informalidade, peculiaridades que não poderiam ser aplicadas à escrita, ressalvando textos literários que possuem um estilo particular.

Há várias marcas presentes no discurso oral que nos permitem compreender a fala de alguém, fatores pragmáticos como gestos, entonação, movimentos faciais, entre outros. Por outro lado, esse pragmatismo linguístico já não é possível na escrita. Portanto, nesta modalidade, o falante terá que recorrer a recursos comunicativos mais sistematizados e, por sua vez, mais formalizados para esse tipo de registro.

O fato de a oralidade constituir-se como uma modalidade mais informal de uso da língua, não significa que ela seja uma manifestação errada de uso por parte do falante, sendo considerada então, com isso, como adequada, apenas a modalidade

escrita, por essa obedecer mais ao padrão culto. Esse é um estigma que precisa ser mudado, já que o uso adequado da língua está relacionado ao contexto, à situação comunicativa que está sendo vivenciada, e não apenas à obediência às regras prescritas pela gramática normativa da língua portuguesa.

A escrita é uma modalidade linguística essencial para o processo comunicativo no meio social. Ela exerce um papel imprescindível para a humanidade, não apenas nos registros diários da língua dos quais os falantes precisam e fazem uso, mas também por ser, essa modalidade, responsável por materializar, para a sociedade, conhecimentos construídos ao longo dos tempos, manifestações culturais, os quais são repassados entre as gerações através dela. Sobre a relevância da escrita, Marcuschi afirma:

numa sociedade como a nossa, a escrita é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência. (Marcuschi, 1997, p. 120)

A escrita tornou-se, ao longo dos tempos, apesar de ser uma descoberta tardia em comparação com a oralidade, uma forma de manifestação da linguagem cada vez mais presente na vida das pessoas, independente de classe social, meio onde vivem, configurando-se como um bem indispensável para a sociedade.

Consoante Marcuschi (2010, p. 16), “letramento é uma prática social formalmente ligada ao uso da escrita”. Com isso, há nos livros didáticos e demais materiais escolares impressos, uma preferência pela abordagem de gêneros escritos. Isso não significa que a oralidade deva ser subestimada pela escola. Esta manifestação linguística deve ser trabalhada por ela como uma modalidade que se relaciona com a escrita, em um processo em que ambas estão interligadas linguisticamente, e que a junção das duas favorece a uma preparação mais eficaz do aluno para suas interações linguísticas ativas no meio social.

O uso oral da língua é, sem dúvida, mais recorrente do que o uso escrito, isso desde tempos remotos. Sobre isso, Marcuschi (1997, p. 120) assevera:

seria possível definir o homem como um ser que *fala*, mas não como um ser que *escreve*, o que traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto trivial, de que a escrita é derivada e a fala é primária. Não é necessária muita genialidade para constatar que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita. Não se trata, com isto, de colocar a oralidade como mais importante, mas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica” indiscutível. (Marcuschi, 1997, p. 120)

Considerando o pensamento de Marcuschi, não se pode categorizar que a oralidade seja mais importante do que a escrita, o que se deve entender é que aquela surge primeiro do que esta, sendo, a oralidade, uma modalidade utilizada por todos os povos, conforme assegura o autor, enquanto a escrita não é ou não foi uma realidade para todas as civilizações. Neste viés, ambas são manifestações de grande relevância no processo comunicativo social.

Neste capítulo, fez-se uma discussão sobre a nasalidade no português brasileiro, abordando desde a caracterização articulatória referente a esse fenômeno linguístico, até a sua efetivação no processo comunicativo dos falantes da língua portuguesa, contribuindo, sobremaneira, para um embasamento teórico consistente sobre o assunto em tela, o qual se configura como o ponto primordial deste estudo, favorecendo, por sua vez, a uma análise mais robusta dos dados encontrados durante a concretização da pesquisa.

O capítulo seguinte traz uma abordagem sobre a estrutura silábica do português brasileiro, com foco na nasalidade, já que esta acontece no interior de uma sílaba, com vistas a compreender satisfatoriamente as manifestações nasais na morfologia dos signos linguísticos.

4 A SÍLABA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A NASALIDADE

Este capítulo apresenta uma discussão teórica sobre a sílaba no português brasileiro e seus constituintes, abordando-se, com foco, sílabas com a presença de segmentos nasais, sob a luz dos estudos de teóricos como Bisol (2013 [1999]), Câmara Jr. (1969), Alves (2017), Collischon (2014), Keller (2010), Hooper (1972), Kahn (1976), Clements e Keyser (1983, 1990), Selkirk (1982), Hyman (1985) e Murray & Vennemann (1983).

4.1 Estrutura e Caracterização da Sílaba

A princípio, pode parecer fácil a definição e compreensão do que seja uma sílaba em português. Isso talvez se deva a alguns aspectos que nos são mostrados sobre essa unidade fonológica quando iniciamos nossos estudos fonológicos ainda na educação básica, os quais nos são repassados de uma forma, na maioria das vezes, sem aprofundamento, sem maiores explicações fonéticas e fonológicas, levando-nos a entender que a sílaba é algo fácil de ser identificado dentro do léxico.

No entanto, à medida que há um aprofundamento nos estudos de fonética e fonologia, vê-se que isso não é tão simples assim, uma vez que a sílaba pode ser considerada uma unidade mental, o que a torna uma unidade de grandes complexidades para ser entendida e explicada. Nesse viés, Alves assevera que:

nos estudos de fonética e fonologia, uma vez que a sílaba pode ser considerada uma unidade mental de evidências inegáveis, caracterizá-la em termos representacionais, bem como investigar o processo de silabação de um determinado sistema linguístico, constitui um desafio que tem intrigado linguistas, pelo menos, nas últimas cinco décadas. (Alves, 2017, p. 125)

Partindo dessa premissa, pode-se concluir que o trabalho com a sílaba requer um estudo aprofundado para um maior embasamento, já que não se trata de algo tão simples como a princípio possa parecer. Esse aprofundamento nessa área se faz necessário, pois, dessa forma, o conhecimento sobre essa unidade fonológica far-se-á de forma mais solidificada e significativa.

Para abordar a discussão da sílaba como sendo inegavelmente uma unidade mental, Alves (2017, p. 125 - 126), traz, como exemplos, as palavras ‘seio’ e ‘cheio’ em que se tem os fonemas /s/ e /ʃ/ como distintivos, ou seja, formam léxicos com

significados diferentes, e ainda, a palavra ‘pasta’, que, dependendo da variedade linguística, pode ser produzida com [s] ou [ʃ], apresentando diferença fonética, mas não lexical.

Isso mostra que para esse entendimento, é necessário ir além de uma análise segmental, sendo preciso recorrer a uma unidade maior, a sílaba, já que o caráter distintivo ou alofônico nos exemplos dados, vai depender da posição desses segmentos dentro da estrutura silábica, em que na posição de *onset* silábico, produziram distinções de sentido; já em posição de coda, caracterizaram-se apenas como alofonia. Isso revela que uma discussão fonêmica dos segmentos não pode estar desvinculada da estrutura silábica.

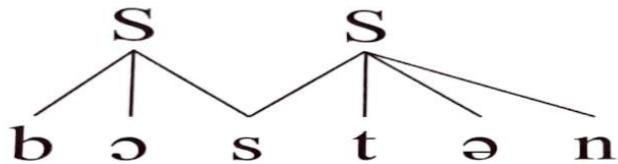
Sobre a importância da sílaba nos estudos fonológicos, Alves (2017, p. 126), diz que “a sílaba é uma das unidades mais presentes nos estudos fonológicos”. Segundo Keller (2010), “o estudo desta unidade iniciou a partir de 1970, com estudiosos como Hooper (1972) e Kahn (1976), que apontavam ser a sílaba domínio de regras fonológicas”.

Devido às peculiaridades referentes à sílaba, não tem sido tarefa fácil para linguistas, há longos tempos, representá-la no plano superficial. Com relação à estrutura representacional silábica, de acordo com Alves (2017, p. 127), podem ser concebidos três grupos de propostas voltadas à sua caracterização:

(i) uma caracterização autossegmental, a partir da qual os segmentos se encontram diretamente ligados à sílaba, caracterizada pela inexistência de uma estrutura hierarquizada entre seus elementos.

Para maior elucidação do primeiro grupo de representação silábica citada por Alves (2017), trazem-se as figuras 10 e 11, em que a primeira expõe a estrutura silábica da palavra “Boston” e a segunda, faz uma abordagem representativa da palavra “Jennifer”, conforme se demonstra na sequência:

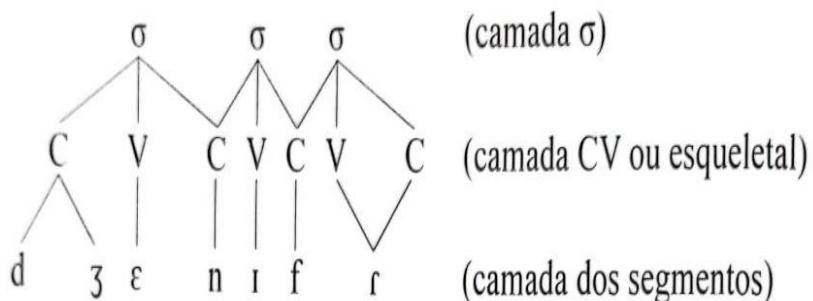
Figura 10 – Estrutura representacional da sílaba proposta por Kahn (1976) para a palavra ‘Boston’



Fonte: Alves (2017, p. 126).

A ilustração exposta na figura 10 traz a percepção dos segmentos ligados através de linhas de associação a um nó S, o qual representa a sílaba, isso de uma forma em que não há um elemento que se sobressaia a outro no contexto.

Figura 11 – Estrutura representacional da sílaba proposta por Clements e Keyser (1983) para a palavra ‘Jennifer’

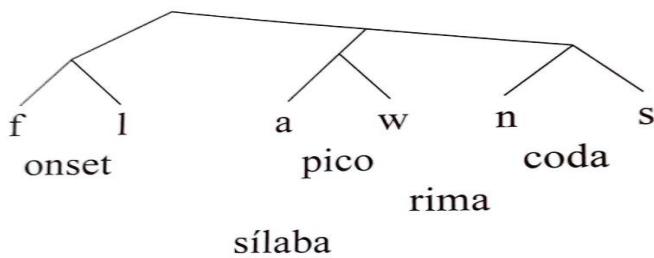


Fonte: Alves (2017, p. 128).

Como visto na figura 11, os elementos são ligados também diretamente à sílaba, assim como na figura 10 e, entre a camada da sílaba e a dos segmentos, propõe-se uma camada CV (CV-tier). Essa proposta possibilita a identificação de picos (V) e margens (C) da sílaba. Isso significa que a vogal, como visto na representação acima, assume o núcleo da sílaba.

(ii) uma caracterização arbórea, a qual prevê uma estrutura interna hierarquizada entre os elementos da sílaba, como exposto na figura 12.

Figura 12 – Estrutura representacional da sílaba proposta por Selkirk (1982) para a palavra ‘flawns’

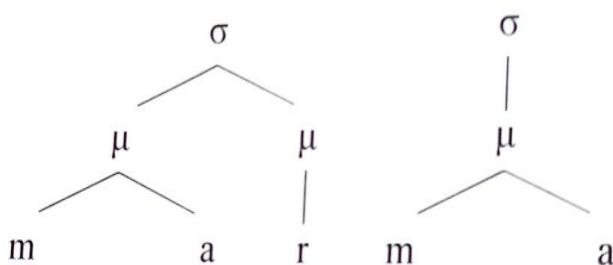


Fonte: Alves (2017, p. 128).

É possível entender, com base na figura 12, que a sílaba fica dividida em duas partes: ataque (onset) e rima, sendo que a rima da sílaba se subdivide em núcleo e coda. O núcleo silábico, por sua vez, é sempre representado por um fonema vocalico. Para Collischon, (2014, p. 100), “uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia”.

(iii) uma abordagem mórica, em que a unidade de ‘mora’ e a noção de peso silábico por ela introduzida, dão conta da silabação. Para Alves (2017, p. 128), “em termos representacionais, as moras, unidades de peso, são associadas às sílabas”. A figura 13 ilustra a estrutura mórica mencionada.

Figura 13 - Estrutura mórica da sílaba, segundo (Hyman, 1985; Hayes, 1995), para as palavras ‘mar’ e ‘má’



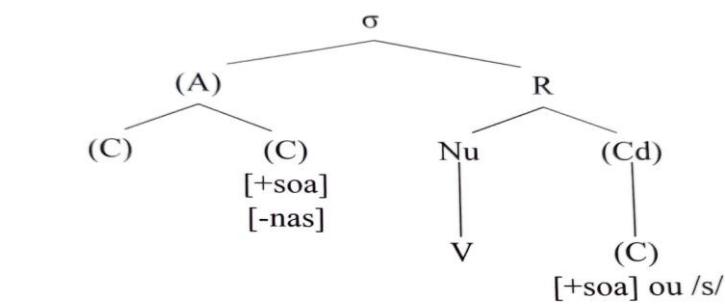
Fonte: Alves (2017, p. 128).

Considerando-se a estrutura constante da figura 13, vê-se que a sílaba está atrelada à noção de peso, sendo que uma sílaba pesada, finalizada por consoante, apresenta duas moras, e uma sílaba leve, terminada em vogal, apresenta apenas uma

mora. Collischon (2014, p. 102) assevera que “podemos definir a distinção entre sílabas pesadas e leves como uma distinção entre sílabas com rima ramificada e sílabas com rima não ramificada”, como detalhado na figura em questão.

A figura seguinte traz a estrutura silábica do português brasileiro na visão de Bisol.

Figura 14 – Molde silábico do português brasileiro

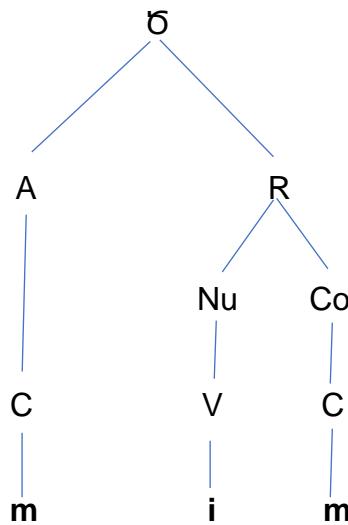


Fonte: Bisol (2013 [1999]: 23) *apud* Alves, (2017, p. 133).

A figura 14 representa o molde silábico para o PB proposto por Bisol (2013 [1999]). Consoante este, a sílaba do PB tem uma estrutura binária, formada por ataque e rima, sendo destes, apenas a rima obrigatória na composição silábica. A rima também apresenta estrutura binária, sendo constituída pelo núcleo e coda, esta representada por um arquifonema (soante ou /S/), aquele, sempre por uma vogal. O ataque pode ser formado por até dois segmentos. Mostra-se um exemplo do molde com as palavras *porta* /porta/ e *pente* /peNte/, em que nas sílabas grifadas de ambas têm-se, nessa ordem, o ataque (p,p) e a rima – núcleo e coda – (o,e; r,N). (Collischon (2014, p. 106), diz que, “com exceção do núcleo, todos os outros elementos são opcionais”.

Aborda-se, em sequência, outro exemplo do molde silábico do português brasileiro, molde este já discutido neste capítulo, utilizando-se, para isso, a palavra “mim”, signo selecionado para uma discussão mais robusta e embasadora sobre a composição silábica com segmentos nasais, uma vez que tal vocábulo possui, em sua composição, a presença de segmento nasal na sua rima, em posição de coda silábica, o qual nasaliza a vogal precedente que compõe o núcleo da rima, possibilitando, sobremaneira, uma exemplificação concreta e elucidativa da nasalidade silábica, segundo se demonstra na estrutura arbórea na figura 15 seguinte:

Figura 15 – Representação arbórea da palavra *mim*



Fonte: Elaboração do autor (2024).

Tomando por base a figura 15, vê-se a palavra *mim*, que é monossilábica, representada em forma arbórea, seguindo o modelo silábico apresentado por Bisol (2013) e Câmara Jr. (1969), no qual se tem o ataque, representado pela consoante nasal [m] e a rima, composta pelo núcleo [i], que é o ápice silábico, isto é, o ponto de maior sonoridade, e pela coda, representada pelo arquifonema nasal [m]. Na figura 16, mostram-se os padrões silábicos do português na visão de Câmara Jr.

Figura 16 – Padrões silábicos do português

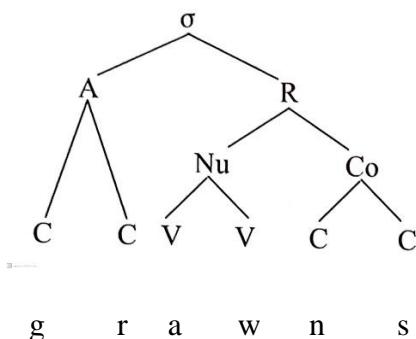
V	<u>é</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>instante</u>
CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>três</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustro</u>

Fonte: Câmara Jr. (1969) *apud* Collischon (2014, p. 115).

Na figura 16, vê-se os formatos possíveis de estrutura da sílaba no português brasileiro. De acordo com Câmara Jr. (1969), a sílaba do português admite até seis

segmentos. Como exemplo, traz-se a palavra *grãos*. Os ditongos nasais são formados por ditongo + consoante nasal (op. cit., p. 33), sendo, então, duas vogais seguidas de uma consoante nasal. (Câmara Jr., 1969). Dessa forma, tem-se, fonologicamente, a sequência /grawNS/, representada na árvore silábica da figura 17, a seguir:

Figura 17 – Representação arbórea da palavra *grãos*



Fonte: Câmara Jr. (1969) *apud* Collischon (2014, p. 116).

Na figura 17, nota-se a presença de uma consoante nasal, a qual espalha seu traço de nasalidade para as vogais antecedentes. A presença dessa consoante nasal está apenas no plano da subjacência, não aparecendo no nível da superficialidade.

Para Câmara Jr. (1969 *apud* Collischon, 2014, p. 115 - 116), a sílaba do português é formada de um acíope, de um ápice e de um declive. O ápice é constituído por uma vogal. O acíope é constituído por uma ou duas consoantes. O declive é constituído por uma das seguintes consoantes /S/, /r/, /l/ ou pela semivogal /j,w/. Considera-se que há também a possibilidade de uma consoante nasal no declive, já que interpreta as vogais nasais como sendo fonologicamente “vogal fechada por consoante nasal”. O modelo silábico defendido por Câmara Jr. está descrito na figura 18, abaixo.

Figura 18 – Estrutura da sílaba do português para Câmara Jr.



Fonte: Câmara Jr. (1969) *apud* Collischon (2014, p.116)

Analisando a figura 18, percebe-se que o núcleo silábico, representado na figura pelo ápice, constitui-se como o centro da sílaba e o ponto de maior sonoridade, ocorrendo, então, um aumento de sonoridade do aclive para o núcleo, e uma queda desta do núcleo para o declive.

Conforme se constatou nas abordagens em que se discutiu sobre o sistema representativo da sílaba, conclui-se que essa unidade apresenta variedades em sua representação, mas, ressalta-se aqui, que este pesquisador tomará por base a representação da estrutura silábica em três constituintes, sendo eles, o ataque, o núcleo e a coda.

A sonoridade é um elemento fundamental na estrutura silábica. De acordo com Clements (1990) *apud* Alves (2017, p. 130), “os segmentos mais sonoros na sílaba se encontram mais próximos do núcleo. A sonoridade cresce em direção ao núcleo e, a partir dele, decresce”.

Nesta perspectiva, na concepção de Alves,

o elemento mais sonoro deverá ocupar o núcleo, de modo que os segmentos mais altos, em termos de sonoridade, encontrem-se mais perto do centro, enquanto os segmentos mais inferiores na hierarquia se encontrem mais próximos às margens. Disso resulta ataques complexos (com mais de um elemento) com acréscimo de sonoridade, e codas complexas com decréscimo de sonoridade. (Alves, 2017, p. 130).

Murray e Vennemann (1983) *apud* Alves (2017, p. 130) preveem que o elemento de coda da sílaba precedente deve ter um valor mais alto, na escala de sonoridade, do que o primeiro elemento da sílaba seguinte.

Nesse viés, conclui-se que a sonoridade na sílaba do português é crescente do ataque ao núcleo, e diminui deste à coda, sendo, dessa maneira, o núcleo silábico o ponto de referência para classificação da sonoridade dos segmentos componentes da sílaba.

Este capítulo trouxe uma discussão sobre a sílaba e seus componentes, com uma abordagem focada na sílaba com nasalidade, possibilitando, com isso, compreender assertivamente como o fenômeno linguístico da nasalidade se manifesta morfológica e fonologicamente no signo, mais precisamente na estrutura silábica. No próximo capítulo, faz-se uma descrição dos procedimentos metodológicos adotados na realização deste trabalho.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. A metodologia diz respeito às ações adotadas para a realização da pesquisa; busca detalhar todos os passos do pesquisador envolvidos na composição do estudo, elucidando e caracterizando o trabalho realizado em todas as suas etapas. Faz-se um detalhamento sobre as informações referentes aos participantes da pesquisa, seus perfis, ao local em que fora realizado o estudo, com suas características, à caracterização da turma pesquisada, à abordagem sobre os instrumentos e meios de coleta de dados, além de uma apresentação sobre a tipologia do trabalho realizado.

5.1 Participantes da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, que funciona no turno vespertino, composta por nove alunos, sendo cinco destes do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com idades entre treze e quinze anos, oriundos da comunidade onde está situada a escola e de localidades vizinhas, todas pertencentes à zona rural.

Por envolver seres humanos, submeteu-se a pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos-PI, (doravante CEP/UFPI/CSHNB), do qual recebeu-se autorização para sua realização, por meio do Parecer Consustanciado CAAE: 83620924.5.0000.8057, Parecer nº 7.314.441.

Seguindo os critérios éticos que devem ser adotados no que diz respeito a qualquer estudo de natureza científica, a identidade dos alunos participantes deste estudo está preservada, bem como os limites de sua privacidade, não lhes trazendo, com os resultados obtidos na realização deste trabalho, nenhum tipo de prejuízo para suas vidas.

Os nove alunos participantes deste estudo, estão identificados por meio de códigos, em que cada um deles recebeu uma codificação diferente, sendo, então, identificados como Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, Aluno 4, Aluno 5, Aluno 6, Aluno 7, Aluno

8 e Aluno 9. Tais identificações levaram em conta a lista de frequência dos alunos, disponível no diário eletrônico da turma.

Na seção seguinte, trazem-se informações referentes ao local em que a pesquisa fora realizada.

5.2 Locus da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola pública situada na zona rural do município de Itainópolis-PI, após deferimento do projeto de pesquisa, pelo Comitê de ética da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, em Picos-PI, como também após consentimento dos pais/responsáveis destes alunos e da gestão da instituição escolar.

A escola foi fundada no ano de 1969, na gestão do prefeito Pedro Luis Dantas Neto, com verba destinada pelo Deputado Federal, à época, Raimundo de Sousa Santos. A instituição escolar foi criada no intuito de promover a educação naquela localidade, abrangendo, principalmente, o alunado local e de seus arredores, pois, os moradores da região tiravam seu sustento da atividade agrícola e não tinham, em sua maioria, condições financeiras suficientes para colocarem seus filhos para estudar na zona urbana, o que tornava muitos dos moradores daquela localidade, até então, não frequentadores de uma instituição escolar formalizada.

A princípio, esta escola oferecia apenas o Ensino Fundamental I, a partir da primeira série, chamada, à época, naquele meio escolar, de “primeiro ano fraco”, seguida do “primeiro ano forte”, do segundo, do terceiro e do quarto anos. Muitos, após concluírem essa etapa, paravam seus estudos; apenas aqueles que possuíam uma melhor condição financeira, passavam a estudar na cidade mais próxima, dando continuidade às suas atividades escolares. Atualmente, a escola oferece ensino a partir da Educação infantil até o nono ano do Ensino Fundamental.

O campo foi escolhido para a pesquisa devido ser uma escola pertencente à rede pública piauiense de ensino; está inserida na modalidade de ensino regular; possuir uma turma de oitavo ano regularmente matriculada no turno vespertino; dispor de permissão e acesso para a realização do estudo, uma vez que o autor do trabalho atua como professor de língua portuguesa na turma pesquisada.

A localidade em que a escola está situada possui acesso para as cidades mais próximas apenas por meio de estradas de terra, as quais, em períodos chuvosos,

ficam, muitas vezes, intrafegáveis, sendo comum, neste período, a escola ter que parar suas atividades pedagógicas devido a muitos alunos não terem como chegar até ela. Segundo a Secretaria Municipal de Educação, à qual a escola está vinculada, quando acontece essa paralisação, o calendário escolar é refeito para que não haja prejuízos maiores para os estudantes.

A escola é mantida com recursos federais/estaduais que são repassados para o município, e com recursos do próprio município ao qual pertence, que os aplica no pagamento de professores e demais servidores; na compra e fornecimento de merenda escolar, material de expediente, fardamento e no auxílio de demais materiais escolares utilizados pelos discentes.

Além da escola, a localidade possui um ginásio poliesportivo, onde são realizados a maioria dos eventos culturais promovidos pela instituição, os quais são abertos à comunidade, uma igreja católica, uma unidade de atendimento de saúde, alguns pequenos comércios, uma academia popular.

Quanto aos professores que atuam na escola, segundo o Projeto Político Pedagógico (doravante PPP) vigente da instituição, há um total de 03 professores na Educação Infantil, todos graduados em curso de licenciatura; 11 professores atuando no Ensino Fundamental I, sendo, destes, 10 licenciados e com pós-graduação em nível *latu sensu* e 01 cursando graduação em Pedagogia. Há 09 professores atuando no Ensino Fundamental II, todos com graduação em cursos de licenciatura, sendo, que destes, apenas 02 não possuem pós-graduação *latu sensu*. Dos professores que atuam nesta modalidade, apenas 01, este pesquisador, está cursando Mestrado, na área de Letras. Ressalta-se que, no Ensino Fundamental II, alguns docentes ministram componentes curriculares diferentes de sua área de formação.

Além dos professores, a escola possui um total de 21 servidores, distribuídos da seguinte forma: 01 diretora, 01 coordenadora pedagógica, 01 secretária, 01 auxiliar de secretaria, 03 merendeiras, 02 vigias, 03 motoristas entre ônibus e demais transportes que fazem o translado dos alunos das localidades vizinhas até a escola. Há, ainda, 03 profissionais “cuidadores” que acompanham e auxiliam 03 alunos com Transtorno do Espectro Autista, sendo um profissional para cada aluno com necessidades especiais. Dos três cuidadores, apenas um possui graduação em curso de licenciatura; os demais, possuem como nível mais alto de formação, o Ensino Médio. Acrescentam-se, ainda, 03 profissionais “monitores”, que são responsáveis por acompanhar os alunos no transporte escolar, durante o translado casa/escola/casa.

Em seguida, faz-se uma abordagem sobre características apresentadas pela turma e pela escola que serviram de cenário para a pesquisa.

5.3 Caracterização da Turma/Escola

A turma do oitavo ano, onde fora realizada a pesquisa, funciona no horário da tarde, das 13h às 17h, de segunda a sexta-feira; às vezes, também aos sábados, pelo menos uma vez por mês, chamado de sábado letivo, dia em que são aplicadas provas escritas apenas. A escola é de médio porte, possui energia elétrica, *internet* (para professores e gestão, e para alunos quando é informada à gestão, pelos professores, a realização de alguma atividade que necessite desse meio), água encanada, transporte escolar, mas ainda apresenta deficiências, principalmente na estrutura física, para proporcionar mais conforto e bem-estar para seus alunos.

São nove alunos que estão matriculados e frequentam as aulas, sendo destes, cinco do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com idades que variam entre treze e quinze anos, sem laudos na escola sobre problemas de ordem neurológica. Todos são oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo, as quais têm como fonte de renda principal, a atividade agrícola.

A interação entre os alunos da turma, como também dos alunos com os professores, direção e coordenação da escola, acontece de forma satisfatória. A escola busca sempre manter uma interação com as famílias de seus alunos, porém, segundo relatos e também por meio da observação do cotidiano escolar, é possível constatar que há deficiência na relação de algumas famílias com a escola, apesar das estratégias que a instituição escolar traça para manter esse bom relacionamento escola/família.

A falta de salas de aula climatizadas é um agravante no processo de ensino/aprendizagem, visto que a escola está localizada em uma região de clima quente, o que se intensifica ainda mais, nos períodos considerados de temperaturas mais elevadas durante o ano. Apenas a sala da direção, que também funciona como sala da coordenação pedagógica e de professores, é climatizada, possuindo um ar condicionado e um climatizador de ar.

O Projeto Político Pedagógico (doravante PPP) da referida escola é um documento que está disponível para consulta e encontra-se atualizado, com

elaboração feita no ano de 2023 e atualizado nos anos seguintes, no qual consta toda a proposta pedagógica da instituição.

A escola atende alguns alunos neuroatípicos em séries variadas, apresentando Transtorno de Déficit de Atenção (doravante TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (doravante TEA), com laudos entregues pelas famílias, os quais contam com o auxílio de um “cuidador” individual para auxiliá-los nas tarefas escolares durante as aulas, buscando, sobremaneira, manter um ensino inclusivo. Ressalta-se que as provas escritas aplicadas para esses discentes laudados, são elaboradas de forma adaptada às necessidades de cada um.

Consoante o PPP, a referida instituição escolar prioriza a promoção de um ensino de qualidade, buscando formar e preparar seus alunos para serem sujeitos ativos e conscientes em suas relações sociais, e para que possam obter resultados exitosos em séries escolares avançadas.

Na seção seguinte, trazem-se informações referentes às atividades aplicadas, bem como aos instrumentos utilizados para a coleta dos dados que foram utilizados para produção deste trabalho.

5.4 Instrumentos de Coleta de Dados e Análise

Os dados foram coletados por meio de três atividades diferentes (disponíveis nos apêndices deste trabalho), aplicadas durante três aulas, no mês de dezembro do ano de 2024, após as orientações devidas feitas a todos os alunos participantes, sobre cada atividade a ser realizada.

A primeira atividade aplicada consistiu em uma produção textual narrativa direcionada, em que os alunos teriam que seguir as orientações constantes na atividade, as quais consistiam em fazer com que o pronome oblíquo de primeira pessoa do singular aparecesse no contexto, para analisar se, nos textos escritos produzidos, havia a troca do pronome oblíquo átono *me* pelo tônico *mim*, quando este estivesse em posição adjunta ao verbo.

A coleta também se deu através de um ditado de frases, totalizando dez, esta considerada segunda atividade, em que estava presente, em cada frase ditada, o pronome oblíquo átono de primeira pessoa do singular, o qual fora pronunciado de forma nasalizada propositadamente, pelo pesquisador, a fim de atestar se os alunos representariam essa nasalidade na escrita.

A terceira forma de coleta de dados realizada, consistiu na aplicação de uma atividade lacunada, em que cada aluno teria que preencher dez lacunas, em dez frases diferentes, com os pronomes oblíquos *me* ou *mim*, devendo, para isso, seguir o uso prescrito pela GT para esse tipo de pronome, para perceber se haveria, por parte dos alunos, o uso indevido do oblíquo de primeira pessoa do singular na atividade proposta.

Após a aplicação das três atividades, partiu-se para a análise dos dados apresentados em cada uma delas, contabilizando e interpretando os empregos adequados e inadequados referentes aos pronomes oblíquos *me* e *mim*, materializados pelos participantes nas atividades propostas. Todo o material coletado foi analisado e interpretado à luz da teoria apresentada na fundamentação teórica.

A próxima seção traz uma abordagem sobre a tipologia apresentada pela pesquisa realizada para a efetivação deste estudo, com suas denominações.

5.5 Quanto à Natureza do Método

A pesquisa tem caráter qualitativo, uma vez que apresenta dados coletados de forma minuciosa, os quais foram analisados e interpretados com profundidade de detalhes à luz da teoria apresentada. De acordo com Marconi e Lakatos (2010), a abordagem qualitativa se trata de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações. Segundo Gil, (2002), a análise qualitativa envolve vários fatores, como a natureza dos dados coletados, a dimensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que embasaram a investigação.

Ainda com relação à natureza do método, a pesquisa apresenta também um caráter quantitativo, uma vez que são apresentados dados estatísticos, que foram quantificados para melhor compreensão do estudo.

5.6 Quanto aos Fins

A pesquisa realizada é de cunho exploratório, pois apresenta uma visão geral acerca de determinado fato. Ao que parece, ainda há poucos estudos sobre o tema e isso proporciona maior familiaridade com o problema. Enquadra-se, também, como

explicativa, à medida que procurou elucidar qual(is) fator(es) contribuem para a ocorrência de determinado fenômeno. É descritiva, já que traz descrições e caracterizações sobre os fatos. E, por último, tem um viés interventionista, à medida que, de acordo com os resultados obtidos, far-se-ão intervenções na realidade observada para modificá-la.

5.7 Quanto aos Meios

Com relação aos meios, é um estudo de cunho bibliográfico, uma vez que o embasamento teórico da pesquisa vem por meio de leituras feitas em obras já publicadas sobre o tema abordado. Caracteriza-se, por sua vez, como uma pesquisa de campo, pois sua realização deu-se no local onde ocorre o fenômeno estudado.

A pesquisa realizada configura-se também como documental, já que documentos foram analisados para a composição e concretização do estudo. É, ainda, uma pesquisa levantamento (*survey*), na medida em que apresenta informações colhidas de forma direta.

Com relação à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois tem foco principal na aplicação prática de conhecimento para resolver problemas específicos ou gerar soluções para situações concretas.

O capítulo seguinte traz os resultados e as análises e interpretações feitas sobre os dados encontrados na pesquisa realizada para a construção deste trabalho.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentam-se os dados coletados na pesquisa de campo feita com nove alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental. Reforça-se aqui, que os alunos participantes deste estudo serão identificados como Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, Aluno 4, Aluno 5, Aluno 6, Aluno 7, Aluno 8 e Aluno 9. Essa identificação tomou por base, a ficha de frequência disponível nos diários eletrônicos da turma, a qual está em ordem alfabética.

Os dados foram coletados por meio de produção textual narrativa, ditado de frases e aplicação de atividade lacunada, conforme descrito no capítulo da metodologia. A análise e interpretação dos referidos dados deram-se à luz da teoria apresentada no referencial teórico que serviu de embasamento para a produção deste trabalho.

6.1 Atividade de Produção Textual

Nessa atividade, solicitou-se, aos alunos, que produzissem um texto narrativo, com no mínimo 10 (linhas), relatando o que havia acontecido no seu dia atual, mais especificamente na parte da manhã. Os acontecimentos podiam ser reais ou fictícios. No texto produzido, o aluno relataria que um(a) amigo(a) ligou para ele, que o convidou para um passeio, que lhe contou um segredo e lhe pediu que mantivesse sigilo sobre ele. O aluno teria que dizer também que essa pessoa lhe falou como estava sendo a sua vida nos últimos tempos e que lhe pediu para nunca deixar a amizade deles terminar. Essas estratégias foram utilizadas para provocar a presença do pronome oblíquo de primeira pessoa do singular no texto produzido.

Na produção textual do Aluno 1, houve 04 (quatro) ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo (linhas 11, 12, 14, 15), ou seja, como objeto, ao invés do oblíquo átono *me*, (... e ***mim*** convidou para um passeio em um restaurante. ***Mim*** contou um segredo ...; ele ***mim*** disse que a vida deve tava complicada e ***mim*** pediu pra nunca deixar a amizade de nos terminar), e 02 (duas) ocorrências de uso do oblíquo átono *me*, considerado, pela gramática normativa, uso adequado, como se mostra: (*Um amigo **me** ligou...; e **me** pediu que mantivesse...*). O texto produzido pelo aluno encontra-se na figura 19.

Figura 19 – Produção narrativa com ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo

Nesta manhã eu acordei bem cedo foi díxar
 As vacas na rosa tomei café **mim** no celular
 Joguei um jogo de futebol e outro de tiro
mim também no Instagram foi buscar manga
 E Jananga foi na casa dela minha vó deu a
 brincadeira **mim** chamou meus amigos pra
 jogar bola no campo chegando lá fomos o
 time de um xapuri e uma canita nisso
 fiz seis go depois fomos com a sanguela Joaquim
 sanguela uns nos outros
 Um amigo me ligou e mim convidou para um
 passeio em um restaurante. mim contou um segredo
 e me **mim** pediu que mantivesse o sigilo. ele disse
 que roubei um celular dele e disse que a vida dele
 estava complicada e me pediu pra nunca deixar a amizade
 de nos ~~desde sempre~~ terminar

 CC BY-NC-ND 4.0 International

Fonte: Corpus da pesquisa: produção do Aluno 1

No texto do Aluno 2, houve 06 (seis) ocorrências do oblíquo tônico *mim* no lugar do oblíquo átono *me* (linhas 5, 7, 10, 11, 18): (*Meu amigo Walker **mim** ligou para **mim** contar um segredo...; e **mim** pediu que mantivesse o segredo...; ... e ele **mim** falou como está sendo a vida dele...; e ele **mim** pediu para nunca deixar...; ... meu amigo **mim** convidou para um passeio...), e nenhuma ocorrência do pronome *me*, o que seria, de acordo com a GT, o uso pronominal adequado no contexto apresentado. A figura 20 seguinte, traz a produção textual do referido aluno.*

Figura 20 – Produção narrativa com ocorrências do oblíquo tônico *mim* no lugar do oblíquo átono *me*

Hoje acordei, 9:20 da manhã, escovei meus dentes, tomei café andei montando a cama, joguei futebol, usei o celular joguei (FREE FIRE) escutei músicas usei o Instagram, wtzop, tiktok, kawai.

Meu amigo Walter mim ligou para mim contar um segredo, disser que tinha afim de uma menina de Itaúna. E mim pediu que mantivesse o segredo sobre ele que não fosse saber de quando chegar. 12 Horas eu e meu amigo somos para a estrela e ele mim falou como estávendo a vida dele nos últimos tempos e ele mim pediu para nunca deixar a amizade de nós nunca terminar.

Antes ele ia (houve) para escola, tomei banho, almocei escovai meus dentes novamente e conversei com meu amigo novamente sobre o encontro dele etc...

Nosso mesmo diz meu amigo mim convidou para um passeio na sorveteria e Conforme muito sobre o segredo dele. Eu fiquei muito bem com meu amigo.



Fonte: Corpus da pesquisa: produção do Aluno 2

O Aluno 3 empregou, no seu texto, 07 (sete) vezes o pronome *mim* em vez do *me* (linhas 1, 4, 7, 8, 11, 15): (...um amigo meu **mim** convidou para um passeio...; ...meu amigo **mim** contou um segredo mais ele **mim** pediu para eu não contar...; ...meu amigo **mim** falou...; ...minha mãe até **mim** perguntou...; ...minha mãe continuou **mim** perguntando...; ...ele **mim** falou não quero qui nossa amizade...) e, em nenhuma vez, houve registro do pronome átono *me* no texto desse aluno, conforme se demonstra na próxima figura 21.

Figura 21 – Produção narrativa com ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo

Hoje eu acordei um amig@ meu mun contatei
 para um Passaré ai Eu fui tomar café e tomar banho
 para eu ir esse Passaré que veio chegar nesse Passaré
 meu amig@ mim contatei um segundo mais ele mim
 ligou para eu não contar pra ninguém ai voltou.
 Para casa com uma coisa ruim "querendo contar
 quei meu amig@ mim falou minha mõe
 ai mim perguntou mais ai via seu vóleu eu não
 podia falar ai quando cheguei fui tomar banho
 para depois almoçar. Quando fui almoçar minha
 mõe continuou mim perguntando mais uma vez
 quei Foi.
 Fui na casa do meu amig@ perguntar porque
 quei não pode falar o seu vóleu pra ninguém ai
 quei falou não quei quei nessa amizade acaba
 mais eu preciso falar muito ti falar isso. Porque
 minha Vóleu está tudo errado quando ai tive quei
 ti falar



Fonte: Corpus da pesquisa: produção do Aluno 3

O texto do Aluno 4 não apresentou nenhuma ocorrência inadequada, de acordo com a GT, do pronome *mim* ao invés de *me*, e houve 02 ocorrências adequadas deste último pronome (linhas 6, 11), como se expõe nos exemplos: (*Hoje meu amigo me ligou...;* *Outro dia meu amigo ME chamou para ir...*) e na figura 22 em seguida.

Figura 22 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo

Hoje eu levantei da cama
e me dei bem. Fiz meu banho
e fui para a escola. Na escola
eu fiz muitas amizades.
Depois de sair da escola, fui para casa.
Tive um jantar delicioso com minha mãe.
Depois de jantar, fui para a cama.
Amanhã é dia de ir para a escola.
Estou ansioso para voltar.
Vou me divertir muito na escola.
Amanhã é dia de voltar para a escola.

Fonte: Corpus da pesquisa: produção do Aluno 4

No material produzido pelo Aluno 5, não houve nenhum registro inadequado do pronome oblíquo tônico *mim*, havendo, por sua vez, 05 (cinco) registros adequados, segundo a GT, do oblíquo átono *me* (linhas 1, 2, 5, 7, 13), como mostrado, a seguir, nos seguintes exemplos: (*Nesta manhã uma amiga me ligou e me convidou para um passeio...; ...meu primo me chamou...; ...minha prima me contou um segredo.; Minha tia me chamou para ir dormir na casa dela...*) e na figura 23.

Figura 23 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo

Nesta manhã uma amiga me ligou
e me convidou para um passeio
fui lá com ela depois fui para a feira
ai depois fui lavar a louça ai depois
meu primo me chamou para ir para
uma festa fui ai depois minha prima
me contou um segredo.
Ai fui fazer uma atividade de sete
ai depois que eu fiz minhas atividades
ai fui na casa da minha prima para
comemorar sobre isso amizade que
não deixou nossa amizade terminar
~~que~~ Minha ~~tia~~ me chamou para
ir dormir na casa dela nessa final
de semana que fui para ilhas para
um aniversário de um irmão dela. ~~ai~~
fui para lá na noite.



Fonte: Corpus da pesquisa: produção do Aluno 5

O texto produzido pelo Aluno 6 também não apresentou nenhum registro inadequado do oblíquo *mim*, e, em 06 (seis) vezes, empregou-se adequadamente o oblíquo *me* (linhas 3, 4, 5), conforme exposto na sequência: (*Nesta manhã uma amiga me ligou e me convidou para ir ao um aniversario e me contou um segredo me pediu sigilo...; minha amiga me contou como está a vida dela e me pediu para nunca deixar...*) e na figura 24, seguinte.

Figura 24 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo

No manhã da sexta eu acordei, levantou e fui escovar os dentes, fui meu café comi, ai fui dar as a casa, fiz a almoço, quando apontou fui tomar banho de novo ai fui almoçar ai fui meter no chuveiro, neste manhã uma amiga minha me disse a me convidou para ir a um shopping e me contou um detalhe que Pediu que me não contasse para ninguém, minha amiga me contou como está a vida dela e me pediu para nunca dizer a nessa minha amiga terminar, nesta manhã andei de metrô, fui pro trabalho, fui na quadra jogar bola, fui no parque, fui na Pôr do sol e no cinema vi uma notícia de falecimento de um professor que era professor da minha amiga e parente também de um aluno que estudou pela parte da manhã, alem disso lá estava também aí já havia muitos amigos e eu mesmo ai já era muito alegre mesmo, na manhã da terça eu vim a falar, a professora nem via seus alunos fique.

Fonte: Corpus da pesquisa: produção do Aluno 6

No texto do Aluno 7, não houve registro inadequado do oblíquo *mim* e, quanto ao oblíquo átono *me*, este foi grafado pelo participante 04 vezes (linhas 1, 2, 5), seguindo as normas prescritas pela GT para esse tipo de pronome, conforme disposto nos exemplos a seguir: (*um amigo me ligou e me convidou para um passeio...*; ...*ele me contou um secreto...*; *Então ele me falou sobre a sua vida...*) e na figura 25.

Figura 25 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo

Um amiga mi ligou. I mi convidou para um passeio
 Então Eu fui, Quando cheguei lá Ela me contou um bocadinho
 I disse que Era Pra mim montar um segredo sobre issa
 I não Falei Pra ninguém.

Então Ela me falou sobre a sua vida nos últimos tempos, Ela falou que está sendo difícil na vida dela
 Ela disse que queria ter um amiga que pudesse falar
 sobre as coisas dela, queria ter uma amizade que Ela
 Pudesse confiar de verdade.

Então Ela disse que a única amizade que Ela confiava
 era com Ela, Ela pediu para nunca deixar a amizade de nenhuma
 acabar.



Fonte: Corpus da pesquisa: produção do Aluno 7

O Aluno 8 empregou, adequadamente no seu texto, por 05 (cinco) vezes, o átono *me* (linhas 7, 9, 11, 13), não havendo nenhum registro inadequado do tônico *mim* no decorrer do *corpus*. Os registros adequados são os seguintes: (*Logo após minha amiga me ligou e me convidou para um passeio na praça, no passeio ela me contou um segredo...; Ela me contou também como está sendo a sua vida...; ... e me pediu para nunca deixar nossa amizade terminar*). Vale ressaltar que houve apenas um registro do pronome *mim* no texto produzido, o qual está de acordo com as normas

da GT, como se expõe: (... *ela me contou um segredo que pediu a mim para manter sigilo...*). A produção textual do referido aluno encontra-se na figura 26.

Figura 26 – Produção narrativa sem ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo

Hoje acordei às 6:00 da manhã e peguei meu celular para ligar, fui só às 7:00, depois devois levantei, saí da cama do meu quarto para a minha casa, chegando lá ouvi um passeio de musica, depois fui tomar café da manhã, após o café fui a louça.

Fiz o café depois minha amiga me ligou e me convidou para um passeio na praia, no passeio ela me contou um segredo que pediu a mim para manter sigilo sobre ele, ou seja, que não falasse sobre isso para ninguém. Ela me contou também como está a sendo a sua vida nos últimos tempos e me pediu para nunca deixar nossa amizade terminar.

Ela disse que nosso amizade nunca acabaria e depois voltei para casa, tomei um banho, almocei, mechê um pouco no meu celular e depois fui para a cama.

O Aluno 9, ao produzir a narração solicitada, registrou, inadequadamente, o pronome oblíquo tônico *mim* 06 (seis) vezes, em vez do átono *me* (linhas 9, 10, 11, 12, 14), segundo se apresenta nos exemplos em seguida: (*Un amigo meu mim ligou*

mim convidando pro passeio un churrasco, e **mim** contou un secreto! e **mim** pediu que mantivesse sigilo e ele **mim** disse tamben que sua vida estava otima nos ultimos tempos e **mim** pediu para nunca deixar a amizade...) e na figura 27.

Figura 27 – Produção narrativa com ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* em posição adjunta ao verbo

- Nõ monhõ se hozl ocondlli l domli cofí l dPois mxiñ ho c ellulon/olhõ o ins-
Jognam l dPois Fui 20gon Fui Fui/Fui ho
coso li vó
- Li um livro l ossistio senil cobro-
koi/Fui 20gon bolo com meus primos l
dPois Fomos mxiñ ho c ellulon/Fui olhon
o nõ l pescouromdh l bicicleta.
- Um omigo meu mim ligou mim com-
vídomo pra posslio um churrasco l mim
contou um secreto l mim dPois plih l
que montava esse sigilo e ele mim disse ta-
mbém que sua vida estava otima nos ultí-
mos tempos l mim plih l paro h unca di-
rion o omigo dh hos tin minhola.



Fonte: Corpus da pesquisa: produção do Aluno 9

Com base nos corpora apresentados nesta seção, é possível perceber que há, entre os alunos pesquisados, o uso inadequado do pronome oblíquo tônico *mim* ao invés do oblíquo átono *me*, o que se identificou nas produções escritas dos alunos 1, 2, 3 e 9. Bechara (2019, p. 180) assevera que, “ao contrário das formas átonas, as tônicas vêm sempre presas a preposição”. Para Cunha & Cintra (2016, p. 310), “as

formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição”, classe gramatical essa que não se fez presente nos contextos exemplificados, caracterizando, assim, usos inadequados do oblíquo tônico nas produções desses alunos.

Verifica-se, também, que houve, nos textos abordados nesta seção, o uso adequado, seguindo os preceitos da GT, do pronome oblíquo átono *me*, o que se concretizou nas produções narrativas dos alunos 1, 4, 5, 6, 7 e 8. Cunha & Cintra (2016, p. 315), afirmam que os pronomes oblíquos átonos podem ser empregados como objeto direto ou indireto. Os usos, pelos alunos mencionados neste parágrafo, do átono de primeira pessoa do singular, estão de acordo com a prescrição dos gramáticos abordados. Ressalta-se que o Aluno 4 apresentou, em seu texto, a ocorrência de um pronome pessoal oblíquo de primeira pessoa do singular, apenas 02 (duas) vezes, sendo, este, o átono *me*.

O Aluno 1 foi o único, entre os participantes desta atividade, que apresentou uso inadequado e adequado dos pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular em um mesmo texto, sendo tal uso inadequado relacionado ao pronome *mim* (04 vezes) e adequado, referente ao pronome *me* (02 vezes). Entre os demais, 04 (quatro) alunos apresentaram somente usos inadequados do *mim*, sem nenhum uso adequado do *me* em seus textos, e 04 (quatro) apresentaram apenas usos adequados do *me* e nenhum uso inadequado do *mim* em suas narrações escritas.

Com base nos dados coletados, é possível compreender que entre os alunos participantes da pesquisa, 04 (quatro) deles (Alunos 1, 2, 3 e 9) não têm domínio das regras de uso dos pronomes pessoais oblíquos de primeira pessoa do singular, prescritas pela gramática normativa da língua portuguesa. Apesar de o aluno 1 ter registrado 02 (dois) usos adequados do pronome ME, nota-se que ele não tem propriedade do que prescreve a GT para o uso dos pronomes oblíquos, já que ele apresentou, em seu trabalho, 04 (quatro) desvios com relação ao emprego desse tipo de pronome.

Entende-se que estes alunos são influenciados, ao grafarem o pronome *mim* ao invés de *me*, pela forma nasalizada como articulam, em suas falas, o oblíquo átono ME, que o pronunciam como /mĩ/. Ressalta-se que todos os alunos da turma pronunciam o pronome ME, em posição adjunta ao verbo, isto é, como objeto, dessa forma nasalizada: /mĩ/. Para Câmara Jr. (1970), “o processo de nasalização ocorre quando uma vogal oral assimila o traço nasal da consoante nasal seguinte”.

No caso em tela, isto é, do pronome átono *me* pronunciado como “/mĩ/”, a presença de uma consoante nasal/arquifonema, em posição de coda silábica, mesmo não estando na superfície, mas na subjacência, espraia seu traço de nasalidade para a vogal precedente, a qual se torna uma vogal nasal no contexto, conforme defende o fonólogo Câmara Jr.

Por sua vez, 05 (cinco) dos alunos pesquisados (Alunos 4, 5, 6, 7 e 8), mostraram ter conhecimento do uso prescrito pela GT para os pronomes oblíquos átonos e tônicos de primeira pessoa do singular, e não foram influenciados, na escrita, pela oralidade.

A nasalidade apresentada nas articulações orais, pelos falantes em questão, referente ao pronome “me” ~ /mĩ/ , é um processo fonológico facilitado pela presença da vogal média “e” pronunciada, nesse caso, como vogal alta “i”, junto a uma consoante nasal bilabial “m”. Tomando por base o que assevera Câmara Jr. (1970), uma vogal oral, ao assimilar o traço nasal de uma consoante nasal próximo a ela, transforma-se em vogal nasal, ou seja, ocorre um processo de assimilação da nasalidade, por meio do espraiamento da consoante nasal para a vogal oral, a qual se torna um segmento nasal no contexto. Seguindo na mesma direção que Câmara Jr., Bisol (2002, p. 505) assegura que “o processo de assimilação ocorre no nível pós-lexical, em que a consoante nasal espraia seu traço nasal para a vogal oral.

Nessa perspectiva, em conformidade com as explicações dos dois teóricos abordados, uma vogal oral, ao ser envolvida pelo traço nasal de uma consoante nasal presente no mesmo contexto, torna-se uma vogal nasalizada.

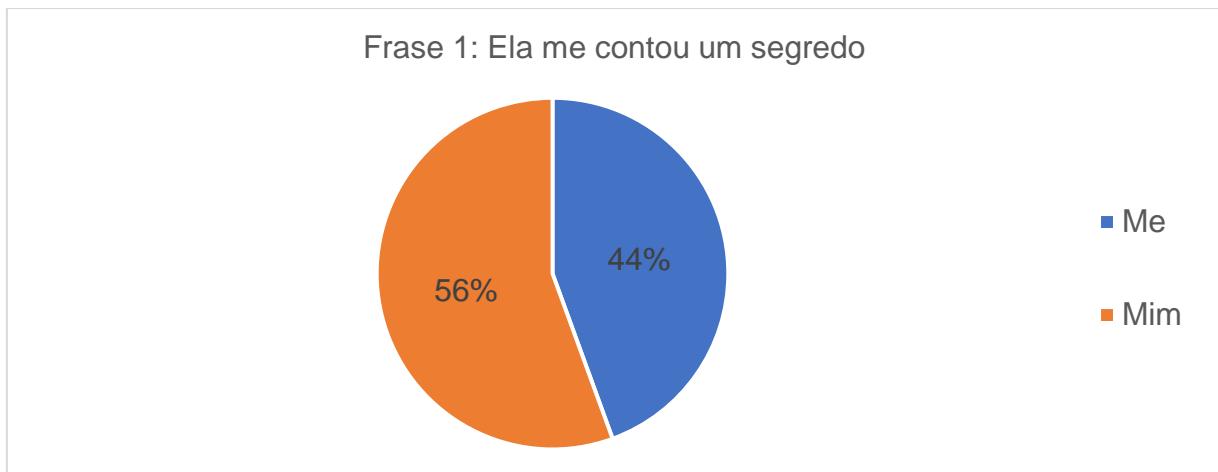
6.2 Atividade de Ditado de Frases

Nesta seção, apresentam-se os dados encontrados por meio da aplicação de um ditado de frases, em que se fazia necessária, de acordo com as prescrições da GT, a presença do pronome oblíquo átono *me*.

Foram ditadas pelo pesquisador, para os alunos, 10 (dez) frases em que, de acordo com o contexto morfológico apresentado, deveria ser usado o átono *me*; este foi, ao ser ditada cada frase, nasalizado propositadamente pelo pesquisador, que o pronunciou, em todos os casos, como /mĩ/, para perceber se os alunos representariam, na escrita, esse processo fonológico. Os resultados serão

apresentados na sequência, por meio de gráficos. As frases escritas por cada aluno estão disponíveis nos anexos deste trabalho.

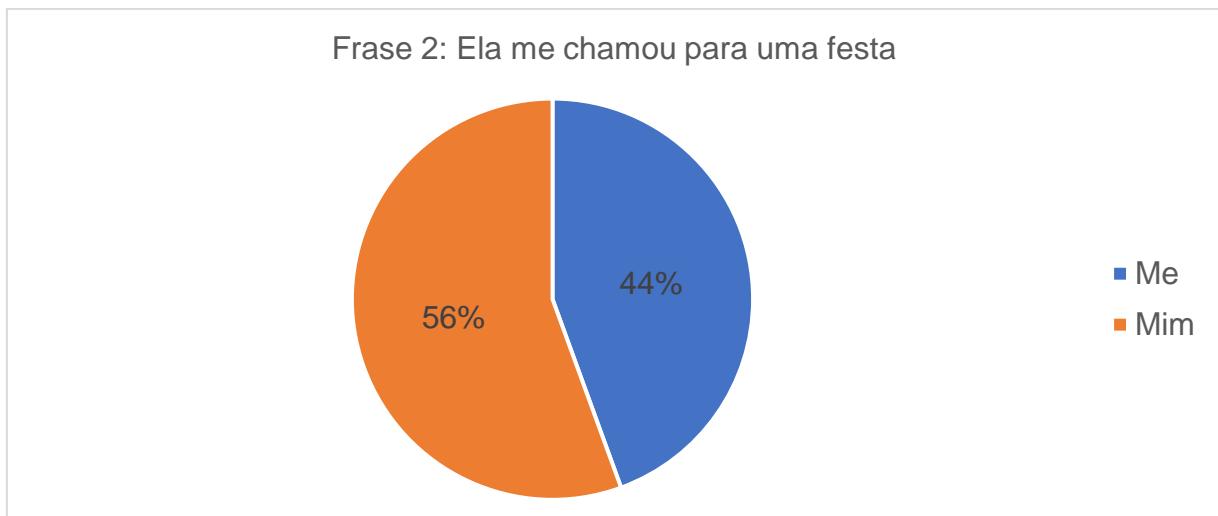
Gráfico 1 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na primeira frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Na frase 1, houve a ocorrência da troca inadequada do *me* pelo *mim*, por cinco alunos, e quatro deles usaram o oblíquo *me*, o que representa uso adequado de acordo com a GT. Ressalta-se que o Aluno 5, que fez a troca entre os pronomes nesta frase, não apresentou nenhum uso inadequado do oblíquo tônico na produção narrativa (1^a atividade).

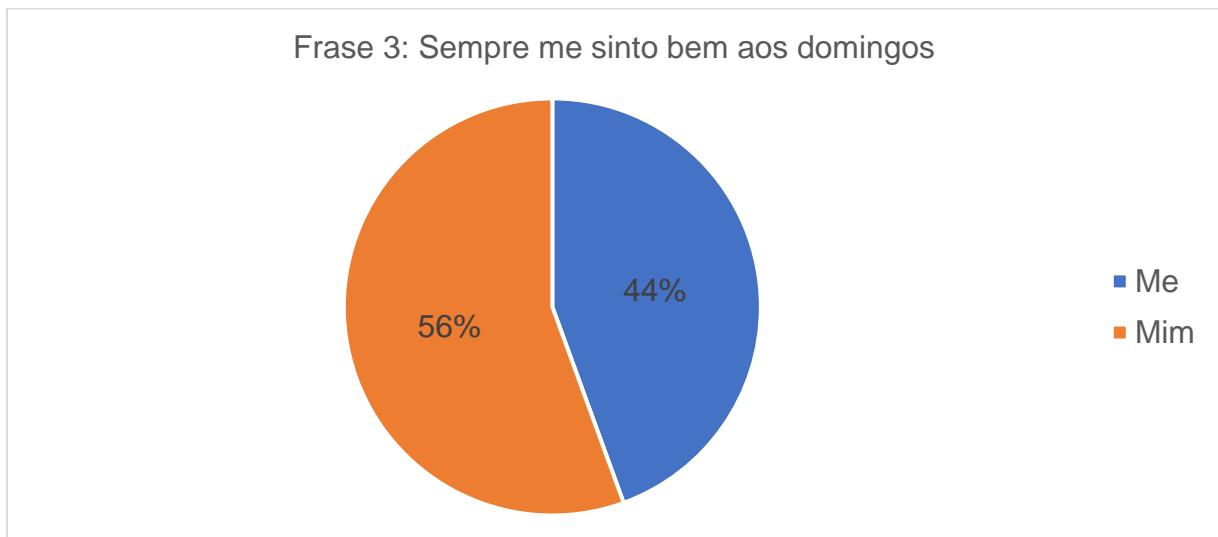
Gráfico 2 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na segunda frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Na frase 2, assim como na 1, cinco alunos registraram uso inadequado do oblíquo *mim*, e quatro deles empregaram o átono *me* adequadamente. Mais uma vez, o Aluno 5, que na primeira atividade não registrou nenhum uso inadequado do pronome *mim*, nesta segunda atividade, cometeu esse desvio.

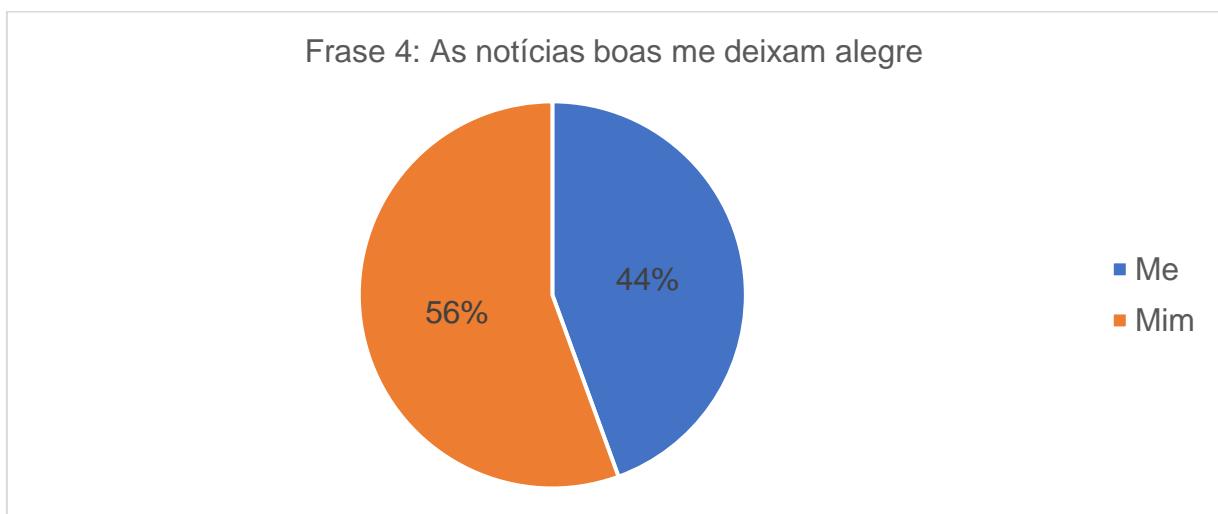
Gráfico 3 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na terceira frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Na frase 3, cinco alunos apresentaram desvio ao empregarem o pronome *mim* ao invés de *me*, e quatro deles empregaram adequadamente este último pronome. O Aluno 5, mais uma vez, apresentou esse desvio, o qual não foi apresentado por ele na atividade primeira que consistiu em uma produção textual narrativa.

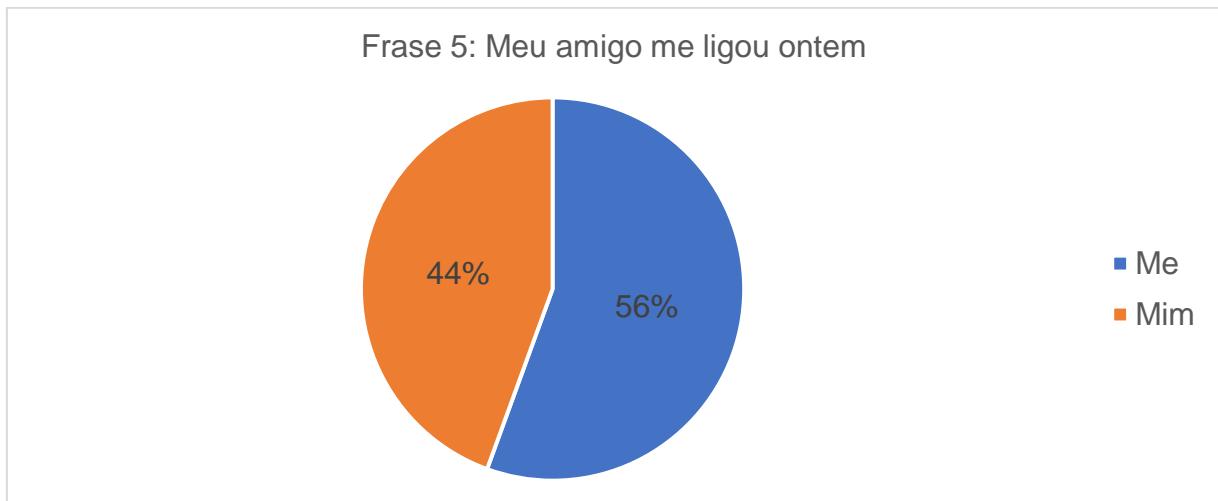
Gráfico 4 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na quarta frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Na frase 4, cinco entre os alunos participantes, fizeram a troca do *me* pelo *mim*, sendo que quatro deles empregaram o *me*, que é o pronome adequado no contexto apresentado, segundo a GT. Vale ressaltar que o Aluno 6, que não cometeu uso inadequado do pronome *mim* na primeira atividade, nesta segunda, cometeu esse desvio.

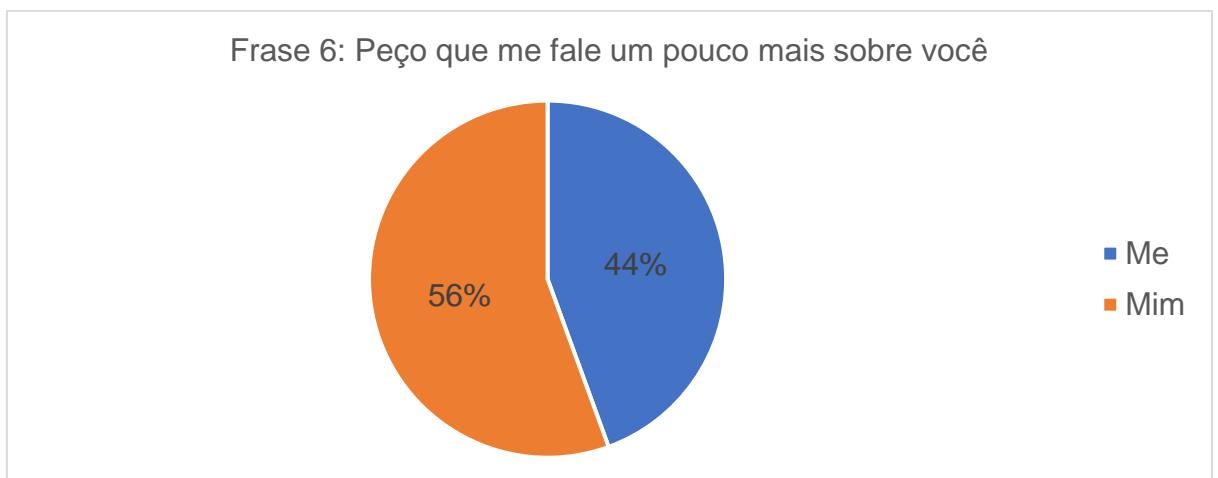
Gráfico 5 – Cômputo da ocorrência de uso de *me/mim* na quinta frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Observando os dados referentes à frase 5, percebe-se que quatro alunos fizeram a troca do pronome oblíquo átono *me* pelo tônico *mim*, e cinco deles não apresentaram esse uso inadequado, pois empregaram o átono *me* no contexto apresentado.

Gráfico 6 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na sexta frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Na sexta frase ditada para os alunos, houve cinco trocas do pronome oblíquo *me* pelo *mim*, caracterizando uso indevido com base nos preceitos da GT, e quatro usos devidos do átono *me*, seguindo, assim, o que determina a GT. Ressalta-se que o Aluno 4, que na primeira atividade, não apresentou uso indevido do *mim*, nesta atividade, na sexta frase solicitada, empregou-o em desacordo com a GT. O Aluno 2 registrou, na sexta frase, o pronome *mim* como *mĩ*, representando a nasalidade através do diacrítico.

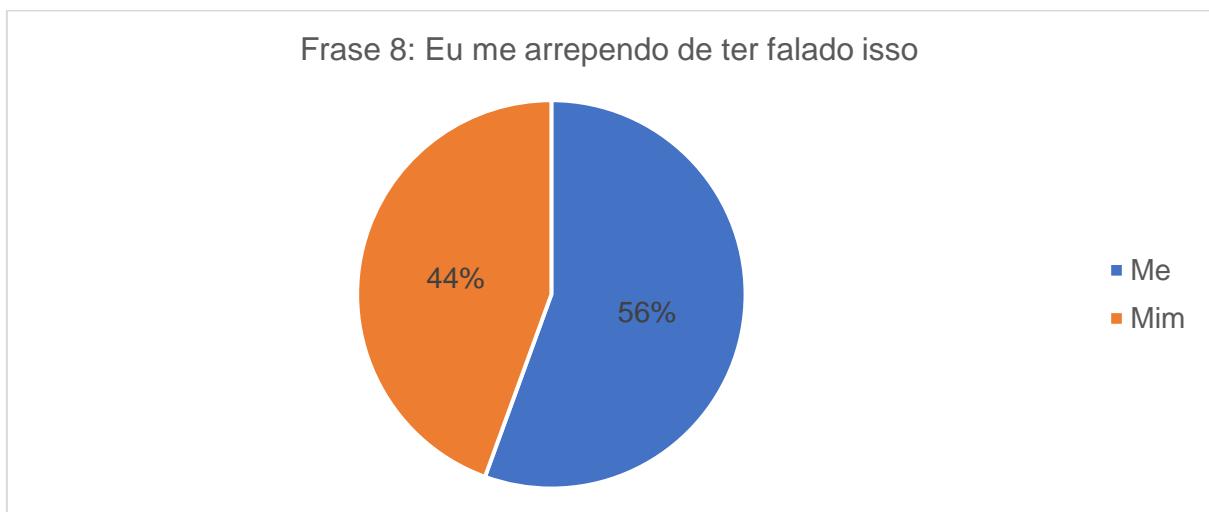
Gráfico 7 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na sétima frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Analisando a sétima frase solicitada, nota-se que houve a ocorrência inadequada do pronome *mim*, em vez de *me*, por seis vezes, sendo esta, a frase, entre as dez, em que houve maior ocorrência dessa inadequação gráfica. Possivelmente, o contexto fonológico na referida frase, pode ter contribuído para que houvesse esse maior registro do pronome oblíquo de forma nasalizada. Os Alunos 6 e 7, que na primeira atividade não fizeram nenhum registro inadequado do pronome *mim*, registraram-no agora nesta sétima frase. O pronome *me* foi grafado por apenas três alunos nesta atividade frasal.

Gráfico 8 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na oitava frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

A oitava frase apresentou um número de ocorrência de troca do *me* pelo *mim* por um total de quatro alunos, sendo que cinco deles, fizeram registro adequado do pronome átono *me*, levando em consideração as regras prescritas pela gramática normativa da língua portuguesa para o uso dos pronomes pessoais oblíquos.

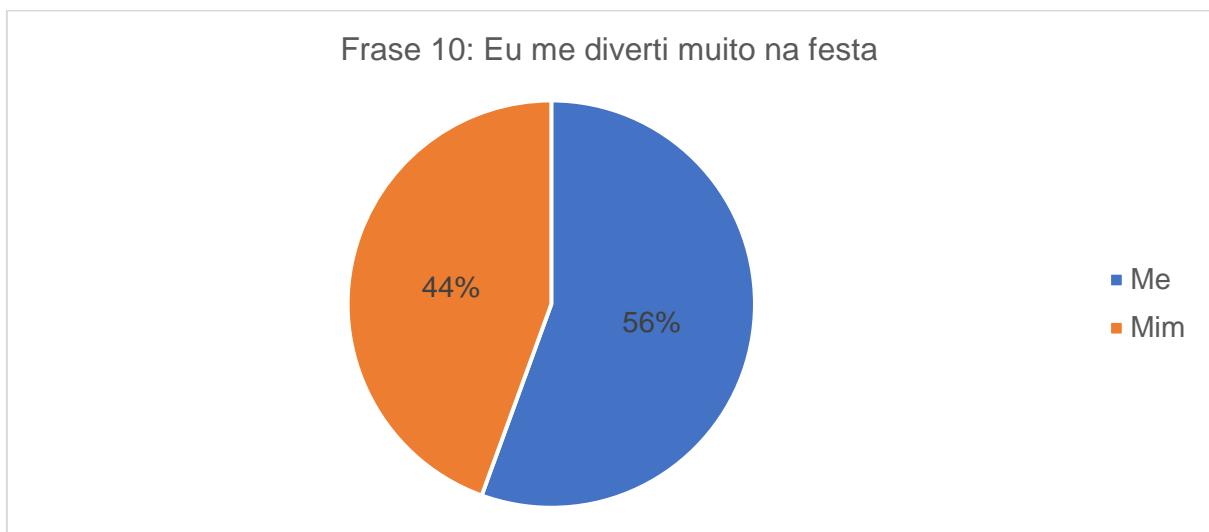
Gráfico 9 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na nona frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Na frase 9 ditada para os alunos, o pronome oblíquo tônico *mim* foi empregado cinco vezes ao invés do pronome átono *me*, sendo que este último foi grafado por quatro alunos, caracterizando uso adequado, seguindo as normas da GT. O Aluno 4, que na primeira atividade (produção de texto narrativo) não cometeu uso inadequado do pronome *mim*, nesta nona frase, cometeu essa inadequação formal.

Gráfico 10 – Cômputo da ocorrência de *me/mim* na décima frase solicitada aos alunos



Fonte: Corpus da pesquisa

Analisando os *corpora* referentes à décima frase, percebe-se que quatro alunos fizeram uso indevido do pronome oblíquo tônico *mim*, em contextos em que seria necessário empregar o átono *me*, para estar de acordo com as normas estabelecidas pela GT para uso desse tipo de pronome. Cinco alunos empregaram, assertivamente, o pronome oblíquo átono *me* nesta atividade, mostrando, por sua vez, alinhamento com as prescrições da gramática normativa da língua portuguesa.

Partindo para análise e interpretação dos dados coletados na atividade de ditado de frases, constatou-se que os Alunos 1, 2, 3 e 9 fizeram uso inadequado, segundo a GT, do pronome oblíquo tônico *mim*, em todas as dez frases solicitadas, contextos estes em que seria necessário o uso do pronome oblíquo átono *me*, para estarem alinhados com as regras prescritas pela gramática normativa da língua portuguesa.

Para Cunha & Cintra (2016, p. 310), as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição, o que não aconteceu nas frases escritas pelos alunos 1, 2, 3 e 9, já que não havia nenhuma preposição nos contextos apresentados, que justificasse o uso do pronome oblíquo tônico *mim* por eles nas suas frases escritas. Cegalla (2020, p. 180) defende que os oblíquos funcionam como objetos ou complementos, função sintática esta que estava sendo desempenhada pelo oblíquo de primeira pessoa do singular presente nas frases repassadas.

Vale ressaltar que na primeira atividade (produção textual narrativa), esses mesmos alunos cometeram a mesma inadequação com relação ao uso do oblíquo

mim no lugar do *me*, reforçando a tese de que eles não possuem propriedade das normas estabelecidas pela GT para o uso desse tipo de pronome pessoal e de que, possivelmente, são influenciados pela forma nasalizada como articulam, em suas falas, o pronome *me*, que o pronunciam como /mĩ/, levando esse desvio para a escrita, caracterizando, então, influência da oralidade na escrita.

Pode-se perceber que a nasalização praticada pelos alunos observados, ao pronunciarem, na fala, o pronome átono *me* como /mĩ/, enquadra-se no tipo de nasalização fonética e não fonológica, uma vez que a distinção fica apenas no campo fonético e não no semântico, pois não há distinção de sentido, ao se dizer, por exemplo: “*Ela me convidou ~ Ela mim convidou*”. Para Câmara Jr. (1970 *apud* Bisol 2014, p. 170), “a nasalidade fonética não gera contrastes de sentido”. Consoante pontuam Abaurre & Pagotto (2013, p. 142), “a nasalidade fonética é um fenômeno variável, manifesta-se de forma diferente em diversos dialetos do PB”.

Seguindo o pensamento de Labov (2008 [1970]), de um ponto de vista sociolinguístico, a variação é inerente às línguas, o que significa que nas línguas são encontradas formas distintas, mas equivalentes semanticamente nos diferentes níveis linguísticos. Tal pensamento de Labov, assemelha-se ao que caracteriza a nasalidade fonética já referenciada, que é variacional, pois nela há variação fonética, porém não semântica de vocábulos da língua, configurando-se, nesse caso, como alofones.

Marcuschi (1997, p. 120) diz que “a fala é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia. A escrita, em sua faceta institucional, se adquire em contextos formais: na escola”.

É recorrente, entre os falantes da língua portuguesa do Brasil, a presença de traços de informalidade apresentados na oralidade, materializados em suas produções escritas, assim como notou-se na escrita de alunos observados neste estudo, no que concerne ao uso, nesta modalidade, do pronome *mim* no lugar de *me*, fenômeno fonológico possivelmente causado pela influência da efetivação frequente, na fala destes discentes, do pronome *me* pronunciado como /mĩ/, bem como pela ausência de propriedade das prescrições da GT para o uso desses pronomes oblíquos.

Os discentes em questão, ao articularem foneticamente o oblíquo átono *me* como [mĩ], adicionam um segmento nasal em posição de coda silábica, o qual nasaliza o núcleo da sílaba, a vogal *i*, constituindo, assim, o molde silábico defendido por Bisol

(2013 [1999]) para a língua portuguesa do Brasil, que consiste em uma sílaba formada por um ataque, neste caso, (m), um núcleo (i) e uma coda silábica (m).

Os Alunos 4, 5, 6 e 7, nesta segunda atividade, apresentaram também ocorrência de troca do pronome *me* pelo *mim*, como objetos, conforme se descreve: O ALUNO 4 teve registro inadequado do *mim* em duas de suas frases (*perco que mim fala um pouco mais sobre vc; ele não mim entende*). O Aluno 5 registrou três vezes o *mim* em suas frases (*Ela min contou um segredo; Ela min chamou para uma festa; Sempre min sindo bon os domingo*). O Aluno 6 teve duas ocorrências do pronome *mim* (*As notícias boas mim deixam alegre; A professora mim disse a resposta da questão*). Já o Aluno 7 teve um registro do *mim* (*A professora mim disse a resposta da questão*).

Considerando os dados fornecidos pelos Alunos 4, 5, 6 e 7, nesta segunda atividade, depreende-se que eles possuem conhecimento das regras de uso desses pronomes oblíquos, estabelecidas pela GT, já que não apresentaram inadequação no uso do pronome *mim* na primeira atividade executada, porém, apesar desse conhecimento que possuem, são também influenciados, em alguns momentos de escrita, pela nasalidade que apresentam em suas falas ao pronunciarem o pronome oblíquo átono *me*, quando este se encontra em posição adjunta ao verbo, como *mim*, como também se mostraram influenciados pela pronúncia nasalizada do mesmo pronome oblíquo efetivada por pessoas do seu meio de convívio, ao levarem essa recorrência para seus registros escritos.

Como se pode perceber, mesmo alunos que não cometeram desvios no uso do oblíquo *mim* na primeira atividade solicitada, concretizaram uso inadequado deste mesmo pronome na segunda atividade (ditado de frases), em que o pronome átono *me* fora nasalizado propositadamente pelo pesquisador, sendo pronunciado como /mĩ/, do que se entende que a forma praticada por eles ao trocarem, na fala, *me* por /mĩ/, como também ao terem contato sonoro com frases ditadas, nas quais o pronome *me* é articulado foneticamente de forma nasalizada, são fatores influentes para usos inadequados deste oblíquo tônico nas suas produções escritas, possibilitando, assim, constatar a influência da oralidade na escrita.

Na segunda atividade (ditado de frases), apenas o Aluno 8 fez todos os registros do pronome pessoal oblíquo de primeira pessoa do singular, seguindo os preceitos da gramática normativa, ao grafar o átono *me* em todas as frases solicitadas, pronome este que constitui uso alinhado com as prescrições da GT nos contextos apresentados, e nenhum emprego do oblíquo tônico *mim*. Cunha & Cintra (2016, p.

315) dizem que as formas átonas podem ser empregadas como objeto direto ou indireto, ou seja, como complemento do verbo, em posição adjunta a ele, em que não há presença de preposição na superfície em que o verbo se encontra.

Com isso, o Aluno 8 mostrou que, apesar de fazer uso nasalizado do oblíquo átono de primeira pessoa do singular, isto é, pronunciando *me* como *mim*, em suas interações orais, não levou esse fato linguístico para suas produções escritas, isto é, não demonstrou, nesse caso, ser influenciado pela oralidade em sua escrita. Portanto, é possível notar que este aluno possui domínio das regras estabelecidas pela GT com relação ao uso desses pronomes pessoais oblíquos.

6.3 Atividade Lacunada

A terceira atividade aplicada com os alunos participantes da pesquisa, consistia no preenchimento de dez lacunas, empregando os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular ***me*** ou ***mim***. Solicitou-se a eles, na atividade, que completassem as lacunas usando os dois pronomes pessoais oblíquos em questão, procurando seguir as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para o uso desse tipo de pronome, para, dessa forma, perceber o nível de conhecimento formal deles com relação ao emprego desses oblíquos. Segundo Bechara (2019, p. 181), “os pronomes pessoais oblíquos funcionam como complementos de verbos, e são divididos em átonos (*sem preposição*) e tônicos (*com preposição*)”.

Destaca-se que, das dez lacunas presentes na atividade proposta, 05 (cinco) deveriam, conforme a GT, ser completadas com o átono *me* e 05 (cinco) com o tônico *mim*. Os dados coletados estão expostos em quadros, buscando, assim, uma melhor compreensão e análise destes.

Quadro 5 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me* x *mim*

ALUNO 1			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
2	0	5	3

Fonte: Corpus da pesquisa

Nesta terceira atividade, percebe-se que o Aluno 1 teve mais ocorrências de usos adequados do tônico *mim*, o que pode estar associado à presença de uma preposição no contexto, mas ainda cometeu três desvios ao usar esse pronome, quando era para ter grafado o átono *me*, ou seja, provavelmente, a ausência de uma preposição no contexto apresentado, somada à possível influência da oralidade, fê-lo cometer tal inadequação.

Com relação ao pronome *me*, provavelmente não cometeu nenhuma inadequação devido à presença de preposição nestas frases. Isso reforça a tese de que este aluno tende a usar o *mim* em vez do *me*, quando o pronome se encontra em posição adjunta ao verbo, assim como o fez nas atividades anteriores. Os dados referentes ao Aluno 1, nesta atividade, estão demonstrados na figura 28 seguinte.

Figura 28 – Atividade Lacunada do Aluno 1

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele *mim* deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para *mim*.
- C) Entregue a encomenda somente a *mim*.
- D) Essas questões de corrupção *mim* deixam tristes.
- E) Para *mim*, ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre *mim* contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para *mim*.
- H) Meu chefe nunca *mim* reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor *mim* parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em *mim*.

Fonte: Corpus da pesquisa

Fonte: *Corpus da pesquisa*

Quadro 6 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me* x *mim*

ALUNO 2			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
4	1	4	1

Fonte: *Corpus da pesquisa*

Presume-se que este participante, também devido à presença de preposição em algumas das frases apresentadas, registrou mais usos adequados do pronome *mim*, sendo que, apenas em um caso, cometeu desvio com relação ao uso desse oblíquo. Nesta atividade, este aluno empregou o pronome *me* em quatro, das cinco frases que exigiam a presença de tal pronome, contrariando, de certa forma, as duas atividades anteriores, em que fez a troca desse pronome átono pelo tônico em todos os casos, conforme se demonstra na figura 29 seguinte:

Figura 29 – Atividade Lacunada do Aluno 2

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele *me* deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para *mim*.
- C) Entregue a encomenda somente a *mim*.
- D) Essas questões de corrupção *me* deixam tristes.
- E) Para *mim*, ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre *me* contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para *me*.
- H) Meu chefe nunca *mim* reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor *me* parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em *mim*.



Fonte: *Corpus da pesquisa*

Quadro 7 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me* x *mim*

ALUNO 3			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
2	1	4	3

Fonte: *Corpus da pesquisa*

O Aluno 3 empregou o *mim* quatro vezes adequadamente e, de forma inadequada, em três casos, o que demonstra, tomando por base as inadequações cometidas, que ele possui dificuldade no uso do átono *me*, trocando-o pelo *mim*, em contextos em que a preposição não está presente. O número de acertos no uso do átono, corrobora a tese levantada. Abaixo, na figura 30, apresenta-se a atividade realizada pelo Aluno 3:

Figura 30 – Atividade Lacunada do Aluno 3

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele *mim* deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para *mim*.
- C) Entregue a encomenda somente a *mim*.
- D) Essas questões de corrupção *me* deixam tristes.
- E) Para *me*, ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre *mim* contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para *mim*.
- H) Meu chefe nunca *mim* reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor *me* parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em *mim*. ✓



Fonte: Corpus da pesquisa

Quadro 8 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me* x *mim*

ALUNO 4			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
5	0	5	0

Fonte: Corpus da pesquisa

O aluno 4, segundo exposto no quadro 8, não cometeu, na terceira atividade, nenhum uso inadequado dos pronomes oblíquos átono e tônico de primeira pessoa do singular, ratificando os dados já fornecidos por ele, ao desenvolver a atividade de produção textual (primeira atividade aplicada), na qual também não cometeu nenhum desvio com relação ao uso desses pronomes. Os dados são demonstrados na figura 31.

Figura 31 – Atividade Lacunada do Aluno 4

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele M deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para M.M.
- C) Entregue a encomenda somente a M.M.
- D) Essas questões de corrupção M deixam tristes.
- E) Para M.M. ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre M contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para M.M.
- H) Meu chefe nunca M reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor M parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em M.M.



Fonte: Corpus da pesquisa

Quadro 9 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me* x *mim*

ALUNO 5			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
5	0	5	0

Fonte: Corpus da pesquisa

O Aluno 5, consoante se vê no quadro 9, não cometeu também, na terceira atividade, nenhum uso inadequado dos pronomes oblíquos átono e tônico de primeira pessoa do singular, o que se configura como coerente com os dados já apresentados por ele, ao desenvolver a atividade de produção textual, na qual também não cometeu nenhum desvio com relação ao uso desses pronomes oblíquos. A atividade do Aluno 5 consta na figura 32 a seguir.

Figura 32 – Atividade Lacunada do Aluno 5

3ª atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele me deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para mim.
- C) Entregue a encomenda somente a mim.
- D) Essas questões de corrupção me deixam tristes.
- E) Para mim, ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre me contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para mim.
- H) Meu chefe nunca me reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor me parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em mim.

Fonte: Corpus da pesquisa

Fonte: *Corpus da pesquisa*

Quadro 10 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me* x *mim*

ALUNO 6			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
5	0	5	0

Fonte: *Corpus da pesquisa*

Analizando os dados do Aluno 6, referentes à terceira atividade aplicada, conclui-se que ele não apresentou nenhum desvio, tomando por base a GT, no que diz respeito ao uso dos pronomes oblíquos *me* e *mim*, ou seja, em todos os contextos apresentados nesta atividade de coleta, esse aluno empregou corretamente tais pronomes pessoais, assim como o fez na primeira atividade já analisada neste capítulo. É possível identificar, com base nos dados, que com relação aos preceitos da GT para esse tipo de uso pronominal, o Aluno 6 é possuidor desse conhecimento adotado pela gramática normativa da língua portuguesa. A figura 33, a seguir, traz a atividade do referido aluno.

Figura 33 – Atividade Lacunada do Aluno 6

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele me deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para mim.
- C) Entregue a encomenda somente a minha.
- D) Essas questões de corrupção me deixam tristes.
- E) Para mim, ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre me contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para mim.
- H) Meu chefe nunca me reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor não parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em mim.

Fonte: Corpus da pesquisa

Fonte: *Corpus da pesquisa*

Quadro 11 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me* x *mim*

ALUNO 7			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
4	0	5	1

Fonte: *Corpus da pesquisa*

Ao analisar os dados referentes ao Aluno 7, nesta terceira atividade aplicada, percebe-se que este apresentou uso adequado do pronome *me* em quatro das cinco vezes em que ele deveria ser grafado na atividade e nenhum uso indevido deste; já com relação ao pronome *mim*, este foi empregado corretamente, nos cinco casos que requeriam tal pronome, e registrou-se, também, um uso dele em desacordo com a GT em uma frase. Possivelmente, a presença de preposições nos contextos abordados, contribuiu para o registro correto do oblíquo tônico *mim*. Vê-se que ainda é possível identificar a troca do pronome oblíquo átono pelo tônico em uma das frases apresentadas, em que não havia a ocorrência de preposição como complemento verbal no contexto, segundo se demonstra na figura 34.

Figura 34 – Atividade Lacunada do Aluno 7

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele *mim* deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para *mim*.
- C) Entregue a encomenda somente a *mim*.
- D) Essas questões de corrupção *me* deixam tristes.
- E) Para *mim*, ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre *me* contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para *mim*.
- H) Meu chefe nunca *me* reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor *me* parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em *mim*.

CC-BY-NC-ND 4.0 International license.

Fonte: Corpus da pesquisa

Quadro 12 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me* x *mim*

ALUNO 8			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
5	0	5	0

Fonte: Corpus da pesquisa

O quadro 12 demonstra que o Aluno 8 não cometeu, na terceira atividade, nenhum uso inadequado dos pronomes oblíquos átono e tônico de primeira pessoa do singular, o que se alinha com os dados fornecidos por ele nas duas atividades anteriores, em que também não se detectou nenhum desvio com relação ao emprego dos pronomes oblíquos *me* e *mim*, o que oportuniza classificá-lo como um aluno que tem propriedade das normas estabelecidas pela GT para uso desse tipo de pronome, não sendo, portanto, influenciado em sua escrita, pela nasalização apresentada por ele ao pronunciar o átono *me* como *mim*. A atividade realizada pelo aluno 8, encontra-se na figura 35 em sequida:

Figura 35 – Atividade Lacunada do Aluno 8

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele me deu um livro de presente.

B) A professora deu um presente para mim.

C) Entregue a encomenda somente a minha.

D) Essas questões de corrupção me deixam tristes.

E) Para mim, ele sempre falou sobre sua vida.

F) Minha mãe sempre me contou sobre sua vida difícil na infância.

G) Leia esse poema para a turma e para mim.

H) Meu chefe nunca me reclamou durante todo esse tempo de trabalho.

I) O professor me parabenizou pelo trabalho apresentado.

J) Ela jogou um pacote em mim.

Fonte: Corpus da pesquisa

Quadro 13 – Atividade de preenchimento de lacunas com *me x mim*

ALUNO 9			
ME		MIM	
USO ADEQUADO	USO INADEQUADO	USO ADEQUADO	USO INADEQUADO
3	2	3	2

Fonte: Corpus da pesquisa

O *corpus* fornecido pelo Aluno 9, nesta atividade, mostrou uma quantidade mais ou menos equilibrada com relação ao emprego adequado e inadequado dos pronomes oblíquos átono e tônico referentes à primeira pessoa do singular, do que se pode entender que ele não possui domínio das regras de uso desses pronomes, já que apresentou alternância indevida entre os dois usos, não mantendo uma coerência constante ao responder à atividade proposta, no que se refere às normas gramaticais estabelecidas para o uso formal dos pronomes em questão, consoante se demonstra na figura 36 seguinte:

Figura 36 – Atividade Lacunada do Aluno 9

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele me deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para mim.
- C) Entregue a encomenda somente a me.
- D) Essas questões de corrupção mim deixam tristes.
- E) Para me, ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre mim contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para mim.
- H) Meu chefe nunca me reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor me parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em mim.

Fonte: NossaCultura.pt

Fonte: *Corpus* da pesquisa

Após expostos os resultados obtidos por meio da aplicação da terceira atividade (frases lacunadas), constatou-se que, no que diz respeito ao uso dos pronomes oblíquos *me* e *mim*, houve mais usos adequados destes do que inadequados, sendo constatado que, entre ambos, o pronome oblíquo tônico foi empregado corretamente mais vezes do que o oblíquo átono.

O pronome *mim*, de acordo com os *corpora* coletados, fora registrado adequadamente, pelos participantes, em 41 (quarenta e uma) vezes das quarenta e

cinco possíveis, e o átono *me*, apresentou 35 (trinta e cinco) usos adequados, dos quarenta e cinco usos possíveis. A presença de uma preposição em alguns dos contextos apresentados, pode ter contribuído para a maioria de usos corretos do pronome *mim*, já que a presença dessa classe de palavras, como complemento verbal em uma frase, pode favorecer a opção de uso por este oblíquo tônico. Bechara (2019, p. 180) ressalta que “ao contrário das formas átonas, as tônicas vêm sempre presas a preposição”.

Ainda no que concerne à terceira atividade, após observar e analisar os dados, constatou-se que o pronome *mim* fora empregado, ao invés do *me*, em 10 (dez) vezes entre as dez lacunas frasais apresentadas aos participantes, contextos esses em que esses participantes nasalizam o átono em suas falas. Já o pronome *me* fora registrado indevidamente por quatro vezes. Possivelmente, esse menor uso inadequado do átono *me* se deva à presença de uma preposição, como complemento de verbos, em metade das frases apresentadas.

É necessário frisar também que nessa atividade, o aluno tinha somente duas opções de registro (*me* ou *mim*), o que podia gerar, algumas vezes, uma escolha aleatória entre ambos por parte do participante, dando a ele, uma possibilidade de 50% (cinquenta por cento) de acerto ou de erro.

Neste capítulo, expuseram-se os dados coletados durante a aplicação da pesquisa de campo realizada com nove alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, como também foram expostas as análises e interpretações feitas sobre estes dados encontrados, assentadas na teoria empregada na composição deste estudo. No capítulo seguinte, são apresentadas as conclusões do autor deste estudo acerca do trabalho de pesquisa desenvolvido.

7 CONCLUSÃO

Os pronomes pessoais, mais especificamente os do caso oblíquo átono (*me*) e tônico (*mim*), de primeira pessoa do singular, são componentes linguísticos recorrentes nas interações comunicativas dos falantes da língua portuguesa, daí a relevância em se possuir o domínio do emprego adequado destes, levando em conta o padrão formal estabelecido pela gramática normativa.

Entre os alunos da turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola localizada na zona rural do município de Itainópolis-PI, é frequente, ao articularem, na fala, o pronome oblíquo átono *me*, pronunciarem-no de forma nasalizada, como se falassem *mim*, quando este se encontra em posição adjunta ao verbo, fato esse que os influencia a levarem essa inadequação para a escrita.

Em conformidade com o *corpus* coletado durante a pesquisa, a troca realizada por grande parte dos alunos, do pronome oblíquo *me* pelo tônico *mim*, em suas produções escritas, é uma realidade atestável, o que preocupa, já que ter propriedade do emprego desses pronomes, de acordo com a GT, é um conhecimento que se faz necessário, tanto para um bom desempenho escolar, principalmente nas aulas de língua portuguesa, como em outros contextos extraescolares.

O presente estudo teve como objetivo geral averiguar se a troca que os alunos fazem do pronome oblíquo átono *me* pelo tônico *mim*, em suas produções escritas, está relacionada à forma nasalizada como eles articulam o oblíquo átono em suas falas. De acordo com os resultados obtidos durante a realização deste estudo, verificou-se que há influência da fala na escrita dos alunos, no que concerne ao emprego do oblíquo tônico *mim* no lugar do átono *me*, fato que se fez presente, recorrentemente, nas atividades propostas a eles para coleta de dados, consoante exposto no capítulo da análise e discussão dos dados.

Nesse sentido, este trabalho comprovou seu objetivo principal; outrossim, cumpriu seus objetivos específicos, a saber: i) analisar produções escritas dos alunos em que esteja presente o uso dos pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular; ii) identificar o nível de conhecimento dos alunos sobre as regras prescritas pela gramática normativa, no que concerne ao uso dos pronomes *me* e *mim*; iii) elaborar proposta de intervenção pedagógica, explorando a ludicidade e a diversidade de

atividades, através do desenvolvimento de oficinas em que esteja envolvido o uso dos pronomes pessoais retos e oblíquos de primeira pessoa do singular.

Os dados apresentados por este estudo, favoreceram à elaboração de uma proposta pedagógica intervintiva, no sentido de sanar ou amenizar os problemas de uso dos pronomes pessoais oblíquos átono e tônico, mais diretamente, os de primeira pessoa do singular, manifestados pelos discentes pesquisados, para que eles possam obter resultados mais satisfatórios na sua vida escolar, bem como em outros contextos.

Ficou evidente para o autor da pesquisa, com a realização deste trabalho, a relevância que os estudos na área de Fonética e Fonologia têm para o professor de língua portuguesa. São disciplinas que promovem um embasamento teórico-prático imprescindível para o docente dessa área, preparando-o para perceber, com maior eficácia, problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos durante o ensino desse componente curricular, principalmente na área fonético-fonológica.

Como forma de orientação para este trabalho, levantaram-se algumas hipóteses, as quais foram confirmadas: i) o uso inadequado do pronome *mim*, em vez de *me*, na escrita dos discentes, é influenciado pela forma nasalizada como eles articulam este último em suas interações linguísticas orais; ii) Tal uso inadequado de ambos os pronomes mencionados está relacionado ao desconhecimento, por parte da maioria dos alunos observados, das regras prescritas pela gramática normativa para o uso destes; iii) A pronúncia nasalizada do pronome *me* que os discentes praticam, fazendo-o como *mim*, está relacionada, em grande parte, ao desconhecimento da diferença entre clíticos oral e nasal.

Decidiu-se aplicar a pesquisa em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola situada na zona rural do município de Itainópolis-PI, com um total de nove alunos, na faixa etária entre treze e quinze anos, todos oriundos da comunidade onde fica localizada a escola e de localidades vizinhas. A turma pesquisada tem como professor de língua portuguesa, o pesquisador e produtor deste estudo, fato esse que permitiu que este docente convivesse diariamente, durante as aulas, com o problema objeto desta pesquisa.

Durante a coleta dos dados, foram aplicadas três atividades aos alunos, sendo a primeira, a produção de um texto narrativo direcionado; a segunda, um ditado de frases com a presença do pronome oblíquo de primeira pessoa do singular; e a terceira, que consistiu no preenchimento de lacunas com os pronomes *me* ou *mim*,

conforme descrito no capítulo da metodologia, o que permitiu ao pesquisador, o contato direto com os dados fornecidos pelos discentes, ao cumprarem as tarefas solicitadas.

Destaca-se que foi na segunda atividade aplicada, que envolveu fala e escrita, em que se constatou maior recorrência de trocas indevidas do pronome oblíquo átono *me* pelo oblíquo tônico *mim*, sugerindo, destarte, uma interferência da fala na escrita dos discentes envolvidos.

Constatou-se, por meio do estudo, que há um desconhecimento da diferença entre os clíticos oral e nasal em foco, por um número significativo entre os alunos participantes do estudo.

Dos nove alunos observados, quatro apresentaram uso inadequado do pronome oblíquo tônico *mim*, ao invés do átono *me*, com grande recorrência nas atividades propostas; quatro alunos também tiveram recorrência de troca do oblíquo átono *me* pelo tônico *mim* em um número significativo nas atividades propostas; e apenas um aluno, identificado como Aluno 8, não apresentou, em nenhuma das atividades solicitadas, emprego inadequado do tônico *mim* no lugar do átono *me*, segundo se relata minuciosamente no capítulo da análise e discussão dos dados.

Os resultados da pesquisa realizada mostraram que há influência da fala dos alunos, ao pronunciarem, em suas interações linguísticas, o pronome átono *me* de forma nasalizada, fazendo-o como *mim*, a qual é levada para a escrita, caracterizando-se, assim, como uso inadequado deste pronome oblíquo tônico em grande parte de suas produções escritas.

Quanto ao conhecimento das regras prescritas pela GT, referente ao emprego dos pronomes pessoais oblíquos de primeira pessoa do singular, notou-se, a partir dos dados coletados e analisados, que grande parte dos alunos da turma pesquisada apresenta deficiência no domínio dessas prescrições gramaticais, o que contribui para que haja a troca inadequada entre os pronomes oblíquos em foco, tanto na oralidade como na escrita.

Conclui-se que o embasamento teórico do pesquisador, que serviu de base para a realização deste estudo, contribuiu significativamente para uma análise sólida dos dados obtidos por meio da coleta feita, o que permitiu uma interpretação e uma compreensão eficazes e nítidas dos resultados encontrados. Os estudos dos teóricos embasadores sobre o fenômeno fonológico da nasalidade, foram essenciais para a composição deste trabalho.

Não se pretende aqui, com os resultados obtidos durante a pesquisa para a elaboração deste estudo, esgotar a discussão sobre o emprego em desacordo com a gramática normativa, com relação aos pronomes pessoais oblíquos de primeira pessoa do singular, praticado pelos alunos em questão, tanto na oralidade quanto na escrita. Essa discussão pode e deve ter continuidade para que mais esclarecimentos possam contribuir para mitigar os problemas causados por uma aprendizagem deficitária no que diz respeito aos pronomes pessoais em foco neste trabalho.

Para este momento, fica o sentimento de dever cumprido, e o compromisso de continuar buscando contribuir, para sanar, ou pelo menos amenizar, os entraves concernentes à aprendizagem, que afligem a educação básica em escolas brasileiras, mais especificamente no ensino/aprendizagem de língua portuguesa. Espera-se que este trabalho possa despertar, em professores de língua portuguesa da educação básica, o desejo e o compromisso para investigar problemas que afetam a aprendizagem dos alunos, e a busca por estratégias pedagógicas para saná-los ou torná-los menos recorrentes no uso efetivo da língua.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete M., CASTILHO, Ataliba T., **Gramática do português culto falado no Brasil** : volume VII : a construção fonológica da palavra / coordenador geral Ataliba T. de Castilho; organizadora Maria Bernadete M. Abaurre. – São Paulo : Contexto, 2013.

ABAURRE, Maria Bernadete M., PAGOTTO, Emilio Gozze, **Nasalização Fonética e variação**; Gramática do português culto falado no Brasil : volume VII : a construção fonológica da palavra / coordenador geral Ataliba T. de Castilho; organizadora Maria Bernadete M. Abaurre. – São Paulo : Contexto, 2013.

ABAURRE, Maria Bernadete M., RODRIGUES, Angela C. S., Gramática do Português Falado / Maria Bernadete M. Abaurre e Angela C. S. Rodrigues (orgs) – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de, 1911 – 1998. **Gramática latina: curso único e completo** / Napoleão Mendes de Almeida. – 29. ed. – São Paulo : Saraiva, 2000.

ALVES, Ubiratã Kickhofel. **Teoria da Sílaba**. HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmem Lúcia. **Fonologia, fonologias**: uma introdução / Rubens M. Lucena ... [et al.]. – São Paulo : Contexto, 2017, 192 p.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: como é, como se faz. 45. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BATTISTI, Elisa, VIEIRA, Maria José Blaskovski. **O sistema vocálico do português**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPel). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. [RECURSO ELETRÔNICO], / ORG. Leda Bisol. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014. 286 p.

BECHARA, Evanildo, **Moderna Gramática Portuguesa** / Evanildo Bechara. – 39. ed., rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. 2. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. [RECURSO ELETRÔNICO], / ORG. Leda Bisol. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014. 286 p.

BOTELHO, José Mario. **A nasalidade das vogais em Português**. ano VII. n. 14. Artigo científico, SOLETRAS, UERJ e ABRAFIL, FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, São Gonçalo, jul./dez., 2007.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.

BRASIL. Ministério da Educação. 2000. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC.

BRASIL. Ministério da Educação. 2007. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. 2017. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica. Brasília.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174p.

CÂMARA Jr., J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 42. ed. 2009 [1970].

CEGALLA, Domingos Paschoal, **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** / Domingos Paschoal Cegalla. – São Paulo, SP : Companhia Editora Nacional, 2020.

COLLISCHONN, Gisela. **A Sílaba em Português**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. [RECURSO ELETRÔNICO], / ORG. Leda Bisol. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014. 286 p.

COMBA, Júlio. **Programa de latim**: Introdução à língua latina, volume 1 / Júlio Comba. – 18. ed. ver. e atual. São Paulo : Editora Salesiana, 2002.

COMBA, Júlio. **Programa de latim**: Introdução aos clássicos latinos : volume 2 / Júlio Comba. – 6. ed. - São Paulo : Editora Salesiana, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Nova gramática do português contemporâneo** / Celso Ferreira da Cunha, Luis Filipe Lindley Cintra . – 7. ed.. - Rio de Janeiro : Lexicon, 2016.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo** / Celso Cunha, Luis F. Lindley Cintra. 3. ed. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

EVANILDO, Bechara. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmem Lúcia. **Fonologia, fonologias: uma introdução** / Rubens M. Lucena ... [et al.]. – São Paulo : Contexto, 2017, 192 p.

JESUS, Margareth dos Santos. **Pronome pessoal oblíquo na linguagem escrita contemporânea de língua portuguesa: uma pesquisa sociolinguística.** [21 -?]. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo, Parábola Editorial. 2008 [1972].

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 1996.

LIMA, Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida; MOTA, Rosânia Fernandes Pereira. **Da oralidade à produção escrita: um estudo sobre o (des)uso variacionista do pronome oblíquo.** Entretextos, ISSN 1519-5392 UEL, DOI: 10.5433/1519-5392, v. 23, n. 3, p. 118-136, 2023.

MAIA, Lilian de Sant'anna; KANTACH, Gessilene Silveira. Uso de ME/MIM em posição adjunta ao verbo. **WEB – Revista Sociodialeto.** ISSN: 2178 – 1486. Volume 8. n. 23. Ago/Nov 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **ORALIDADE E ESCRITA.** Signótica, 9:119-145, jan/dez. 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010

MENDONÇA, Ana Maria Santos de; OLIVEIRA, Alan Jardel. Nasalização fonética no português brasileiro: uma revisão sistemática de literatura. UFAL. **Revista do GELNE**, v. 21, n. 2, 2019.

MONARETTO, Valéria N. O.; QUEDNAU, Laura Rosane; DA HORA, Dermerval. **AS CONSOANTES DO PORTUGUÊS.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2014. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** [RECURSO ELETRÔNICO], / ORG. Leda Bisol. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014. 286 p.

PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Aprender e praticar gramática** : volume único : ensino médio / Mauro Ferreira. – 4. ed. – São Paulo : FTD, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Gramática e política.** In: Geraldi, João Wanderley (org.). *O Texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 47-56.

RODRIGUES, Éllis Márcia Batista. **A Nasalidade na escrita de alunos do quarto e quinto anos do ensino fundamental I – Descrição e intervenção pedagógica.** 2016. 151 f. : il. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Uberlândia, 2016.

SILVA, Juçara Grubert; CHAVES, Aline Saddi et al. **As marcas da oralidade na escrita: reflexões e desafios no ensino de língua portuguesa.** Revista Philologus, Ano 28, n. 84, Rio de Janeiro: CIFEIL, set./dez. 2022.

SILVA, T.C. **Fonética e Fonologia do Português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2002.

TERRA, Ernani. **Português de olho no mundo do trabalho:** volume único / Ernani Terra, José De Nicola. – São Paulo : Scipione, 2004.

TRUBETZKOY, N. S. **A fonologia atual.** In: DASCAL, Marcelo(org). Fundamentos metodológicos da Linguística. V. II. Fonologia e Sintaxe. Campinas, UNICAMP1981.

VAGONES, Elvira Wanda. **A Fonética e seus precursores.** Alfa, São Paulo, 24 : 179 – 85, 1980.

WEBGRAFIA

ARAÚJO, Maurício. **Toda Matéria.** Atividade Pronomes Pessoais - Com Gabarito - Anos Finais - Tudo Sala de Aula. Disponível em:
<https://www.tudosaladeaula.com/2022/07> Acessado em 29 mar. 2025.

CONSOANTES do português. Aparelho fonador. Fonética articulatória - Aparelho fonador. **Fonologia.org**, 2023, 2024. Disponível em:
<https://fonologia.org/> Acessado em 01 set. 2023 e 06 fev. 2024.

DIANA, Daniela. **Toda Matéria**, Mim ou me, [s.d.]. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/mim-ou-me/>. Acesso em 29 mar. 2025

ME ou MIM. **Youtube.** Disponível em:
<https://youtu.be/uyIN5015uoo?si=L9I950vtrpJtcR2U> Acessado em 29 mar. 2025.

ME ou MIM? Quando usar um ou outro? **Youtube.** Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=IkFWnQ_QaTI Acessado em 29 mar. 2025.

PRONOME oblíquo: quais são e usos. **Brasil escola.** Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/pronomes-pessoais-obliquos> Acessado em 20 fev. 2025.

QUANDO usar “me” e “mim”. **Youtube.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=l1THA3vg5UQ> Acessado em 29 mar. 2025.

RESUMO DE CHARGES E TIRINHAS. **Planejativo.** Disponível em:
<https://app.planejativo.com/estudar/32/resumo/portugues-charges-e-tirinhas> Acessado em 15 mai. 2025.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Produção Textual Narrativa

PRODUÇÃO DE TEXTO (1^a atividade)

Produza um texto, com no mínimo 10 (linhas), relatando o que aconteceu no seu dia de hoje, mais especificamente nesta manhã. Os acontecimentos podem ser reais ou fictícios. No texto produzido, você deve dizer que um(a) amigo(a) te ligou, que te convidou para um passeio, que te contou um segredo e te pediu que mantivesse sigilo sobre ele, ou seja, que não falasse sobre isso para ninguém. Você deve dizer também que essa pessoa te falou como está sendo a sua vida nos últimos tempos e que te pediu para nunca deixar a amizade de vocês terminar.

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Apêndice 2 – Ditado de Frases

DITADO DE FRASES (2^a atividade)

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Apêndice 3 – Atividade lacunada

3^a atividade

1. Preencha as lacunas com os pronomes oblíquos de primeira pessoa do singular *me* ou *mim*, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa da língua portuguesa para esse tipo de pronome.

- A) Ele _____ deu um livro de presente.
- B) A professora deu um presente para _____.
- C) Entregue a encomenda somente a _____.
- D) Essas questões de corrupção _____ deixam tristes.
- E) Para _____, ele sempre falou sobre sua vida.
- F) Minha mãe sempre _____ contou sobre sua vida difícil na infância.
- G) Leia esse poema para a turma e para _____.
- H) Meu chefe nunca _____ reclamou durante todo esse tempo de trabalho.
- I) O professor _____ parabenizou pelo trabalho apresentado.
- J) Ela jogou um pacote em _____.

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
 COORDENAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -
 PROFLETRAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Caro(a) pai/mãe/responsável legal,

Venho, por meio deste, convidar o(a) seu/sua filho(a) para participar da minha pesquisa de Mestrado Profissional em Letras, com o título “DA FALA PARA A ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ME x MIM POR ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL”, pedindo, assim, o seu consentimento para a participação dele/dela nesse estudo. Trata-se de um estudo que será realizado na área de língua portuguesa com alunos da turma do 8º ano do Ensino Fundamental, na turma em que seu/sua filho(a) estuda, em uma escola municipal de Itainópolis-PI.

Meu nome é José Kelli Santos Ibiapino Albuquerque, sou aluno do Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual do Piauí; sou pós-graduado (especialista) em Língua Inglesa e em Língua Espanhola; graduado(formado) em Letras Português e em Letras/Espanhol, pela UESPI, e em Letras/Inglês, pela UFPI. Atualmente, sou professor efetivo da rede estadual de ensino do Piauí e da rede municipal de ensino de Itainópolis-PI.

Este trabalho de pesquisa é uma exigência do Curso de Mestrado do qual sou aluno, que pertence à Universidade Estadual do Piauí, localizada na Rua João Cabral, 2231, Bairro Pirajá. CEP: 64.002-150. Teresina – Piauí. Telefone: (86) 3213-2547/7942.

A realização desse estudo/pesquisa se torna importante e necessária devido à recorrência de usos inadequados(errados) com relação aos pronomes ME e MIM, muito percebidos nos textos escritos pelos alunos da turma, fato observado constantemente pelo professor de língua portuguesa da turma, e que afeta a qualidade desses textos.

Através dos resultados obtidos por meio da pesquisa realizada, serão desenvolvidas, por esse pesquisador, atividades como forma de se buscar intervir

nesse problema de uso, pelos alunos pesquisados, dessas duas palavras, para ensinar a eles como se deve usar corretamente esses pronomes, tanto na fala como na escrita, o que trará, para eles, melhores resultados na sua aprendizagem.

O objetivo geral desta pesquisa é perceber se o uso inadequado(errado) que os alunos cometem em seus textos escritos, referente aos pronomes pessoais ME e MIM, está relacionado à forma nasalizada que eles apresentam quando falam essas palavras, isto é, dizendo MIM ao invés de ME.

A turma pesquisada funciona no horário da tarde, é composta por nove alunos, sendo cinco destes do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com idades entre treze e quinze anos, sendo eles da comunidade onde está situada a escola e de localidades vizinhas, todas pertencentes à zona rural.

Seguindo os critérios éticos que devem ser adotados no que diz respeito a qualquer estudo de natureza científica, os nomes dos alunos participantes desta pesquisa não serão divulgados, respeitando sempre os limites de sua privacidade, não lhes trazendo, com os resultados obtidos na realização deste trabalho, nenhum tipo de prejuízo para suas vidas.

A pesquisa com os alunos será feita por meio de uma produção textual narrativa direcionada, em que o participante produzirá um texto, com no mínimo 10 (linhas), relatando o que aconteceu no seu dia, mais especificamente naquela manhã. Os acontecimentos podem ser reais ou não. No texto produzido, o aluno dirá que um(a) amigo(a) ligou para ele, que o convidou para um passeio, que lhe contou um segredo e lhe pediu que mantivesse sigilo sobre ele, ou seja, que não falasse sobre isso para ninguém. O aluno deve dizer também que essa pessoa lhe falou como está sendo a sua vida nos últimos tempos e que lhe pediu para nunca deixar a amizade deles terminar. Isso fará com que haja, no texto, a presença do pronome oblíquo de primeira pessoa do singular (me/mim).

Será realizado também um ditado com 10 (dez) frases curtas em que esteja presente o pronome oblíquo átono de primeira pessoa do singular “me”, o qual será nasalizado (pronunciado como “mim”), de propósito pelo pesquisador, para perceber se essa nasalidade será registrada na escrita dos alunos.

Será aplicada, ainda, uma atividade lacunada (espaços em branco no meio de frases), em que os alunos terão que preencher essas lacunas presentes com os pronomes oblíquos *me* ou *mim*, para identificar o nível de conhecimento do uso correto dessas palavras pelos alunos participantes da pesquisa.

Informo a você, que será mantido, como já dito antes, o sigilo sobre a identidade dos participantes, a qual só será divulgada caso estes manifestem esse desejo.

Será garantido a seu(sua) filho(filha) o direito de resarcimento, caso ele/ela venha a ter alguma despesa financeira para participar dessa pesquisa, ou seja, se ele/ela tiver que fazer alguma despesa relacionada a essa pesquisa, ele/ela receberá de mim, em dinheiro, cédula ou via PIX, o mesmo valor gasto ou com algum acréscimo, caso tenha alguma taxa cobrada a mais.

Informo a você também que, caso o/a aluno/a, (seu/sua filho/a), ao ter contato com o material que vai ser aplicado (folhas para produção textual, escrita de frases e preenchimento de lacunas), fique, a princípio, um pouco apreensivo, desconfortável ou até mesmo inseguro sobre o que vai fazer, te asseguro que será dada por mim, toda assistência necessária no momento da realização das atividades ou após ele, em grupo ou de forma individual, e serão feitos, também por mim, todos os esclarecimentos para tirar todas as dúvidas dele/dela sobre as atividades, para que ele/ela possa fazer essas atividades solicitadas de forma tranquila, confiante e confortável. Será dado, por mim, todo o apoio necessário a ele/ela para que ele/ela possa fazer as atividades sem nenhuma preocupação, desconforto ou dúvida.

O participante dessa pesquisa terá plena liberdade para decidir se quer participar ou não do estudo, podendo, a qualquer momento, após decidir pela sua participação, pedir afastamento dele.

O participante será informado pelo pesquisador sobre todas as etapas da pesquisa, assim como receberá todas as instruções e esclarecimentos necessários sobre cada etapa que compuser esse estudo, bem como também terão livre acesso aos resultados obtidos por esse trabalho de pesquisa.

Informo-lhe, ainda, que você receberá, por escrito, uma via desse documento rubricada em todas as páginas e assinada por você e por mim, para que você possa ter sempre esse documento com você enquanto quiser e achar necessário.

Durante toda a pesquisa e após ela, você e os alunos participantes terão direito a acompanhamento sobre qualquer questão relacionada a ela, podendo me procurar ou entrar em contato comigo para qualquer tipo de dúvida ou esclarecimento relacionado à pesquisa feita, pois estarei à sua disposição para isso.

Caso haja algum tipo de dano ou prejuízo relacionado à participação do aluno nessa pesquisa, informo-lhe que todas as providências serão tomadas por mim, no sentido de solucionar tais problemas, bem como haverá indenização pelo possível dano causado.

Será garantido a você pai, mãe ou responsável, o contato direto com o pesquisador a qualquer tempo, seja durante o estudo ou após, por meio de meu endereço, email e/ou contato telefônico, conforme descrito abaixo:

Endereço: Rua São Francisco, 630, apartamento 102, bairro Centro, CEP: 64600-012, Picos-PI; email: jk01976@yahoo.com.br; Telefone: (89) 99427-2957.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, Picos-PI, Este órgão é responsável por analisar e orientar as questões éticas implicadas nas pesquisas científicas que envolvem seres humanos, observando a defesa da integridade e dignidade dos participantes da pesquisa no desenvolvimento dentro de padrões éticos. Tal órgão fica localizado na rua Cícero Duarte, nº 905, bairro Junco, CEP: 64.607-670, Picos-PI; email: cep-picoss@ufpi.edu.br e Telefone: (89) 3422 – 3003, com horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13 às 17h.

Ressalta-se que o participante e você, pai/mãe ou responsável, terão acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente e de acordo com o que me foi exposto, Eu _____ declaro que AUTORIZO a participação nesta pesquisa, de meu(minha) filho(filha) ou tutelado _____, dando pleno consentimento para uso das informações por ele(a) prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Itainópolis-PI, 04 de Dezembro de 2024.

Pai/Mãe/Responsável legal

José Kelli Santos Ibiapino Albuquerque
Pesquisador

Fonte: Elaboração do autor (2024)

Apêndice 5 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
 COORDENAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Caro(a) aluno(a) participante,

Sou o pesquisador José Kelli Santos Ibiapino Albuquerque, sou aluno do Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Estou fazendo uma pesquisa sobre o uso dos pronomes pessoais oblíquos (ME e MIM) com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental e, como você é aluno matriculado nesta série escolar, venho te convidar para participar da minha pesquisa, pois sei que sua participação trará excelentes resultados para esse trabalho. Te informo que seus pais ou responsáveis também serão consultados para permitir a sua participação. Caso não queira participar, sua decisão será respeitada. Te digo ainda que você poderá conversar com alguém antes de concordar ou não em participar.

A minha pesquisa, pra qual você está sendo convidado, por mim, para participar, tem como objetivo identificar o uso feito pelos alunos da sua turma, com relação aos pronomes pessoais oblíquos, que são o ME e o MIM, para, a partir dos resultados obtidos, eu desenvolver com vocês, atividades na sua sala de aula, trabalhando o uso correto, com todos os alunos da sua turma, dessas duas palavras, para que não tenha, nos textos de vocês, o uso errado dessas duas palavras que são chamadas de pronomes pessoais oblíquos. Esse trabalho que será feito por mim, que sou o professor de língua portuguesa de vocês da turma do 8º ano, trará grandes benefícios para a aprendizagem de todos vocês.

A sua participação, nesta pesquisa, depende de você e, caso opte por não participar, informo a você que nada mudará no seu tratamento ou na relação com o pesquisador ou a escola.

A pesquisa será feita da seguinte forma: você vai escrever um texto, em sala de aula, com no mínimo 10 (linhas), relatando o que aconteceu no seu dia, mais especificamente na sua manhã. Os acontecimentos podem ser reais ou não. No texto produzido, você dirá que um(a) amigo(a) seu te ligou, que te convidou para um passeio, que te contou um segredo e te pediu que mantivesse sigilo sobre ele, ou seja, que não falasse sobre isso para ninguém. Você deve dizer também que essa pessoa te falou como está sendo a vida dela nos últimos tempos e que te pediu para nunca deixar a amizade de vocês terminar.

Você participará também de um ditado com 10 (dez) frases curtas, que serão ditadas por mim para que vocês escrevam, e ainda, fará uma atividade de preenchimento de lacunas (linhas em branco) dentro de frases, usando os pronomes ME ou MIM. Informo-lhe que essas atividades serão feitas em sala de aula, no horário das aulas e que o seu nome não será divulgado como participante da pesquisa.

Informo a você também que, caso você, ao ter contato com o material que vai ser aplicado (folhas para produção textual, escrita de frases e preenchimento de lacunas), fique, a princípio, um pouco apreensivo, desconfortável ou até mesmo inseguro sobre o que vai fazer, te asseguro que será dada a você por mim, toda a assistência necessária no momento da realização das atividades ou após ele, em grupo ou de forma individual, e serão feitos, também por mim, todos os esclarecimentos para tirar todas as suas dúvidas sobre as atividades, para que você possa fazer essas atividades solicitadas de forma tranquila, confiante e confortável. Será dado, por mim, todo o apoio necessário a você para que você possa fazer as atividades sem nenhuma preocupação, desconforto ou dúvida.

Seguindo os critérios éticos que devem ser adotados no que diz respeito a qualquer estudo de natureza científica, a identidade do aluno participante deste estudo será preservada, bem como os limites de sua privacidade, não lhes trazendo, com os resultados obtidos na realização deste trabalho, nenhum tipo de prejuízo para suas vidas.

O participante dessa pesquisa terá plena liberdade para decidir se quer participar ou não do estudo, podendo, a qualquer momento, após decidir pela sua participação, pedir afastamento dele.

O participante será informado, pelo pesquisador, sobre todas as etapas da pesquisa, assim como receberá todas as instruções e esclarecimentos necessários sobre cada etapa que compuser esse estudo, bem como também terá livre acesso aos resultados obtidos por esse trabalho de pesquisa. Esses resultados, após a pesquisa, poderão ser publicados em meios de divulgação científica, mas a identidade dos participantes nunca será divulgada.

Informo-lhe, ainda, que você receberá, por escrito, uma via desse documento rubricada em todas as páginas e assinada por você e por mim, para que você possa ter sempre esse documento com você enquanto quiser e achar necessário.

Durante toda a pesquisa e após ela, você terá direito a acompanhamento sobre qualquer questão relacionada a ela, podendo me procurar ou entrar em contato comigo para qualquer tipo de dúvida ou esclarecimento relacionado à pesquisa feita, pois estarei à sua disposição para isso.

Caso haja algum tipo de dano ou prejuízo relacionado à sua participação nessa pesquisa, informo-lhe que todas as providências serão tomadas por mim, no sentido de solucionar tais problemas, bem como indenização pelo possível dano causado.

Será garantido a você o direito de resarcimento, caso você venha a ter alguma despesa financeira para participar dessa pesquisa, ou seja, se você tiver que fazer alguma despesa relacionada a essa pesquisa, você receberá de mim, em dinheiro, cédula ou via PIX, o mesmo valor gasto ou com algum acréscimo, caso tenha alguma taxa cobrada a mais.

Será também garantido a você, participante dessa pesquisa, o contato direto comigo, que sou o pesquisador, a qualquer tempo, tanto por você como por outra pessoa por você indicada para isso, seja durante o estudo ou após, para qualquer tipo de esclarecimento sobre a pesquisa, por meio do meu endereço, email e/ou contato telefônico, conforme descrito abaixo:

Endereço: Rua São Francisco, 630, apartamento 102, bairro Centro, CEP: 64600-012, Picos-PI; email: jk01976@yahoo.com.br; Telefone: (89) 99427-2957.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, Picos-PI, Este órgão é responsável por analisar e orientar as questões éticas implicadas nas pesquisas científicas que envolvem seres humanos, observando a defesa da integridade e dignidade dos participantes da pesquisa no desenvolvimento dentro de padrões éticos. Tal órgão fica localizado na rua Cícero Duarte, nº 905, bairro Junco, CEP: 64.607-670, Picos-PI; email: cep-picoss@ufpi.edu.br e Telefone: (89) 3422 – 3003, com horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13 às 17h.

O aluno/participante terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente e de acordo com o que me foi exposto, Eu _____ declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubro todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Itainópolis-PI, 04 de Dezembro de 2024.

Aluno/Participante

José Kelli Santos Ibiapino Albuquerque
Pesquisador

Fonte: Elaboração do autor (2024)

ANEXOS

Anexo 1 - Frases Ditadas para o Aluno 1

DITADO DE FRASES (2^a atividade)

1. Ela mim contou um segredo
2. Ela mim chamou para uma lista
3. Sempre mim cinto bem os domingos
4. As notícias boas mim deixam alegres
5. Meu amigo mim ligou ontem
6. Pesso que mim fale um pouco mais sobre você
7. A professora mim deu resposta da questão
8. Eu mim esqueci de ter falado isso
9. Ela não mim entende
10. Eu mim diverti muito na festa

Fonte: Corpus da pesquisa

Anexo 2 - Frases Ditadas para o Aluno 2

DITADO DE FRASES (2^a atividade)

1. Ela mim contou um segredo
2. Ela mim chamou para uma lista
3. Sempre mim cinto bem os domingos
4. As notícias boas mim deixam alegres
5. Meu amigo mim ligou ontem
6. Pesso que mim fale um pouco mais sobre você
7. A professora mim deu a resposta da questão
8. Eu mim esqueci de ter falado isso
9. Ela não mim entende
10. Eu mim diverti muito na festa

Fonte: Corpus da pesquisa

Anexo 3 - Frases Ditadas para o Aluno 3

DITADO DE FRASES (2^a atividade)

1. ela mim contou um segredo
2. ela mim chamou para uma Festa
3. Sempre mim sente bem ou os demais
4. os notícias naus mim deixa alegrí
5. meu amigo mim levo ontem
6. Poco tempo mim fale um pouco mais sobre você
7. a professora mim disse a resposta da questão
8. eu ~~mim~~ mim contendo dizer Fabio isso
9. ele não mim entende
10. eu mim diverti muito na Festa

Fonte: Corpus da pesquisa

Fonte: Corpus da pesquisa

Anexo 4 - Frases Ditadas para o Aluno 4

DITADO DE FRASES (2^a atividade)

1. she me wrote him a message
2. she me showed me her brother
3. she me said him in the morning
4. she went there hours in the last weekend
5. she always me know on time
6. she say me that she has no time because
7. she doesn't me like in the middle of the week
8. she me mentioned in Friday is free
9. she said me that I'm not
10. she me invited me to the party

Fonte: Corpus da pesquisa

Fonte: Corpus da pesquisa

Anexo 5 - Frases Ditadas para o Aluno 5

DITADO DE FRASES (2ª atividade)

1. Ela me contou um segredo
2. Ela me ~~me~~ chamou para uma festa
3. Sempre me senti bem aos domingos
4. As notícias boas me deixam alegre
5. Meu amigo me ligou ontem.
6. Pesso que me deu um biscoito mais você
7. A professora me disse a resposta da questão
8. Eu me arrependo de ter falado isso
9. Ele não me entende
10. Eu me diverti muito na festa

CC BY-NC-ND 4.0 International

Fonte: Corpus da pesquisa

Anexo 6 - Frases Ditadas para o Aluno 6

DITADO DE FRASES (2ª atividade)

1. Ela me contou um segredo
2. Ela me chamou para uma festa
3. sempre me senti bem aos domingos
4. As notícias boas me deixam alegre
5. meu amigo me ligou ontem
6. pesso que me deu um biscoito mais você
7. A professora minha disse a resposta da questão
8. Eu me arrependo de ter falado isso
9. Ele não me entende
10. Eu me diverti muito na festa.

CC BY-NC-ND 4.0 International

Fonte: Corpus da pesquisa

Anexo 7 - Frases Ditadas para o Aluno 7**DITADO DE FRASES (2ª atividade)**

1. Ela me contou um segredo.
2. Ela me chamou para uma festa.
3. Sempre me sinto bem aos domingos.
4. As notícias boas me deixam alegre.
5. Meu amigo me ligou ontem.
6. Peço que me fale um pouco mais sobre você.
7. A professora mim disse a resposta da questão.
8. Eu me arrependo de ter falado isto.
9. Ele não me entende.
10. Eu me diverti muito na festa.

 CC-BY-NC-ND

Fonte: Corpus da pesquisa

Anexo 8 - Frases Ditadas para o Aluno 8**DITADO DE FRASES (2ª atividade)**

1. Ela me contou um segredo.
2. Ela me chamou para uma festa.
3. Sempre me sinto bem aos domingos.
4. As notícias boas me deixam alegre.
5. Meu amigo me ligou ontem.
6. Peço que me fale um pouco mais sobre você.
7. A professora me disse a resposta da questão.
8. Eu me arrependo de ter falado isto.
9. Ele não me entende.
10. Eu me diverti muito na festa.

 CC-BY-NC-ND

Fonte: Corpus da pesquisa

Anexo 9 - Frases Ditadas para o Aluno 9**DITADO DE FRASES (2ª atividade)**

1. ela m^{im} cantou um s^cento
2. ela m^{im} ^{chonou} para uma festa
3. sempre m^{im} sinta^o em os domingos
4. os notícias boas m^{im} deixam alegre
5. meu a migo m^{im} d^{ig}ou ontem
6. peço que m^{im} fale um pouco mais sobre voc^ê
7. o professor m^{im} disse a respostas que se põem
8. eu m^{im} ouvindo de t^r falando isso
9. ele n^{ão} m^{im} entende
10. eu m^{im} diverti ^{am} muito na festa

Fonte: Corpus da pesquisa